



Mito Pessoal e Destino Humano

ADENAUER NOVAES



FUNDAÇÃO
LAR HARMONIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



*Mito Pessoal e
Destino Humano*





1ª Edição
Do 1º ao 5º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação
Direção de arte: Gabriela Díaz
Foto da capa: Michel Rey
Revisão: Hugo Pinto Homem
Revisão de conteúdo: Silzen Furtado
Diagramação: Joseh Caldas

Copyright ©2005 by
Fundação Lar Harmonia
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020

atendimento@larharmonia.org.br
www.larharmonia.org.br
Fone-fax: (071) 3286-7796

Impresso no Brasil

ISBN: 85-86492-21-3

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção
das obras da Fundação Lar Harmonia.



Adenáuer Novaes

*Mito Pessoal e
Destino Humano*



F U N D A Ç Ã O
LAR HARMONIA

FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ (MF) 00405171/0001-09
Rua da Fazenda, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2005

Novaes, Adenauer Marcos Ferraz de. *Mito Pessoal e Destino Humano*. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 11/2005

256p.

1. Espiritismo. I. Novaes, Adenauer; 1955.
– II. Título.

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

- | | |
|----------------|-------|
| 1. Espiritismo | 133.9 |
| 2. Psicologia | 154.6 |



F. Nietzsche

Amo aqueles que não procuram atrás das estrelas uma razão para sucumbir e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que a terra um dia se torne do além-do-homem.

C. G. Jung

Não se pode mudar aquilo que interiormente não se aceitou.

Allan Kardec

A vida humana é, pois, cópia da vida espiritual; nela se nos deparam, em ponto pequeno, todas as peripécias da outra.

Jesus

Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.





Dedicatória

Dedico este livro aos espíritos que já ultrapassaram a barreira do corpo físico e que se esmeram na educação do ser humano visando sua conexão com Deus.



Índice

Mito pessoal e destino humano	9
O sonho	11
Divina conexão	17
A vida a que se quer dar sentido	21
Imagens da vida	27
Funcionamento da mente	35
Mito pessoal	39
Destino humano	45
Anseios ocultos	49
Buscas arquetípicas	53
Polarizações típicas	59
Repetições de experiências	63
Eventos em <i>sincronicidade</i>	69
Eventos mediúnicos	75
Sinais e símbolos da vida	81
Direção da <i>energia psíquica</i>	93
Sonhos	97
<i>Complexos</i>	101
Identificando o próprio mito pessoal	107
Sentido da vida	113
Jesus e o sentido da vida	119
As religiões e a constituição da religião pessoal	129
O Espiritismo e o sentido da vida	139

A crise do Século XXI	145
No seio de Deus	151
<i>Função transcendente</i> e o sentido da vida	155
Realidade transcendente	163
Limitações do modelo de compreensão da realidade	167
O Mundo Espiritual pelo Espiritismo	171
Sexo, vida e religião	177
Quem sou?	181
Personalidade ótima	187
Suavizando o mito pessoal	191
<i>Fênix</i>	199
O sentido da vida e a Psicologia do Espírito	203
O sentido da vida na Psicologia Analítica	207
Depressão e o sentido da vida	215
Querendo fugir do destino	219
O sentido da vida e o tempo	223
Como encontrar um sentido para a vida	227
Impedimentos à percepção do sentido da vida	231
Os tipos psicológicos e o mito pessoal	235
<i>Egrégora</i> pessoal	243
A força interior	245
Glossário	249

Mito pessoal e destino humano

Um livro é um retrato em preto e branco da mente de seu autor. É o espelho de uma criptografia de seus anseios, suas buscas e memórias. As letras dançam na mente do leitor, depois de terem sido embaladas pelo escritor, visando levá-lo aonde é possível ao raciocínio e ao coração alcançar. O leitor se envolve na mente do autor, formando um par alquímico inconsciente. Assemelha-se ao fenômeno da polinização. O vento leva o pólen, que alcança a flor. Esta recebe e o transforma em fruto. Os grãos de pólen são as palavras escritas, a flor é a mente do leitor e o fruto é o novo que surge a partir do encontro havido.

O conteúdo deste livro são grãos de pólen subjetivos, que, lançados ao público, esperam encontrar receptáculos adequados para a frutificação da vida. A árvore que contém os receptáculos é multigenética, pois produz distintas possibilidades de frutos. Cada receptáculo produzirá seu respectivo fruto.

Não há aqui a pretensão de resolver a questão do destino humano. Vetores complexos contribuem para o traçado da trajetória humana. O conteúdo aqui expressado pretende dar visibilidade a alguns deles, bem como fazer enxergar toda a linha percorrida.

O leitor não familiarizado com a linguagem psicológica poderá recorrer ao glossário ao final do livro ou aos outros livros do autor, também da mesma editora.



adenáuer novaes

Nesta leitura, você entrará em contato com o universo psicológico e espiritual, visando uma maior percepção de sua própria natureza. Aqui estão paradigmas surgidos do casamento entre a Psicologia e o Espiritismo, sem qualquer sectarismo ou tentativa de doutrinação simplista. São idéias oriundas dos estudos do autor e, sobretudo, de sua experiência clínica. Não são “verdades” novas, nem tampouco ficção, mas concepções e pressupostos teóricos utilizados em sua prática clínica.

As idéias aqui expostas foram também geradas a partir dos ensinamentos de Allan Kardec e dos espíritos que o auxiliaram na concepção do Espiritismo, bem como das idéias de Carl Gustav Jung, criador da Psicologia Analítica. Do autor, apenas um olhar oriundo desses dois gigantes no estudo da alma humana.

Adenáuer Novaes

O sonho

A história do ser humano é a busca e, simultaneamente, a realização de um significado existencial. Nas construções monumentais e nas sagas dos povos pode-se encontrar sua tentativa de entender a realidade e a si mesmo. Guerras de conquistas, bem como dramas pessoais, tudo circula em torno da ânsia em compreender o significado essencial da vida. O ser humano navega no mar da procura de seu próprio sentido.

O caminho da vida é o coração. Ele é como um grande porto num imenso oceano navegável. Por ele passam todas as lutas e experiências da alma. Navegantes de todos os mares sabem de sua grandiosidade e do quanto se valem de suas poderosas amarras para se sentirem pertencentes, isto é, vinculados a algo transcendente. O caminho da vida é o amor que acontece no coração, lugar íntimo dos encontros profundos. É nele onde se encontram os gritos e os sussurros dos que se escondem do tempo de viver. É em seu seio nutridor que as dores e as alegrias encontram formas de expressão. Os heróis se valem dele para adquirir coragem para as maiores batalhas. Suas forças são alimentadas pela energia que perpassa em suas vias amorosas. O sentido e o significado da vida são decifrados por aqueles que têm coragem de viver seus mais profundos sentimentos, a serviço da vida. Não há como fugir ou alienar-se do próprio coração. Deus fez a razão para que o ser humano entenda o que se passa em seu

coração. É também nele que o Espírito se revela a si mesmo e ao mundo.

Nossos *anjos* e *demônios* ali fazem morada e buscam incansavelmente abrir-se à vida para que se integrem à sua própria totalidade, como uma só alma. Mágoas e perdões se aproximam para o casamento perfeito em favor do amor pleno. É na sua intimidade que o eu mais profundo faz sua permanência e sua impermanência. Nele se constroem as histórias e se forjam os alicerces da esperança. Fugir ao contato com o mistério que habita em seu interior é ausentar-se do encontro com a felicidade.

Tudo que nele ocorre é particular e inacessível a alguém que não seja o seu próprio dono. O que dele nasce vem do íntimo do Espírito em sua permanente ligação com Deus. É nesse sentido que o conteúdo deste livro é estritamente pessoal, pois nasce do coração. É o caminho da alma, como ela o percorre, em busca de si mesma. Não é um modelo, nem tampouco a totalidade da história do escritor. É apenas uma brisa que sopra na direção do Grande Vento.

O movimento da vida é de dentro para fora, conduzido pelas forças do coração. A energia amorosa é que faculta o movimento de realização do mundo interno de cada ser humano. O filósofo F. Nietzsche sintetizava esse pensamento na expressão: “*Torna-te no que és*”.

Os sonhos também dizem respeito ao coração. Nossos sonhos nascem do inconsciente, que contém as experiências vividas, bem como símbolos do que jamais foi ou será experimentado. Os sonhos são construídos com os símbolos elaborados nas experiências do coração.

Este livro é parte de um antigo sonho. Sonhos não devem ser esquecidos. Mesmo que aparentemente impossíveis de ser realizados, sua concretização não deve ser colocada à conta de fantasia. Na maturidade da vida seria bom ao menos o tentar realizá-los. Sempre quis escrever ou falar a alguém sobre o que penso e sinto a

respeito do que a vida nos reserva adiante, mesmo considerando que o destino e o futuro são frutos da construção pessoal. Mas, toda vez que iniciava escrever, não conseguia fazê-lo; não por falta de vontade ou tempo, mas por não encontrar as palavras que materializassem o que minha alma percebia. O que “via” em meu mundo interior era muito importante, sério, misterioso e extremamente revelador a respeito do funcionamento do Universo, da vida e do espírito, porém, aquilo só tinha sentido para mim. Precisava “traduzir” o que via, de uma forma compreensível aos outros.

Desde minha adolescência ansiava por um sentido para a vida. Via as estrelas e me intrigava com a imensidão do céu, com a diversidade dos objetos celestes, com a grandeza de tudo. Não conseguia entender o porquê de tudo aquilo. Via as pessoas se deslocando nas ruas, sem entender o que queriam e para que tanta correria. Admirava sinceramente a vida e cada pessoa com quem me relacionava. Achava a vida intrigante e surpreendentemente bela. Só me faltava um sentido para tudo aquilo. Falavam-me de Deus, porém carregavam-no de adjetivos humanizados e O colocavam distante da natureza simples. Não me diziam do “para quê”, da finalidade d’Ele ter feito o Universo, a vida, as pessoas e tudo mais. Era um adolescente inquieto em minhas questões filosóficas. Enquanto meus amigos se debruçavam sobre os prazeres da vida e as conquistas no fortalecimento de um *ego* adulto, eu lá estava tentando entender minha própria existência, o funcionamento do Universo, a vida e Deus.

Uma certa noite, no auge de minha adolescência, quando fazia o serviço militar, já quase amanhecendo, acordei após um intrigante sonho. Sonhara que uma imensa serpente enrolava-se numa gigantesca cruz da torre de uma igreja. No sonho, ora eu era a própria serpente, ora era o sacerdote guardião da igreja. Acordei com a sensação de ter decifrado um segredo oculto dentro de mim mesmo,

guardado e protegido por muitos anos pelo véu da própria imaturidade.

Muitos anos depois, já tendo esquecido o sonho, me deparei com situações nas quais ele me voltava à lembrança. Sempre soube que o símbolo da serpente revelava algo de sábio, misterioso e poderoso. Lembrei-me do mito de Apolo, entronizado no templo da deusa Píton, após submetê-la, simbolizando a superação da natureza instintiva, com conseqüente realização da transcendência espiritual. Ao mesmo tempo, pensava nas palavras de Jesus, ao sugerir a prudência da serpente (Mateus 10:16), para que não sucumbíssemos aos lobos do caminho. Busquei reler o mito de Apolo e, em seguida, o evangelho de Mateus, a fim de me certificar do entendimento que estava tendo naquele momento. Cada vez que relia os textos, mais compreendia que a serpente enrodilhada na cruz poderia significar a apropriação de algo sagrado. Não era uma luta entre dois elementos, mas a união de ambos. Em meu inconsciente estava havendo a integração de conhecimentos e experiências ligadas aos símbolos da cruz e da serpente. Aquele sonho antecipava uma aliança que perseguiria por muitos anos. Sempre quis juntar opostos e integrar conhecimentos. Chegara o momento de minha vida para uma maior compreensão a respeito. A união do sagrado com o instintivo acontecia de forma natural, lógica e sem ilusões ou degradação da personalidade. O sacerdote, guardião da igreja, simbolizava a apropriação de algo pertencente ao *Si-Mesmo* ou a união com o propósito do *Self*. Bem e mal são aspectos de uma mesma realidade. Apesar de sua tentativa de separação, embora adequada em certos estágios da evolução do espírito, eles devem estar integrados para a libertação da alma aprisionada nos condicionamentos.

Agora, aquele meu sonho parecia levar-me oculta-mente a uma melhor compreensão do significado da vida e do sentido que lhe devemos dar. O véu que me impedia

de compreender-me a mim mesmo, estava, a partir de agora, desfazendo-se, para nunca mais obstruir-me a visão. O sonho selava, como um marco, a passagem da ignorância ao conhecimento sobre o meu próprio ser. A consciência estava se apropriando dos mistérios da essência do Espírito.

Depois de penetrar nos segredos daquele sonho, decidi por escrever a respeito, na tentativa de traduzir o antes incognoscível. Difícil é colocar em palavras o que surge na forma de imagens simbólicas. Mas, pela sua importância, era preciso fazê-lo.

Com o sonho e seu significado por mim interpretado, entendi que o sentido da vida é coletivo e pessoal, simultaneamente, cabendo ser atualizado a cada apropriação, do indivíduo, a respeito de sua própria essência.

É fundamental a busca pelo equilíbrio espiritual, principalmente na consolidação dos valores morais. A perseguição obstinada em impedir os prejuízos provocados pelos hábitos nocivos ao próprio indivíduo e à sociedade em que vive é importante, e somente alcançável pela transformação moral. Tal meta, porém, não deve promover a alienação social do indivíduo, nem tampouco sua recusa em aprender o que só a vida na matéria proporciona. Sua ignorância ao espiritual, que deve levá-lo à educação específica, não deve ser a única a ser resolvida. Há também uma ignorância a respeito da vida na matéria, razão pela qual repete lições, muitas vezes através de expiações.

O sentido da vida não é algo futuro ou a ser alcançado além de si mesmo. É algo que acontece dentro do indivíduo, hoje e amanhã, aqui e alhures. Contempla o passado, o presente e o futuro, incluindo a vida na matéria e a no Além.

Este livro também é um convite. Um convite para que você encontre um sentido para sua vida. Caso já o tenha, amplie-o, pois o sentido que você tem aplicado a

ela merecer ser sempre atualizado, a cada fase que a-travesse. Ele foi escrito após longa tentativa de identificação do meu próprio mito pessoal. Isso se deu após ter feito quarenta anos de idade, depois de ter passado por várias descobertas a respeito de mim mesmo. Não foi um caminho doloroso, nem sofrido, mas me exigiu sacrifícios e renúncias. Tem sido recompensador descobri-lo. Minhas primaveras se tornaram mais floridas, meus outonos mais inspiradores, meus invernos mais reconfortantes e meus verões rejuvenescedores. É bom chegar aos cinqüenta anos sem querer ter vinte, com a mesma disposição da alma juvenil, bem como não se preocupar com a morte, pela simples certeza de sua importância e de seu significado como passagem para outra etapa do existir.

Será que você encontrou mesmo um sentido para sua vida? Creio que a grande maioria das pessoas não encontrou. Quando muito, têm objetivos, a médio e longo prazo, que são confundidos com um sentido para a vida. O sentido é mais do que esses objetivos, pois se trata da construção interior, da realização do melhor de si mesmo, aliado à realização do *Self*.

Por mais que se busque o sentido da vida nas experiências meditativas, em leituras superficiais ou nos prazeres, descobrir-se-á que seu significado se encontra na vivência nua e crua e na simples realização do amor.

Considero que viver é possível e obrigatório a todos, pois não existe o não viver. Vive-se sem sentido, porém não se pode alcançar o divino sem um significado pessoal para a vida. Buscar esse significado é essencial ao espírito. Seu caminho é o do coração. A caminhada é longa, tortuosa, mas acessível a todos.

Divina conexão

Que mistério há em Deus que nos coloca ao mesmo tempo tão próximos e tão longe de Sua presença? Seria nossa previsibilidade, alicerçada pelo raciocínio lógico de nosso tempo, que concebe os fenômenos sempre pelo binômio causa-efeito, capaz de estabelecer aquela misteriosa e complexa conexão? Será que estamos buscando algo fora de nós, mas que não se encontra nem dentro nem fora? Será que Ele nos reserva a surpresa de revelar-se em nós, de forma gradativa? Tais perguntas ecoam dentro de mim como se suas respostas fossem fundamentais para a compreensão de minha própria vida.

Meus pensamentos têm gravitado em torno da idéia de um Deus que nos surpreende com Sua participação em nossa autoconsciência. Ele não estaria ausente da afirmação individual: eu sou. Essa participação vem ocorrendo de forma constante na evolução do espírito, que vai, gradativamente, tomando consciência disso. A consciência de ser Deus será alcançada no estágio de Espírito Puro. Como e de que forma isso ocorrerá, não tenho a menor idéia. Sinto apenas que algo acontecerá nesse sentido.

Pensar em Deus é algo que ocorre quando não nos ocupamos da lógica dessa atitude, mas da concretização de idéias práticas a respeito. Fazer algo, na vida prática, que se aproxime da idéia que se tem de Deus é, sem o querer, pensar em Deus. Talvez seja perda de tempo apenas

pensar em Deus. Fazer algo em favor de Seu plano para o próprio ser humano é pensar em Deus. Fazer é pensar.

A ação deliberada, consciente e determinada em projetos que visem o bem estar pessoal e coletivo aproxima o ser humano da autoconsciência de Deus e da realização de seu próprio mito pessoal. O sentido da vida contempla a autoconsciência de Deus. Não é a realização em si, de tais projetos, que leva o ser humano àquela autoconsciência, mas sua vinculação ao sentido atribuído à própria vida.

A consciência de que se deve ter uma concepção pessoal a respeito de Deus, que sirva ao passado, presente e ao futuro, não se obtém sem esforço. É preciso que o ser humano esteja em busca de um sentido para a própria vida enquanto a vive naturalmente.

Meditações, retiros espirituais, bem como encontros místicos, favorecem estados de consciência que contribuem para uma interiorização maior. Não são em si suficientes para o encontro com o divino em si mesmo. É necessário aliar-se o equilíbrio interno com ações externas. O ser humano é individual e coletivo simultaneamente, portanto sua realização passa por ambas as instâncias.

O Deus que concebe favores e que espera adorações é parte da projeção psíquica do ser humano, que anseia pelo encontro com o que lhe falta perceber em si mesmo. O Deus que se apresentará na autoconsciência deve merecer constante atualização em seus atributos, colocados pelo próprio raciocínio humano.

Em meio a essas idéias, mantive contato, em repetidas sessões de psicoterapia, com um paciente que queria encontrar um sentido para sua vida. Seu questionamento girava em torno do significado da própria existência, que para ele era algo inexplicável. Qualquer hipótese que se apresentasse não justificava sua consciência de si. Não a atribuía ao acaso, nem tampouco a via como fruto da união espermática na fecundação. A possibilidade de ter vivido

antes e da continuidade de sua mente após a morte não representava surpresa, pois o acordar após ter dormido, vendo as conseqüências de suas ações executadas nos dias anteriores, lhe parecia semelhante. Imortalidade e reencarnação não bastavam para explicar sua existência. Porém, queria algo que justificasse a existência de sua própria mente. Esbarrava na idéia de Deus, apresentada pelas religiões, que lhe parecia pueril e construída em cima de paradigmas contaminados pela ignorância medieval humana. Admitia um Deus como Causa Primeira, porém isso não lhe bastava ao pensamento filosófico exigente. Queria um Deus que lhe explicasse tudo. Sua concepção de Deus não adquiria tal competência, isto é, a idéia que construíra não era completa o suficiente. Pedia a mim que o ajudasse a resolver seu dilema. Isso o consumia e o tornava insatisfeito com a vida, mesmo tendo materialmente muito e sendo pessoa responsável e de vida estável. Possuía razoável equilíbrio psíquico e não era dado a crises ou transtornos de natureza psicológica.

Num momento me vi em seu lugar. Minha concepção a respeito de Deus não era tão completa, capaz de lhe dar todas as explicações necessárias. Entendi que a condução de seu caso não deveria seguir um caminho estritamente lógico, pois, neste, ele era muito mais capaz do que eu mesmo. Preferi questionar suas crenças e conceitos, a fim de me inteirar melhor a respeito de seu pensar profundo. Como seu conflito era de natureza religiosa, aí estava a causa e a solução para seu caso.

Ao contrário do que ele esperava, não tentei convencê-lo ou demovê-lo de suas idéias. Provavelmente ele teria encontrado pessoas que agissem assim, para resolver seu problema. Preferi levá-lo à percepção de seu mito pessoal. Ele vivia a eterna busca de um significado existencial, transformando-se num *Sísifo*, que jamais alcançaria seu intento, mesmo atingindo o melhor de seu pensar. Ele não tomava consciência de que isso poderia ser o embrião de

um núcleo obsessivo compulsivo, que o levaria ao trans-torno mais tarde.

Sua insatisfação era com Deus. Havia algo em seu pensar que me intuía a acreditar que ele havia brigado com Deus. Sua cultura e seu equilíbrio emocional não o permitiam afirmar isso, mas ele parecia querer uma '*resposta direta*' do próprio Deus. Ele precisava de uma reconciliação a fim de continuar sua busca de outra forma, isto é, sem interferir em sua vida mental. Psiquicamente, a idéia de Deus necessita ser conciliada com algo externo. O culto, o rito e a manifestação religiosa em si, respondem por aquela necessidade. A representação externa (na consciência) da idéia de Deus deve ser atualizada constantemente, por conta da necessidade da transformação a que todo ser humano está sujeito. Esta atualização favorece o processo de desenvolvimento espiritual.

Fiz o paciente entender que ele estava pensando em círculo. Deveria sair do pensar e ir para o sentir. Convidei-o a sair de si e experimentar a *espera ativa* da ação de Deus nele próprio. Permanecer com o olhar atento aos sinais e símbolos da vida, existentes especificamente para ele.

A divina conexão se inicia na consciência da imortalidade pessoal e simultaneamente na mortalidade do *ego* atual. Conscientizar-se disso é urgente e inadiável. Após isso, ou enquanto isso se constrói, deve-se admitir que Deus se realiza na própria pessoa, isto é, admitir que se é Deus. Tal admissão deve ser feita com absoluta humildade e consciência de que se trata de algo que se desenvolve gradativamente, à medida que o próprio indivíduo interiormente amadurece. Sentir-se conectado a Deus é manter a consciência sintonizada com propósitos que visem o equilíbrio pessoal e coletivo. Sentir Deus é conscientizar-se de que Ele está se realizando através do próprio indivíduo que cada um é.



A vida a que se quer dar sentido

*U*m rio é a imagem da vida que se esvai, que corre e se dirige ao grande encontro, sem perder sua essência. Refundindo suas águas a cada margem, recebendo contribuições de afluentes em seu longo percurso, ele percorre determinadamente sua trajetória. Assim a vida transcorre, acrescentando ao espírito o conhecimento da lei de Deus ao longo de sua jornada evolutiva. O rio recebe contribuições, ao mesmo tempo em que banha as margens, segue seu curso, entre meandros e vias estreitas, chegando, enfim, ao seu destino. Assim também ocorre com o espírito, que se dirige ao grande oceano em Deus.

Quando menino, por volta dos cinco anos de idade, ansiava pela alegria plena e infantil de estar fora de minha casa com os pequenos amigos. A inocência beirava minha vida, porém meu olhar sobre a realidade já era diferente do de meus amigos. Sempre via a vida de uma forma mais colorida e otimista. Não via perigo nas aventuras que vivia, nem me intimidavam os medos que sentia. Nunca imaginaria a complexidade da vida e a possibilidade de vivenciar outras alegrias melhores. Só vim a perceber isso na adolescência, marcada por profundas reflexões a respeito do ser humano, do destino e da espiritualidade. Parece que a infância só ocorre para que o espírito aquiete sua ânsia de apressar-se na evolução, recupere o estado de consciência de abertura para o novo e para permitir, pela maternidade, o acolhimento por outro, desenvolvendo em ambos a afetividade e o amor próximo à plenitude.

Na adolescência queria transformar o mundo. Achava-o injusto, pois minha inocência não admitia a agressividade e a não compreensão pelos outros de minha boa vontade e senso de justiça. Na época, fazendo serviço militar obrigatório, não gostava da arrogância de alguns oficiais superiores. Mesmo considerando necessária a hierarquia e a obediência, não gostava de certos tratamentos dados ao soldado. Acreditava que o ser humano deveria ser respeitado em seus direitos e sua palavra acatada como lei. Mesmo sem ter tido educação religiosa de berço, queria um mundo justo e feliz, no qual todos tivessem os mesmos direitos. Incomodava-me a pobreza, a miséria e a violência. Queria fazer alguma coisa pelas pessoas, para que não permanecessem nesse estado de inferioridade e de inércia. Questionava Deus sobre sua impassibilidade diante do sofrimento humano e da injustiça. Tive que mudar meu conceito a respeito Dele, após uma maior compreensão dos mecanismos educativos que a vida oferece ao espírito.

Na idade adulta jovem, por volta dos vinte e um anos, iniciei mais seriamente meus estudos espíritas. Sem abandonar meus ideais juvenis, passei a cuidar da formação de minha vida como cidadão. Cuidei de minha vida profissional, da constituição de uma família e da estabilidade financeira. Considerava isso básico para uma vida espiritual sadia. Aos trinta e cinco anos estava pronto para uma arrojada investida, de forma madura e pessoal, em minha vida espírita.

Nesta idade, com família e trabalho profissional estáveis, decidi investir na criação de uma instituição que, ao mesmo tempo em que atendesse à promoção social, melhorando a sociedade em que vivia, servisse como ponte de divulgação de idéias próprias e espíritas. Em 1993, por inspiração espiritual, coloquei no papel o esboço do que viria a ser a Fundação Lar Harmonia, entidade sem fins lucrativos, com foco na promoção social e no desenvolvi-

mento de pessoas. A partir de 1994 os projetos da Fundação foram gradativamente sendo executados.

Em minha mente, fervilhavam idéias a respeito da integração entre o saber da Psicologia e do Espiritismo. Passei a escrever a respeito, buscando uma melhor compreensão dos fenômenos psicológicos e dos mediúnicos. Minhas dúvidas e descobertas foram grafadas em livros como este. Desde que passei a investir minha vida na realização de meu mundo interno, meu mito pessoal foi se tornando cada vez mais claro.

Só mais tarde, ao escrever este livro, percebi que as fases da minha vida contemplaram a busca da realização externa de um sentido interior latente e cada vez mais consciente. Creio que assim deve ser com todo ser humano, isto é, buscar a realização externa de seu mundo interno, para que a vida cumpra o seu papel.

Fui descobrindo que há uma fonte inesgotável de criatividade, em forma de energia vital, à espera de uma idéia diretora e organizadora. Isso está acessível a todos. É como se existisse uma fonte de água bruta, que necessita de uma inteligência que saiba canalizar o líquido, tratando-o para consumo. Fora do ser humano existe um universo a ser moldado, trabalhado e formatado para sua felicidade. Em cada nível que se encontre, ele plasmará seu estado interno, a fim de melhor percebê-lo, aprimorando-o. O Universo é múltiplo e compreende muitos outros universos.

A vida parece acontecer de forma auto-criadora e multiplicadora. As coisas parecem acontecer de forma retro-alimentadora, visando a ampliação de tudo. O que a alguém destrói, ao mesmo constrói, para em seguida, florescer. Aquele que um dia tirou algo de alguém, devolve sem prejudicar-se. Aquele que perdeu, ganhará mais do que lhe foi retirado. Assim a natureza se multiplica a si mesma, numa espiral vertiginosa na direção do incognoscível. A idéia da existência de uma lei de conservação da

energia é uma necessidade da consciência lógica, porém ainda limitada em sua dualidade. O Universo ainda é algo desconhecido, porém maravilhosamente concebido e sempre levando o espírito à sua própria felicidade. A visão estreita do espírito, ainda na infância espiritual, leva-o ao pessimismo e a não enxergar a maravilha que é a existência em si. Nada deve levá-lo a crer em sofrimento eterno ou em aniquilamento de sua existência. Deus elabora com a atuação do espírito onde quer que ele se encontre. Seja na matéria ou fora dela, a vida acontece como um convite à realização do *Si-Mesmo* em Deus.

A vida também contém ansiedade. Ansiedade gerada pela ignorância do que resultará. Ela em si desafia a menor das inteligências pela sua complexidade sempre crescente. Qualquer explicação simplista atende apenas à redução da ansiedade resultante da natural curiosidade acerca de seu significado e sentido. Enquanto o espírito tenta decifrar os enigmas da vida, buscando entender a própria existência, tem de providenciar vivê-la conforme as regras da sociedade. Sua busca não o desobriga de cumprir os ritos necessários de estar em sociedade. Poderá se alienar em curtos períodos, mas retornar à luta diária, comum a todos. Quem se alija da sociedade deverá pagar um preço a ela por isso, devolvendo-lhe os valores e aprendizados que colheu quando dela ausente.

Independentemente da ansiedade, é fundamental vivê-la, consciente de que algo fantástico nos aguarda lá adiante. É preciso saber esperar, consciente de que Deus, inteligência suprema, não deixa barato as coisas. Sua espera não será passiva, mas em atividade constante pela auto-realização, tanto na vida material como espiritualmente. Para o ser humano, autoconsciente da própria existência e de Deus, o futuro se constitui na maior obra divina.

A vida, a que se pretende dar um sentido, contempla muitos processos a serem experimentados e outros a serem evitados. Necessário é viver intensamente aqueles que

visam eliminar os incômodos internos, quais *complexos* inconscientes que perturbam e dirigem a vida consciente. A vida contempla passar por experiências comuns, cuja negação em vivê-las poderá trazer alienação ao indivíduo.

Estar no corpo, ou fora dele, pressupõe ter objetivos superiores. A não cessação da existência, com a morte do corpo, deve levar o indivíduo a questionamentos profundos a respeito da razão da existência de si mesmo. Sua inquietação intelectual, provocada pela inteligência e pela própria ignorância, que o estimulam à busca de respostas, não o acomoda na aceitação pura e simples das coisas como elas se apresentam. O porquê e a razão da própria existência serão questionados. Quando está no corpo físico, certamente obterá como respostas a realização de seu mundo inconsciente e, obviamente, a transformação da sociedade em que vive para que ela se torne o lugar adequado à morada do espírito, facilitando sua felicidade. As misérias morais, sociais, a injustiça, a violência, os sofrimentos, bem como tudo que torna a vida algo degradante, se constituem em desafios a serem vencidos àquele que deseje respostas ao sentido e significado da vida.

É óbvio que não se pode ser feliz numa sociedade, seja ela material ou espiritual, convivendo-se lado a lado com aquelas misérias e tudo o mais que inferioriza a vida humana. Ninguém consegue ser feliz se alguém a quem ama está sofrendo.

A vida não contempla a indiferença ao sofrimento e a ignorância para com aqueles com quem se convive ou que participam da mesma sociedade. É equívoco pensar na realização da individualidade sem sua consciência coletiva satisfeita. É lógico que o indivíduo deve realizar-se através de projetos pessoais, os quais, inclusive, contribuem indiretamente para o desenvolvimento da sociedade. Porém, em seu projeto de vida, para que ela continue sem a necessidade de retorno, para fechar ciclos abertos, deve estar incluso o trabalho em favor do outro e do meio em que vive.

Para se chegar a uma certa idade, com a mente tranqüila e pacificada para usufruir do que se construiu, bem como mais disponível ao serviço voluntário, tem-se que resolver o passivo deixado para trás. Seria melhor, antes de qualquer outra atitude ou iniciativa nova na vida, resolver o passado, para não postergar sua resolução a uma outra vida.

A vida merece ser bem vivida, sem animosidades para com qualquer pessoa, bem como, de forma consciente, gerar uma “folha” de bons serviços prestados à sociedade.

Imagens da vida

A vida se mostra de diferentes formas, visando a percepção de sua transcendência por parte do espírito. São imagens, sensações e experiências reveladoras de um sentido superior no Universo. Nelas, podemos tentar alcançar uma tênue sensação da presença de Deus. Muitos de nós temos várias experiências que poderiam ser vividas de forma transcendente. Mesmo aquelas que parecem ser banais para alguém, podem ter significados e sentidos diferentes para quem esteja disponível ao espiritual. A questão é o momento e a disponibilidade psíquica para a ocorrência da experiência transcendente.

Imagens são representações de algo que, através delas, revela uma intencionalidade, uma proposta de singularidade que parece querer se mostrar. Há uma idéia diretora e norteadora por detrás de cada imagem e experiência da vida. Mesmo que as experiências que vivemos já se tenham perdido no tempo e as lembranças delas sejam tênues, é possível trazê-las de volta e encontrar seu aspecto transcendente.

A seguir relato algumas que ocorreram comigo, em momentos distintos de minha vida, e que deixaram marcas suaves, mas profundas.

Certa vez, no ano *sétimo*¹ de 2005, viajando a Lagos, no sul de Portugal, conheci uma criança que me impressio-

¹ Refere-se ao simbolismo do número sete (soma dos algarismos do ano), cujo sentido profundo é transformação. Sete são as fases da evolução espiritual, seguindo o ocultismo.

nou bastante. Ela tinha seis aninhos. Esperta e cheia de vida, toda manhã ia à casa de sua avó, onde estive hospedado por quatro dias, e me acordava com um belo sorriso que, não só se estampava em seus lábios, como também em seu olhar de alegria. Num daqueles dias, próximo a minha partida, aquela bela criança, que me parecia um espírito amoroso e de bom coração, trouxe-me um presente. Era um de seus bonecos, com um cordão atado para ser usado pendurado no pescoço. Ao me dar o presente, afirmou: *“é para Adenáuer não se esquecer nunca de mim”*. Aquilo me emocionou, pela espontaneidade e carinho com que me tratava. Essa mesma criança, uma outra manhã, acordara admirada do sol brilhante e bonito no horizonte, e, como se fizesse uma prece em voz alta, disse para sua mãe e irmãos: *“que dia maravilhoso esse”*. Só um espírito liberto das amarras da tristeza e do pessimismo consegue, tão precocemente, agir dessa maneira. O sorriso dessa criança, como de outras tantas, é algo impagável e se constitui numa das mais belas imagens da vida. Percebi com aquela criança, que, melhor do que ser o objeto para quem ela sorri é ser a causa de sua alegria íntima. A satisfação interna alcançada com esta experiência é um exemplo de algo transcendente.



Uma outra experiência emocionante para mim ocorreu na oportunidade em que levei um grupo para uns dias de retiro na Chapada Diamantina, na Bahia. Estávamos numa pequena localidade chamada Capão (Caeté Açu), e nos hospedáramos numa aconchegante Pousada. No dia seguinte à chegada, fizemos uma caminhada à Cachoeira da Fumaça. Trata-se de uma cachoeira de cerca 400 metros de altura que, por ser um filete de água, chega ao solo como uma névoa úmida. Lá de cima tem-se a visão do vale imenso e convidativo à contemplação. A sensação que

tive era de querer voar como um pássaro, de poder pairar acima daquelas escarpas que formavam o imenso vale. No íntimo, admirava a grandeza de Deus em caprichosamente fazer as coisas para desafiar o ser humano, isto é, eu mesmo. A vontade era realmente de voar. Queria ser um pássaro para olhar a cachoeira, de seu nível mais alto ao mais inferior e poder, celeremente, voltar ao topo. Planar acima das formações rochosas, tão livre quanto o vento, que sussurrava nas montanhas ao meu redor. As águas da cachoeira, que via cair na direção do espaço abaixo da pedra onde me situava, perdiam-se em pequenas gotas, como uma névoa. O espaço abaixo de mim parecia-me infinito, por não alcançar visualmente seu limite extremo. Queria ser uma ave para fazer um vôo rasante, ao fundo da cachoeira, na tentativa de alcançar a água límpida e fria que se acumulava num pequeno lago. Deitado numa pedra para melhor observar a queda livre do líquido, bem como para melhor tentar enxergar o fundo do vale, meditei sobre o movimento constante da vida na direção do desconhecido. O futuro de cada gota era previsível, porém não se via precisamente onde e quando caíam. Aquela reflexão comparativa, da vida com a água que caía da cachoeira, fez-me sentir muito próximo ao divino. Senti-me pertencente a um grande colar de contas preciosas que a tudo e todos interliga. Foi um momento de êxtase indescritível, que valeu por toda a viagem.



De outra feita, vivi uma experiência inesperada para mim. Nunca imaginei que alcançaria tal lugar. Em viagem para fazer palestras espíritas na Suíça, um casal amigo, à véspera de meu retorno ao Brasil, levou-me para conhecer uma montanha e estação de esqui, chamada Jungfrau, a 3570 metros de altitude. Nunca estive num lugar tão alto e exuberante. De lá, via a neve, que não derrete, pertencen-

te à parte suíça dos Alpes. A temperatura externa era inferior aos 15° negativos. Contemplava a neve e sentia que ali, num lugar quase inóspito, havia vida. A água feita neve pelos mecanismos sutis da própria natureza, abrigava vida. De onde estávamos, podia ver a grandiosidade da montanha e, conseqüentemente, de Deus, que se revela pela Natureza. Lá em cima, sentia-me conectado a forças muito maiores do que conhecia e imaginava. Dava-me a sensação de pertencimento ao Universo, como se também tivesse os poderes que aquela montanha parecia ter. Não me senti pequeno, nem inferior à montanha, mas irmanado a ela, com o mesmo direito de incluir-me como algo grandioso na Natureza. Não era vaidade ou artifício intelectual para superar a condição de ser vivente e submetido às contingências da vida, mas um sentimento real e inusitado de estar em Deus. Algo inesquecível e muito pessoal. Longe de entender o que se passava comigo, o casal procurava favorecer o máximo possível minha alegria em ali estar. Não me preocupava com fotos ou em ver as pessoas que também circulavam na montanha, mas de manter o sentimento de ser como a montanha. Foi algo único. Saí dali mais fortalecido e mais determinado na vida, pois a energia da montanha passara para mim. Minha fé alcançava e superava o tamanho da montanha, passando a ser capaz de movê-la, como afirmara Jesus. Eu fora contaminado pelo deus telúrico, que transmite a energia vinda do interior da Terra.



Numa de minhas férias, estive com amigos e familiares em pequena cidade do sul da Bahia. Era um lugarejo de poucos pescadores, à beira de uma praia. Não havia luz elétrica senão até as nove horas da noite. Estávamos hospedados numa acolhedora casa, tão pequena que parte do grupo de nove pessoas tinha que dormir na cozinha.

Mesmo assim, era muito agradável e aconchegante. Estávamos felizes, sem luxo nem contrariedades. Após o apagar das luzes, eu e o amigo com cuja família viajava, resolvemos dar um passeio pela praia. Eram cerca de dez horas da noite e a maioria dos habitantes já havia se recolhido. Lua nova, sem sinal de sua presença no céu, que estava divinamente estrelado. Parecia que o deus *Urano*, lá do *Olimpo*, havia soprado flocos de neve luminosa no Universo, para admiração dos humanos. Durante a inusitada e agradável caminhada, senti vontade de deitar-me na areia dura da praia, que estava com a maré baixa. O mar estava silencioso como a pequenina cidade. Pedi ao amigo que parasse enquanto me deitei na areia. Meus olhos fitavam o céu estrelado, que se mostrava diferente naquele momento. As estrelas eram por mim vistas tridimensionalmente, isto é, com profundidade. Umas mais próximas outras mais afastadas, como se estivessem mais perto ou mais longe da Terra. As distâncias entre elas eram perceptíveis para mim e pareciam ser menores do que certamente eram. Parecia que elas se reorganizaram para que eu as percebesse. Entrei em êxtase, ali deitado naquela praia de uma cidadezinha que, naquele momento, se transformou na própria Terra. Parecia que eu viajava por entre as estrelas, como um bólido humano. Meu êxtase durou poucos minutos, o suficiente para me sentir ligado ao Universo e a Deus. Tive a impressão de que aquela experiência era sinal de mais responsabilidade, pelo que a conexão com o divino me proporcionava. Aquele céu estrelado, daquela forma, representava a magnitude e a grandeza de Deus na expressão vibrante do Universo infinito.



Muitas são as experiências da vida que podem nos aproximar de algo essencial em nós mesmos, e que contribuem para a certeza íntima de Deus como algo imanente.

Consigo, além das vivências que citei, identificar outras que compõem meu leque de imagens transcendentais.

Aqui estão elas:

1. Uma semente se descomprimindo. Ideal é ter colocado a semente na terra e acompanhar seus primeiros sinais de brotamento;

2. Uma flor se abrindo. Melhor ainda é se tiver plantado e adubado a árvore que gerou a flor;

3. O sol de uma manhã. Bom é quando se assiste e nos sentimos iluminados interiormente por aquele momento;

4. O poente com o sol avermelhando o horizonte longínquo. É salutar quando se contempla esse poente, sentindo que a própria vida está se realizando;

5. Uma mulher grávida. É consolador, mesmo não se sendo o pai, sentir que, através da mulher, a vida se renova constantemente;

6. Um pássaro em vôo suave. É realmente catalisadora da sensação de liberdade a observação da ave em pleno vôo, pela possibilidade de conexão com a leveza da vida diante do incomensurável Universo;

7. O carinho de mãe. Sentir a grandiosidade de Deus ao se fazer representar na dedicação maternal, dá-nos a sensação segurança e de pertencimento a algo maior;

8. O cuidado e o conselho paterno. É admirável e dignificante como a Vida² nos ensina através da própria vida;

9. A caridade anônima. É uma das mais belas sensações de proximidade com Deus, pois promove a alegria íntima de colaborar em Sua obra, ajudando aqueles que precisam;

10. Duas pessoas que se olham terna e apaixonadamente. Ter a percepção do amor torna a pessoa consciente de sua relevância na vida. Quando duas pessoas verdadei-

² Quando escrevo Vida, refiro-me aos processos a que o indivíduo está submetido e aos aspectos coletivos e amplos do viver, independente da existência pessoal. A Vida é o existir coletivo e a vida é o tempo de cada um entre o nascer e o morrer.

ramente se amam, conectam-se a Deus, realizando o amor como fonte eterna para a ascensão espiritual;

11. As arrojadas construções humanas. O ser humano na saga para realizar-se e cumprir os desígnios divinos. A constatação da capacidade humana em transformar e educar a natureza nos torna mais conscientes dos desígnios divinos;

12. O curador ao lado de sua cura. A participação na cura de alguém permite o surgimento do sentimento de fraternidade que une os seres humanos;

13. A lágrima da emoção feliz. Emocionar-nos pela tristeza e, principalmente, pela alegria, nos aproxima da percepção da matriz transformadora da consciência humana. A lágrima é uma das expressões do sentimento que aproxima de Deus o ser humano;

14. A música que atinge a alma. Ouvir e dançar, física ou mentalmente, uma música eleva a alma ao contato com uma linguagem divina. A música eleva o ser humano, conectando-o às forças criativas da Vida;

15. A natureza selvagem. Perceber a beleza em todos os processos da natureza nos faz sentir a grandiosidade de Deus e a consciência das nossas origens;

16. O ser humano. Quem quer que seja, o ser humano é o mais belo e digno representante de Deus. É a obra prima do Deus por ele concebido.

Tais imagens ou experiências da vida podem ser vividas pelo ser humano com um outro olhar, tendo como paradigma a perspectiva espiritual e a subjetividade presente em tudo. Com a visão da existência de vários sentidos para a vida e para os processos existenciais, pode-se viver aquelas experiências de forma transcendente. É o olhar que se tem sobre todas as coisas e sobre o que se vive, que pode banalizar um fato ou torná-lo significativo, promotor de crescimento e transcendência. É importante desenvolver a capacidade de subjetivar e de perceber além das

aparências, pois isso nos aproxima do aspecto espiritual da vida.

Quando se pretende ascender espiritualmente, é possível viver aquelas experiências, provocando-as direta ou indiretamente. A provocação indireta inicia-se na disponibilidade psíquica aos convites da vida. O Universo se alia, conspirando a favor de quem se coloca aberto a viver, sem medos e sem tibieza. A natureza pede arroubo e impulso para a criatividade. Na natureza, tudo lembra arrojo e determinação.

A vida não deve ser centrada em tragédias, dramas ou doenças. Ela é maior do que qualquer conflito humano. É preciso ter-se um olhar externo e mais amplo sobre o que se vive, a fim de não se submeter ao momento.

A constatação da vivência das próprias imagens e a identificação do valor subjetivo e transcendente das experiências vividas contribuem para uma melhor percepção do mito pessoal e do significado da própria vida.

Funcionamento da mente

A mente é uma estrutura que se localiza no perispírito³, sendo responsável pelo pensamento, pela formatação das idéias, pela constituição das emoções e sentimentos. O corpo físico responde aos estímulos que se originam no Espírito, passando pelo perispírito. Isso quer dizer que a mente não se reduz ao cérebro, mas interfere em seu funcionamento, justapondo-se a ele. Emite e capta estímulos que passam pelo cérebro, como também ocorre diretamente com a realidade. A mente independe do cérebro, sendo responsável pelos fenômenos subjetivos e mediúnicos. A alteração química em certas áreas cerebrais promove respectivamente perturbações psíquicas. Muito embora independentes, cérebro e mente se influenciam mutuamente; a mente interfere nos mecanismos de funcionamento do cérebro e este pode gerar alterações nos quadros mentais.

Os pensamentos nascem da mente, do impulso criativo que vem do espírito. A vontade, que nasce no Espírito, quando atinge a mente promove o pensar. O pensamento é organizado pelo eu ou *ego*, que, promovendo associações diversas, o transforma em idéia. Essas idéias são agregadas ao eu para atingir a consciência. Elas sofrem influência dos conteúdos psíquicos existentes no incons-

³ Para maiores esclarecimentos ver “Psicologia do Espírito”, onde desenvolvo estas idéias com maior profundidade.

ciente, pois o eu se situa entre o inconsciente e a consciência. Tudo que o ser humano aprendeu e que foi armazenado no inconsciente influencia a formação das idéias e a manifestação das emoções. O eu é uma espécie de aglutinador de conteúdos, que nascem do impulso criativo do Espírito, recebendo as influências emocionais do inconsciente, que são enviadas à consciência. Quando uma atitude é executada no corpo físico pela ação consciente, é porque já passou pelas influências inconscientes.

Nossas idéias são forjadas pelo desejo, que aciona os pensamentos e as emoções. Nossas emoções são determinantes psíquicos que, surgindo do inconsciente, influenciam nossas idéias e modelam as ações. Mais importante do que educar o pensar é equilibrar as emoções, cuja primazia sobre a razão é evidente.

Os impulsos oriundos do Espírito visam atender necessidades evolutivas, bem como a harmonização de conteúdos inconscientes. As atitudes, portanto, são representações de elementos inconscientes que se organizam segundo freqüências emocionais semelhantes. É como se as atitudes fossem representações de “compartimentos” da mente. Por exemplo, uma pessoa que tem um determinado vício está manifestando com sua atitude perniciosa uma representação de conteúdos inconscientes não resolvidos.

Por outro lado, o impulso criativo que vem do Espírito, a serviço de necessidades evolutivas, recebe decisivamente a contribuição da afetividade para agregar valores ao mesmo. Agregar valor significa dar uma direção ao impulso puro, a serviço da evolução do Espírito. A base da aquisição de requisitos para a evolução espiritual é energia gerada pelas emoções. A afetividade é uma expressão emocional, cuja qualidade, quando utilizada, agrega valores ao Espírito.

Os conteúdos internos pertencentes ao inconsciente, que se encontram neste estado por não terem sido suportados na consciência ou por serem produtos de processos

psíquicos inacessíveis, quando em desarmonia, precisam de solução. Tais desarmonias atraem experiências típicas para o equilíbrio do sistema psíquico. Muitas experiências negativas da vida são atraídas pelos conteúdos inconscientes aversivos. A realização dos conteúdos internos faz com que a vida aconteça e se torne dinâmica. Tal realização colabora para o equilíbrio psíquico geral e a manifestação responsável de seus conteúdos é decisiva para a aquisição de novos encargos do Espírito.

A Vida “responde” aos conteúdos internos, razão pela qual as ocorrências cotidianas que nos aborrecem, promovidas pelos outros, nada mais são do que experiências atraídas por nós, em estreita correspondência com os nossos conteúdos internos. Somos responsáveis pelo que nos ocorre, mesmo quando haja intencionalidade de alguém em nos atingir.

A mente, ou *psiquê*, ou ainda aparelho psíquico, é uma estrutura radicada no perispírito para a manifestação das potencialidades do Espírito. Sua constituição é de energia de frequência muito sutil, ainda não captada diretamente por equipamentos materiais. Aproxima-se da energia luminosa num estado ainda mais radiante e menos condensada. É suscetível ao desejo, sendo-lhe extremamente plástica, isto é, moldada por ele.

As mudanças de atitudes que desejamos realizar, a bem da felicidade que pretendemos alcançar, devem ser precedida, pelo trabalho em conciliar as emoções. Antes de mudar atitudes, seria importante a identificação do tipo de desejo que se tem e qual a natureza da emoção envolvida. É válido mudar a atitude antes dessa identificação, porém corre-se o risco de reincidir-se na ação que se pretende evitar, como também de adotar novo comportamento mais pernicioso ainda. Nossa mente também funciona em regime de compensação. O inconsciente compensa o que se passa na consciência.

O “demônio” e o mal que enxergamos ou procuramos fora de nós, se encontram nas profundezas de nosso inconsciente, desejando se harmonizar. O “anjo” e o bem que ansiamos em praticar e identificar no mundo externo, jazem dentro de nós à espera da conciliação com sua contraparte, que mora no compartimento ao lado, dentro nós mesmos. Somos os “anjos” e os “demônios” que queremos e devemos conciliar. Muitos dos diálogos que realizamos se devem a representações dessas duas polaridades passíveis de conciliação, quando não são vozes dos espíritos que desejam participar de nossa vida psíquica.

É na memória perispiritual que gravamos as experiências vividas, bem como ali se encontram os sentimentos gerados nas alegrias e tristezas sentidas. Na mente estão as tendências arquetípicas, sem as quais não seria possível o direcionamento do impulso criativo do Espírito para a realização pessoal.

Na *psiquê* também se encontra a tendência de todo ser humano em ir ao encontro de Deus. É o *arquetipo* denominado *Self* que nos direciona à busca do Deus em nós. O mito pessoal é uma das manifestações da realização do *Self*.

Mito pessoal

O mito é uma das mais fiéis representações do inconsciente. Sua constituição revela algo oculto que o idealizou, de forma sutil, porém condicionado a determinantes psíquicos imponderáveis. Como todo ser humano, nenhuma civilização sobrevive sem o mito. Ele é um ícone mobilizador de poderosas forças forjadoras da personalidade e da identidade pessoal. O mito simboliza aspectos psíquicos inconscientes e revela parcialmente o funcionamento da *psiquê*.

Uma encarnação é mais um período para o espírito viver novas experiências. Ao longo de seu curso muitos mitos são atualizados e vividos de forma inconsciente. Durante a curta ocorrência da existência no corpo físico, em meio a muitas experiências, atualizam-se relações, aprimoram-se habilidades e novos conhecimentos são adquiridos. Ódios são aplacados, amigos se revêem e amores são alimentados. A humanidade se aprimora, graças à inteligência humana que se aperfeiçoa a cada retorno a um novo corpo. Por mais que se queira pensar que renascer se trata de uma repetição, é, em realidade, uma nova e fantástica vivência do espírito, no tempo e no espaço. O retorno a um novo corpo é sempre algo de inusitado, bom e útil ao espírito. Há muito o que se aprender no corpo físico, principalmente no que diz respeito à educação das emoções. As experiências emocionais carregam à consciência importantes paradigmas das leis de Deus, necessários à evolução do espírito.

Seu aproveitamento pode se tornar melhor, na medida em que o espírito se apercebe da linha mestra que conduz sua vida, a qual ele e Deus tecem concomitantemente. Tal linha mestra pode ser chamada de *mito pessoal*. É o roteiro de um filme que contém aquilo que decorre do livre arbítrio, do planejamento reencarnatório e das tendências *supra-arquetípicas*⁴ coletivas a que todo espírito está submetido. É a linha ou o trilho em que o trem de sua vida tem viajado. São aspectos da vida e da individualidade que, quando percebidos de um ângulo mais amplo, permitem maior capacidade de modificação do destino e de assimilação do aprendizado ao espírito. Identifico dez aspectos a serem percebidos para a consciência do mito pessoal: anseios ocultos, buscas arquetípicas, polarizações típicas, repetições de experiências, eventos em *sincronicidade*, eventos mediúnicos, sinais e símbolos da vida, direção da *energia psíquica*, sonhos e *complexos*. Adiante explicarei cada um deles, em capítulos específicos, visando tornar clara a percepção do significado do mito pessoal.

O mito pessoal é a soma das percepções que o indivíduo tem de sua própria vida e do caminho que ela tem trilhado, independentemente da consciência pessoal. Nem sempre corresponde àquilo que o indivíduo deseja ou desejou para a própria vida, mas sim no que ela se constituiu até aquele momento. Sua percepção se dá a partir de um olhar sobre o somatório das experiências vividas na atual encarnação e, quando possível, em vidas passadas. Tal percepção não se dá numa única dimensão da existência corporal, mas em todos os aspectos e áreas de que ela se compõe.

Perceber seu mito pessoal é como enxergar a própria vida como um espectro, com todas as experiências nela vividas. É simultaneamente perceber o mosaico das fases ou etapas que a constituem e como foram vividas, ou não,

⁴ Aquilo que transcende o livre-arbítrio.

as experiências pertinentes a cada uma delas. É mais do que uma lembrança de fatos ocorridos, mas também das emoções vividas, do que foi aprendido e do que se deixou de aprender.

Reunir as experiências relacionadas a esses dez aspectos, conectando-as entre si e a si mesmo, como se fossem contas de um colar, extraído do conjunto um sentido único, é encontrar o mito pessoal. Sua percepção facilita a condução da vida, bem como a correção do direcionamento que ela tem tomado. A consciência do mito pessoal, após a reunião das emoções e reflexões geradas nas experiências da vida, requer a firme decisão de se conectar ao que há de mais profundo em si mesmo, bem como de se colocar como autor do próprio destino.

O mito pessoal pode se repetir por várias encarnações até que o espírito mude ou tenha alcançado o que desejava. Uma grande frustração de uma encarnação pode se tornar o grande motivo que direcionará existências futuras. Alcançar o que foi frustrado no passado pode vir a se tornar o mito pessoal de alguém. Isso significará que a pessoa viverá de seu passado, ou melhor, do desejo de resolver frustrações alimentadas.

Em alguns casos vamos encontrar pessoas com mais de um mito pessoal. Apresentam buscas em várias dimensões da vida, não se detendo especificamente num só campo. Assim parecerá quando se observa apenas uma ou duas encarnações. Porém, numa análise a longo prazo, ampliando o alcance da visão para mais encarnações, ver-se-á que há um núcleo das buscas daquele espírito. Nem sempre essa análise é possível, muito menos para quem está encarnado e não tem qualquer possibilidade de acesso a suas vidas passadas.

O mito pessoal, quando percebido, torna-se um acontecimento que dará a sensação de ter encontrado um porto seguro na vida da pessoa. A compreensão do significado da própria existência amplia as perspectivas de vida, facilitando

a aceitação das experiências inevitáveis, que geralmente são vistas como um desafio ou imposição de Deus.

Exemplos de mito pessoal facilmente identificáveis:

– pessoas que estão sempre viajando em excursões, em grupo ou sozinhas, não se demorando muito tempo num lugar. Certamente o mito pessoal é fugir de algo consciente ou inconsciente de difícil contato.

– pessoas que perseguem obstinadamente uma marca individual superior em algum esporte, não admitindo derrota. Certamente querem superar um grande *complexo* de inferioridade.

– pessoas que defendem fanaticamente por toda uma encarnação religiões, filosofias políticas ou doutrinas diversas, à custa de sua própria socialização. Certamente estão à procura de um contato íntimo com Deus.

– pessoas que se determinam obsessivamente a um objetivo, sem o qual não conseguem viver. Seu mito pessoal é atender ao que está oculto no inconsciente, e usam este objetivo como símbolo.

– pessoas que se desvelam por outra por toda uma encarnação, sem motivo real, apenas pela afeição que a ela dirigem. Certamente satisfazem a dependência que criaram em relação àquela pessoa.

– pessoas que passam a encarnação ocupando cargos de poder, sem conseguir desempenhar funções sob o comando de alguém. São antigos mandatários que não se desligaram de seu *complexo* de poder.

– pessoas que se dedicam obsessivamente a um trabalho, não conseguindo dele se ausentar, mesmo após o tempo dedicado à aposentadoria. Fogem da liberdade de viver.

– pessoas que vivem uma *persona* específica durante toda a encarnação, como se estivessem interpretando um papel numa peça teatral. Cristalizam sua forma de viver no mundo. Vivem em constante regressão ao passado, em busca inconsciente pelo que lá ficou.

– pessoas rígidas em seus princípios e que não se permitem mudanças, impondo aos outros seu modo de pensar e agir. Agem obsessivamente, exigindo do si e dos outros, mais do que devem. Vivem o mito da proteção contra si mesmas. Protegem-se de suas próprias idéias libertadoras.

– pessoas que se tornam referenciais positivos no que fazem, servindo de modelo e exemplo para outras, sem perderem sua identidade pessoal. Vivem o mito da realização de sua própria individualidade em meio ao coletivo.

Um exemplo de mito pessoal pode ser visto na vida de certos artistas em busca da imortalidade na memória de seus fãs. Procuram perpetuar uma imagem estética para não cair no esquecimento. Vivem cristalizando a imagem que lhe foi mais proveitosa em suas carreiras. São como ícones de mármore que o tempo mal consegue corroer. Imortalizam a imagem, da qual se alimentam em seus pensamentos cristalizadores do passado. São prisioneiros deles mesmos.

Assim ocorre com muita gente que vive a vida fantasiosa que criaram para si. Precisam se libertar do mito que elegeram como trilha de suas vidas.

A identificação do mito pessoal permite, quando mantém o espírito aprisionado num padrão negativo de viver, libertá-lo de si mesmo, direcionando sua vida para realizações outras, mais adequadas à sua evolução. Quando o padrão é positivo, permite ao espírito aperfeiçoar-se para maiores cometimentos. É fundamental identificar o mito pessoal, modificando-o ou não, para melhor conduzir-se na vida, visando o próprio progresso espiritual.



Destino humano

Qual é o destino da Humanidade? Será aquele mesmo em que tenho pensado e que acredito que vai acontecer comigo? Ele é vago, ou o tenho em minha consciência, de forma bem definida? Talvez não existam respostas suficientemente claras para estas perguntas. Para alguns, o destino é incerto, para outros, só Deus o sabe. Talvez exista alguém que tenha adquirido a consciência de que ele sempre pode ser alterado e que é uma construção pessoal, dentro de princípios divinos.

Para entender o destino como uma construção pessoal é fundamental a percepção de que sua ocorrência também obedece a uma certa força que vem de dentro do ser humano. Tal força representa a autoconsciência de Deus em si mesmo. Quanto mais o ser humano se sentir em Deus, agindo em consonância com Seus desígnios, visando a harmonia pessoal e coletiva, mais estará consciente daquela força. Ela o torna competente para gerir seu próprio destino, moldando-o de acordo com o sentido e significado da vida.

O sentido e significado da vida correspondem a uma equação pessoal para a própria existência, estabelecendo limites e possibilidades flexíveis ao destino futuro. Tal equação do destino pessoal contém determinantes e variáveis que podem ser reguladas pela consciência de quem já percebe sua força interior. O poder de mexer com o resultado da equação pertence ao indivíduo que enten-

deu o significado da vida, a partir de como realiza a própria existência.

Nesse sentido, o mito pessoal está diretamente relacionado com o significado que o indivíduo dá à própria vida, pois percebe que ele mesmo manipula as variáveis intervenientes. Suas atitudes, idéias e sentimentos são os vetores manipuladores do próprio destino. O que se assimila ou se integra à personalidade que resulta das experiências vividas, determinará também o que ocorrerá no futuro de cada um. Não aproveitar conscientemente o que resulta de cada experiência como fator aprendido é não saber que com isso se pode mudar o próprio destino.

Mito e destino pessoal são ocorrências intimamente ligadas, pois o mesmo indivíduo que realiza um mito, constrói com ele seu destino. Da mesma forma, o destino resulta da construção de um mito a respeito de si mesmo.

O mito pessoal, tanto quanto o destino de uma pessoa, são como um segredo que não se consegue conhecer. Fazem eles parte dos segredos da alma para si mesma, que ignora para onde vai e de onde veio. A ignorância do mito pessoal e da possibilidade de manipular o próprio destino é resultante da alienação da consciência em relação ao inconsciente. Quanto mais o ser humano desconsiderar o que jaz dentro de si mesmo, resultante de suas múltiplas encarnações, mais distante estará de Deus. Seu destino será uma longa e tortuosa travessia por um mar infestado de tubarões numa pequena jangada de madeira.

O destino humano segue dentro da Matriz da Vida, constituída pelo criador. Tudo nela se encontra dentro de certos limites definidos para que o ser humano O encontre. Enquanto não se percorrer os pontos dessa Matriz, dar-se-á voltas em torno de si mesmo. Os pontos são como estações ou etapas de trabalho, que, quando vencidas, passa-se a outra. Sem percorrer todas elas, aprendendo cada lição, não se atinge os objetivos. A Divina conexão que o Espírito deve alcançar é o grande objetivo da viagem,

que ocorre quando incorpora qualidades que superam sua ignorância e simplicidade iniciais.

Após isso, saberá a resposta à pergunta: Para onde estou indo? Dirá para si mesmo que o caminho é o próprio caminhar e a chegada é o sentimento em cada trecho da viagem. Já estará cuidando da própria vida, sem a ingenuidade do início nem a inconseqüência do principiante. Terá feito de si mesmo o que lhe propôs, gravado em seu inconsciente, o Criador da Vida.

O destino não está absolutamente traçado, pois ele é construído gradativamente pelo Espírito. Dizer que Deus já sabe o que acontecerá e que, por esse motivo, o ser humano não tem livre-arbítrio é um sofisma que desafia a sabedoria divina. Não se deve estabelecer temporalidade quando se pensa na idéia de Deus. As escolhas humanas, quaisquer que sejam, estão dentro de possibilidades divinas.

O destino, mesmo se tendo um passado delituoso, o qual não se consiga esquecer, pode ser alterado, sem que o espírito precise sofrer. A consciência de que o passado é fruto da ignorância e que o futuro pode se constituir de experiências de aprendizado sem sofrimento, permite que expiações possam ser alteradas.

O destino pessoal também está sujeito ao destino coletivo, pois todos temos, em nós mesmos, uma parte semelhante. Somos individuais e coletivos em nosso inconsciente. Ninguém evolui sozinho nem vive sob regime de exclusividade perante as leis da Vida e do destino. Mesmo sendo uma construção pessoal, todos estão sujeitos a direitos e deveres iguais.

Pode-se alterar o próprio destino quando se descobriu o amor dentro de si mesmo como instrumento eficaz de transformação interior e exterior. A Vida pede participação ativa do espírito em favor de si e da sociedade. Não se tornar útil e sensível às causas humanitárias representa atraso evolutivo e impedimento ao crescimento espiritual. Todos devem colaborar com todos.



adenáuer novaes

O espírito, na parte que lhe cabe, é senhor de seu próprio destino. Da mesma forma que recebe influências dos que o cercam, para a realização de seu destino, também interfere no dos outros. Muitas vezes, pela sua responsabilidade consigo mesmo, torna-se importante fator de transformação do outro.

Quanto mais o ser humano se torna útil a si mesmo e cuidadoso com o destino alheio, mais lhe são confiados instrumentos de transformação coletiva.

Anseios ocultos

Anseios ocultos são as fantasias e desejos recônditos que influenciam deterministicamente a vida, direcionando-a para um fim. Geralmente surgem entre a puberdade e a adolescência como ideais de transformação pessoal e coletiva. São propostas internas de adquirir poder suficiente para a realização de ideais imaginários externos e, muitas vezes, utópicos. Tais propostas acompanham o querer e o desejo do indivíduo por toda a encarnação, sem que ele necessariamente se dê conta. A descoberta e conscientização desses anseios ocultos é um importante passo que pode começar com a lembrança daqueles ideais, além de adquirir o hábito de se auto-analisar constantemente, procurando enxergar seus próprios desejos.

São ocultos, ou parcialmente ocultos, por nem sempre estarem acessíveis ao *ego*. Geralmente já saíram da consciência e se transferiram ao inconsciente. A impossibilidade de realizá-los os fez perder a força que tinham quando participavam da consciência. Costumam direcionar nossas atitudes perante a vida, influenciando escolhas profissionais; contribuem para a criação de expectativas amorosas e norteiam as atuações em sociedade.

São fantasias não realizadas, quase impossíveis de ser alcançadas, que permanecem no inconsciente pressionando a consciência, influenciando-a e direcionando-a a um fim. Vez por outra surgem na consciência em forma de ideais altruístas, como se fossem redenções

coletivas. Outras vezes aparecem na forma de poderes ocultos e miraculosos, que dão à pessoa o lugar de destaque e liderança infantilmente ansiada. Tais poderes se assemelham aos que atribuímos ao super-homem ou a algum semideus (profeta, guru ou avatar), que seria capaz de resolver miraculosamente os males do mundo. Sutilmente, tais fantasias alcançam o status de objetivo final da vida, podendo levar o indivíduo ao lugar de rei ou rainha, líder carismático de seu próprio reino infantil.

O desejo de realização da fantasia oculta pode se tornar positivo, na medida que vai recebendo contribuições da lógica e do pragmatismo humano, além da consciência da exeqüibilidade dentro dos projetos existenciais da pessoa.

A fantasia inconsciente é também alimentada sempre que uma frustração ocorre ou quando a injustiça comparece em alguma experiência vivida. Quanto mais pueril e imatura a pessoa, mais a consciência participa da influência da fantasia em sua vida.

Um exemplo de anseio oculto é o desejo presente em certas pessoas de usar grandes poderes mediúnicos. Com eles pretenderiam demonstrar seu domínio sem medo sobre o *sobrenatural*, tanto quanto favorecer a cura e solução de muitos males espirituais das pessoas. Tal fantasia infantil ocorre principalmente na idade adulta. Isso significa que antes dela, provavelmente na adolescência, existe outra de se tornar uma espécie de *redentor da humanidade*. São desejos *egóicos* contaminados por um *complexo* de inferioridade inconsciente. Isso ocorreu com alguns líderes mundiais do passado, que quiseram conquistar terras e fundar reinos com seus nomes e suas leis, para que a posteridade os reverenciasse. Os desejos de ter poderes pode alienar a pessoa do processo de construção gradativa de suas capacidades de transformação pessoal e do meio em que vive. Todo poder emprestado pressupõe

alta dose de responsabilidade e cuidado com seu uso, pois não houve a construção dos alicerces naturais básicos para sua existência.

Os desejos altruístas de transformação da humanidade não são em si fantasias infantis quando se atribui a eles a dimensão adequada. Tê-los na consciência, considerando sua exeqüibilidade como algo pertencente ao coletivo e ao divino, entendendo que lhe compete uma pequena e singular cota, não é infantil. Isso significa a compreensão adequada da responsabilidade pessoal, resultando numa participação ativa na melhoria da sociedade em que se vive.

Alterar os anseios ocultos, ou se ver livre deles, requer a consideração pessoal de não se colocar no lugar de quem tem poderes mágicos ou de quem está ligado a algo grande que revolucionará a humanidade. Requer, em outras palavras, humildade, isto é, consciência real das próprias limitações. Não quer dizer passividade ou inatividade diante das necessidades sociais que poderiam ser evitadas. É atitude diante dos problemas coletivos, na medida das possibilidades de atuação, unindo-se a pessoas ou grupos capazes de executá-los.

Por outro lado, para não se deixar influenciar pelas fantasias infantis, porventura esquecidas, é preciso estar centrado em novos objetivos de vida que sejam exeqüíveis e constantemente analisados pragmaticamente. Esses novos objetivos devem ser construídos após a idade adulta jovem, com consciência das reais possibilidades de execução, inserindo-os na vida cotidiana, de uma maneira bem prática.

Quando me refiro aos objetivos de vida, não coloco apenas aqueles referentes à vida material, cuja busca pragmática, dentro dos limites das necessidades humanas, deve ser óbvia. Refiro-me também aos objetivos espirituais, portanto, além da vida material e ligados ao desenvolvimento da própria personalidade.

É fundamental, para a redução da influência dos anseios ocultos ou sua eliminação, que o indivíduo desenvolva a humildade, como também um objetivo específico referente ao desenvolvimento de sua personalidade. Sem isso, talvez permaneça alimentando suas fantasias infantis durante a vida.

O mito de uma pessoa pode ser percebido privilegiando-se observações a respeito de seus anseios ocultos, e se a mesma dedica a vida exclusivamente a sua realização.

Buscas arquetípicas

Buscas arquetípicas são as realizações das tendências básicas do ser humano, isto é, tendências comuns da vida. A palavra arquetípica deriva de *arquétipo*, que quer dizer tendência coletiva a agir de determinada forma padronizada. Algumas dessas tendências são muito conhecidas e básicas, tais como: abrigar-se sob a proteção do materno, relacionar-se afetivamente com alguém, apresentar uma imagem idealizada de si mesmo aos outros, evitar enxergar o lado negado ou oculto da própria personalidade, perceber os conselhos de uma voz interior sábia, desejar conhecer e explicar o mundo, reconhecer e adotar uma certa ordem na vida, resistir ao impulso da permanência numa certa inocência ou ingenuidade, dentre outras.

Abrigar-se sobre a proteção do materno, quer dizer: ter a tendência a procurar proteção ou ajuda diante de desafios ou dificuldades. Da mesma forma, agregar-se em família, constituindo-a e protegendo seus membros, também é uma representação dessa tendência. Há pessoas que supervalorizam os processos familiares, não abrindo espaços para a ampliação da fraternidade, para a inclusão de mais pessoas em seu rol de afetos. Vivem exclusivamente para a família consangüínea sem considerar que há uma família maior, a espiritual. Esta se estrutura pelos laços de afinidade entre os espíritos, independentemente do grau de parentesco, etnia ou nacionalidade. Ampliar a família é estender o alcance do sentido da própria vida, tornando

seu mito pessoal maior do que a existência num corpo físico.

Relacionar-se afetivamente com alguém é um anseio de todo ser humano, por mais rude que ele seja. É o desejo pelo acasalamento e construção de uma continuidade pessoal, ampliando sua consciência com a inclusão de outras pessoas em sua vida. Essa busca arquetípica toma quase a totalidade da vida da grande maioria das pessoas. Para elas as alegrias e conflitos da vida geralmente se situam nessa dimensão. A exacerbação das experiências amorosas, em detrimento das outras dimensões da permanência no corpo, denuncia um viés no sentido que se atribui à vida física. Sem desprezar o ensejo pelo encontro amoroso com alguém, a vida contempla outros horizontes.

Apresentar uma imagem idealizada de si mesmo torna-se uma necessidade, a fim de facilitar a convivência social. Nenhum ser humano se mostra em sua totalidade. Todos buscam mostrar o melhor de si mesmos, a fim de se inserir adequadamente em sociedade. Consequentemente, o lado negativo da personalidade é escondido ou não percebido. Com isso, o ser humano oculta-se e se esconde de si mesmo, porém, com essa atitude, inevitavelmente evita parte de si mesmo, em benefício da vida coletiva. A personalidade se manifesta parcialmente, não se realizando totalmente. Vive uma vida artificial, mostrando o que não é e sem integrar todos os aspectos do seu eu. Vive o mundo da *persona*, sem coragem ou sem conhecimento para apresentar uma personalidade que integre os dois aspectos. Valoriza títulos, posses, bem como qualidades exteriores ao indivíduo. Tais pessoas criam estereótipos de si mesmas. Consciente ou inconscientemente, vivem os mitos do poder e da superioridade pessoal. Andam buscando a valorização da tradição, do nome de família, consideram bons casamentos os que trazem vultosas heranças e não costumam tolerar misturas raciais. Seu mito pessoal é sua valorização em relação aos outros.

Perceber os conselhos de uma voz interior sábia é o constante diálogo interno consigo mesmo, bem como com espíritos desencarnados que se acercam do ser humano, quer ele acredite ou não. Esses diálogos se constituem numa espécie de conversa com um outro *ego*, que funciona como interlocutor auxiliar na vida da pessoa. Essa relação com um outro eu, visando a busca de significados pessoais, deve ser confrontada com a realidade, a fim de que a vida não permaneça limitada dentro de si mesmo. O interno deve ser confrontado com o externo, a fim de que o indivíduo saia de si e vá em direção ao outro e ao mundo.

Outra busca arquetípica é a sede que o ser humano tem em compreender a vida externa. Nessa busca, ele amplia o intelecto, aumentando seu volume de informações. O que parece ser uma melhor compreensão da vida pode levar o indivíduo ao excesso de conhecimento acerca de tudo. Tal conhecimento, por ser muito amplo, poderá ser superficial, sem a penetração na essência das coisas e de si mesmo. A busca pelo saber, pela simples vaidade em obtê-lo, direciona a vida para a racionalidade. O mito pessoal será o do controle e da informação, sem real apreensão do significado da vida.

Reconhecer e adotar uma certa ordem na vida é guiar-se por algum norte ou sistema de valores. Ninguém vive sem um sentido diretor, pois isso representa a própria imagem do eu pessoal. Esse sentido diretor deve estar conectado com algo superior (*Self*) para o equilíbrio e desenvolvimento da personalidade. Há pessoas que guiam suas vidas por idéias e sentimentos dissociados do encontro consigo mesmo. Vivem do passado, das tradições seculares ou do novo, sem o equilíbrio entre eles. Passado e futuro são polaridades que interferem no presente e devem ser integrados na consciência. Quem vive muito o passado e foge do novo, assemelha-se a quem nega o passado e se apega às novidades. É preciso que nossas tradições e nortes adotados sob influência da educação familiar,

recebam a contribuição do novo e das transformações sociais. Essa integração faculta à consciência a abertura para a criatividade. Apegar-se ao passado demonstra que o mito pessoal está preso no inconsciente.

Resistir à permanência numa certa inocência e ingenuidade na vida significa viver na direção do processo de amadurecimento da infância à vida adulta. Todo ser humano busca sair da ingenuidade e inferioridade sentidas na condição infantil da personalidade. Há pessoas que buscam uma eterna juventude, sob pretexto de permanecerem jovens. Cultuam o corpo e sua estética, muitas vezes em detrimento da educação da alma. Nada contra os cuidados que se deve ter com o corpo e a saúde, porém deve-se ter a precaução de não cristalizar a mente em atitudes restritas a esse campo. A cada idade ou fase da vida, existem experiências oportunas a serem vividas. Os cabelos brancos de alguém, por exemplo, podem ser um sinal de que adequadas experiências devam começar a ser vividas. Aqueles que vivem presos à infância ou à juventude são pessoas que não compreendem que a vida possui ciclos que devem ser abertos e outros, fechados. É típico do *Puer*⁵ permanecer com o ciclo da juventude aberto. Ser jovem é um estado de espírito e não uma condição física. O *Puer* pretende permanecer na puerilidade sempre. No fundo teme a velhice e a morte. Seu mito pessoal é alcançar a condição de *Narciso*: belo, mas apenas isso.

O *Puer* tem a tendência regressiva inconsciente de permanecer sempre infantil, dependente, apegado a padrões fantasiosos e negando o enfrentamento dos desafios que o levam à maturidade. A *individuação* passa pelo sacrifício consciente dessa tendência regressiva. A *individuação* é a realização da personalidade integral, isto é, tornar-se um indivíduo que saiba viver coletivamente, realizando-se.

⁵ Significa criança. Aqui é colocado como uma tendência a atitudes infantis, em desacordo com a idade cronológica do indivíduo.

Tais tendências devem e precisam ser atualizadas nas várias fases da vida, evitando-se submeter inteiramente a elas ou fugir das experiências que as constituem. A Vida exige que todos atuem na direção do crescimento pessoal e coletivo. Aperceber-se de quais processos arquetípicos não foram vividos, bem como daqueles que foram repetidos e intensamente atualizados, contribui para a análise do mito pessoal. Fundamental é não perder o trem da vida, ao deixar passar oportunidades importantes de crescer.

Há pessoas que se demoram numa busca específica, centrando seu mito pessoal num dos propósitos citados. Muitas vezes, a demora se deve a processos *cármicos* não resolvidos em vidas passadas. Algumas não conseguem alcançar o que desejam, mesmo sendo algo simples para os outros. O que parece ser fácil para os outros, é custoso e sacrificial para aquela pessoa. Perceber qual ou quais daqueles processos têm tomado a maior parte da consciência e da vida da pessoa, é uma pista para o mito pessoal. É possível mudar isso. É preciso ter consciência do que a Vida quer ensinar com a dificuldade apresentada na realização daquela busca arquetípica. Experiências semelhantes, menos sacrificiais, poderão fazer a pessoa integrar o que lhe falta.

Alguém que, por exemplo, deseje ter um filho e não consiga por ter problemas ligados ao seu aparelho reprodutor, poderá centrar boa parte de sua vida neste propósito. Viverá o mito da maternidade não alcançada, sentindo-se incapaz e infeliz por isso. Poderá sublimar sua dor, aceitando conscientemente a impossibilidade e redirecionando suas buscas. Poderá também adotar um filho, amenizando seu sentimento de impotência materna. De qualquer forma terá como principal mito de sua vida a realização do materno. A saída, diante da impossibilidade material em realizar seu desejo, poderá estar na maternidade exercida coletivamente, isto é, ser materno, acolhendo as pessoas e alimentando suas esperanças.

Pode-se adiar a vivência de certas experiências por algum tempo, porém não se conseguirá alcançar a condição de ser espiritualmente evoluído nem a felicidade plena sem integrar o que lhe falta na personalidade. A renúncia momentânea na realização de uma determinada busca arquetípica poderá ser útil ao espírito encarnado ou desencarnado, principalmente nos casos em que houve excesso de uso. O passo seguinte será aprender a usar adequadamente a energia da vida, a serviço da própria construção da personalidade sadia. A Vida nos oferece tudo, mas nos cobra muito. O preço que se paga pelo que a Vida oferece, não é outro senão a própria conquista da felicidade plena do espírito. Tal felicidade é vivida em sociedade. Aparentemente fácil de ser conseguida, porém requer o uso da energia psíquica ao longo das várias encarnações.

As buscas arquetípicas são tendências que podem ou não ser realizadas numa encarnação. O livre arbítrio de cada um definirá o que deseja experimentar naquela encarnação. A compreensão cada vez crescente das leis de Deus fará com que o espírito defina o momento mais oportuno para realizá-las.

Polarizações típicas

Polarizações típicas são tendências superlativas nos comportamentos adotados na vida. São preferências individuais nas várias atividades da vida, que acabam por enviesá-la. Elas podem ser notadas no lazer, nos *hobbies*, nos hábitos tradicionais de muitos anos, nas atividades costumeiramente realizadas nos finais de semana, nas tradições familiares escolhidas, bem como nas obstinações desenvolvidas ao longo da vida. Tais polarizações acabam por conduzir a vida da pessoa para finalidades específicas, o que só é perceptível após alguns anos. Muitas vezes, pelo envolvimento intenso numa atividade remunerada, aliado à constante permanência num mesmo meio profissional, inclusive na participação de lazer típico do grupo social correspondente, consolida-se uma polarização na vida, limitando-a. Neste caso, de limitação à convivência exclusiva ao ambiente profissional, a busca por atividades múltiplas, bem como o envolvimento em eventos sociais ligados ao seu meio residencial, tornará menos restrita a vida do indivíduo.

Na realidade, as polarizações são o conjunto das atividades totais da vida material, de acordo com as intensidades com que são vividas. Representam o gosto e as preferências que o indivíduo adota em sua encarnação, no que diz respeito às atividades cotidianas.

A percepção da polarização típica da vida de uma pessoa, primeiramente pode ser observada no seu lazer,

isto é, em como gosta de obter o prazer nas suas horas livres. Há lazeres que são feitos isoladamente e outros em grupo. Os que são feitos isoladamente denotam introversão; os realizados em grupo, extroversão, que podem contar com grupos de amigos ou com familiares. Há aqueles que despendem energia física e outros em que há apenas esforço intelectual; há aqueles que obrigam o indivíduo a gastos vultosos e há outros que são quase de graça; existe o lazer do descanso físico e o lazer de um hobby; há os que realizam seu lazer com a prática de esportes, outros preferem permanecer em casa, lendo. Quando o lazer se torna a única via de representação da vida de uma pessoa e sua razão de ela ter acontecido, pode-se encontrar mais facilmente, por esta escolha, seu mito pessoal. Conheci uma pessoa que dedicou seus momentos de lazer à prática de fazer miniaturas de aviões. Isso se deu a partir de seus quinze anos. Isso não o impediu de estudar nem de trabalhar. Constituiu família e sempre foi um bom vizinho. Após os trinta anos, já havia reservado em sua casa um cômodo para sua oficina de “aviões”. Era evidente que ele queria ser livre, comandar sua própria vida, pilotar sua liberdade. Algo dentro dele exigia sua liberdade, levando-o àquela dedicação cada vez maior.

O trabalho, exercitando uma profissão, é uma necessidade de todo espírito. Ao mesmo tempo em que vive experiências significativas na vida, o ser humano contribui para o desenvolvimento da sociedade, através do exercício de uma profissão. Uma vida com ênfase demasiada no trabalho poderá enviesar seu sentido. A mente excessivamente voltada ao trabalho poderá estar a serviço de algo, oculto ou manifesto nesta personalidade, que deve ser descoberto para não atuar em seu próprio prejuízo. Quando isso se dá por momentânea necessidade de ascensão social ou para o equilíbrio financeiro do indivíduo, num pequeno espaço de tempo, nem sempre haverá prejuízo psíquico. Em algumas pessoas, o exercício de uma única

profissão por toda uma existência, condiciona-as de tal maneira, que seu pensar e suas idéias se tornam prisioneiras num sistema inflexível, sem criatividade. Para essas pessoas seria mais adequado, após algum tempo de exercício profissional, mudar conscientemente e responsavelmente de profissão. O tipo de profissão escolhida ou os motivos de uma mudança, quando ela ocorre, oferecem traços indicativos do mito pessoal. A obstinação em exercer determinada profissão, que por motivos diversos não se consegue alcançar, também pode revelar indícios do mito pessoal. Uma certa vez, atendi uma paciente de cerca de 28 anos, auxiliar de enfermagem, insatisfeita em sua profissão e decidida a fazer o exame para o curso de Medicina, que já tinha tentado por seis vezes. Sua profissão atual fora uma alternativa encontrada para estar mais próxima de seu desejo. Ano a ano se preparava para prestar o exame, sem o êxito desejado. Sua determinação revelava um indício de seu mito pessoal: o desejo de ser curadora, atendendo um anseio íntimo. Sua busca, cuja realização veio se dar após dois anos de iniciada a psicoterapia, mesmo que não tivesse sido bem sucedida, demonstrava uma obstinação típica de alguém que desejava provar algo a si mesma, talvez não sabendo flexibilizar escolhas.

Há pessoas que permanecem num mesmo círculo de relacionamentos sociais, ligadas a determinada área profissional ou interesse particular, dedicando boa parte de sua vida àquele vínculo psíquico. Têm suas vidas restringidas por idéias e opiniões limitadas a determinado conhecimento. Falam de temas diversos, porém dentro dos limites do saber de seu círculo de amigos e conhecidos. Dificilmente se ocupam em ampliar o saber de seu meio. Isso ocorre muito com pessoas que vivem em pequenas comunidades ou que se limitam aos relacionamentos familiares ou com outras de sua classe social. Conheci um jovem que, mesmo formado em Filosofia, acostumou-se tanto ao círculo de amigos de seu bairro, com os quais

difícilmente conseguia trocar idéias filosóficas, reduzindo-se a conversar sobre futebol, política partidária e a vida alheia, que acabou tendo uma vida medíocre. Sua vida social restrita, aliada a conflitos familiares, levou-o a afogar-se em álcool. Seu curso de Filosofia lhe foi útil para torná-lo professor numa Faculdade, dando-lhe a dignidade de um trabalho. Seu reduzido e intelectualmente pobre círculo social, fora das possibilidades de ampliar seu saber, contribuiu para sua derrocada moral e espiritual. Provavelmente seu desejo de ensinar profissionalmente e seus insipientes amigos, sem a necessária competência filosófica, davam pistas de que seu mito pessoal era resolver sua própria ignorância interna, e que estava sendo adiado.

A descoberta de uma vida polarizada num ou noutra campo deve levar o indivíduo a mudanças para ampliação de experiências significativas. A dedicação a uma determinada atividade na vida pode ocorrer por uma circunstância quase inevitável, principalmente nos casos de herança e tradição familiar. Isso pode ser algo estruturante na personalidade do indivíduo e socialmente importante. Mesmo assim, seria adequado ao espírito a busca por diferentes atividades, fora de seu círculo de atuação, a fim de viver experiências complementares à sua evolução. Com isso, quero afirmar que é importante diversificar a vida, evitando polarizações, para que ela se torne maior do que a atividade enfaticamente escolhida.

Repetições de experiências

Repetições de experiências podem ser percebidas quando uma pessoa atravessa situações de difícil solução, mais de uma vez na vida. São experiências que se repetem em determinadas épocas da vida, levando a pessoa a questionar sobre o porquê de estar vivendo aquilo de novo, e gerando a sensação de que não “merece” tal infortúnio. Geralmente são experiências difíceis, dolorosas e que requerem intenso envolvimento emocional. Tais experiências se repetem geralmente porque o indivíduo não extraiu na primeira ocorrência o suficiente aprendizado. Dentre elas podemos encontrar: repetidas demissões em vários empregos, nova separação conjugal, outra traição amorosa, distanciamentos de amigos, constantes decepções amorosas, perdas financeiras cíclicas, mudanças de endereço obrigatórias, relacionamentos com pessoas complicadas, recidivas de doenças, ou outras ocorrências repetidas para as quais a pessoa não concorreu voluntariamente.

A Vida parece oferecer, a certas pessoas, a oportunidade de refazer o que não foi adequadamente vivido. Chegam a ser até insistentes os convites para que a pessoa, desta nova vez, consiga fazer diferente. Mesmo assim, há pessoas que não conseguem vencer o antigo desafio e, algumas vezes, nem ao menos enxergam a repetição em que se envolvem. A Vida, caprichosamente, convida a pessoa ao exercício da mesma experiência, para exigir-

lhe nova atitude, que, se realizada, pode levar à conclusão do ciclo.

Tenho um amigo que não conseguia permanecer mais de três meses num emprego. Sempre se deparava com pessoas que o invejavam, competiam com ele e acabavam por contribuir para sua demissão, mesmo sendo um bom empregado. Logo arranjava outro emprego, para, em seguida, perdê-lo. Um dia ele me perguntou por que sempre isso acontecia com ele. Queria estabilidade num emprego, pois tinha família e não queria que nada faltasse. Expliquei-lhe sobre o significado da repetição de experiências como resultante de processos internos mal resolvidos, oriundos da presente encarnação ou de vidas passadas. Recomendei que, no próximo emprego agisse diferente, principalmente deixando de ser inocente. Após esse conselho, resolveu ser mais prudente e prevenido em relação à competição no trabalho. Atualmente ele trabalha numa empresa há mais de dois anos. Sua repetição constante revelava um aspecto de seu mito pessoal: aprender a usar sua prudência e sua malícia, antes disfarçada sob a máscara de bom moço.

Uma certa vez, uma mulher de cerca de trinta e dois anos procurou-me no Centro Espírita após uma palestra e me perguntou por que motivo ela só atraía homens que não “prestavam”. Disse que sempre estava repetindo a mesma experiência. A maioria eram homens complicados ou comprometidos. Olhei em seus olhos e, para espanto dela, disse-lhe pausadamente: – Você atrai homens que não “prestam” porque você não “presta”. Ela arregalou os olhos, como se não tivesse ouvido bem, querendo que eu confirmasse o que dissera, e perguntou-me: – Como? Da mesma forma pausada e calma com que disse a primeira vez, falei: – porque você não “presta”. Em seguida expliquei-lhe que semelhante atrai semelhante e que nossas questões internas estão em sintonia e conectadas às experiências externas. Falei para passar algum tempo

sem ninguém (pelo menos três meses) e mudar as estratégias para o encontro com alguém em sua vida. Seu mito pessoal, no campo afetivo, era encontrar o grande amor de sua vida, aliado ao desejo de que ele fosse bonito, responsável, amoroso e provedor. Parecia mais querer uma figura mitológica do que uma pessoa, já que uma personalidade real é bem diferente do ideal de angelitude desejado.

Há pessoas que passam por perdas patrimoniais cíclicas ou dificuldades financeiras constantes. Vivem entre projetos que não se concretizam e expectativas de ganhos que não acontecem. Ganham e perdem valores sem a consciência exata do que lhes aconteceu. Suas vidas giram em torno do binômio ter e não ter. Lutam a vida inteira por um patrimônio, mas o perdem com relativa facilidade. Muitas vezes, arrastam suas famílias para o mesmo estado de derrota e decréscimo de padrão financeiro e de classe social. Em alguns casos, a derrocada financeira não se deve a atitudes desonestas ou por incompetência da pessoa, mas por fatores alheios à sua vontade. Isso aconteceu, por exemplo, no Brasil, em 1990, quando houve um confisco dos haveres de todo o povo, alterando a vida de muita gente que acabara de fazer negócios lícitos de pequena e grande monta. Mesmo sendo um fato coletivo, há uma certa correspondência com o mito pessoal, principalmente quando a cultura popular apresenta características enviesadas. No fato citado, havia uma certa cultura coletiva do ganho fácil e imediato.

Fui procurado no Centro Espírita por um homem, cuja costureira freqüência ali se dava por depressão, que supunha ser de origem espiritual, por causa de grande perda financeira. Ele era sócio proprietário de uma grande empresa. Seu sócio, juntamente com o contador, seu primo, deram-lhe um desfalque muito grande, passando os bens da empresa em seus nomes, deixando-lhe apenas dívidas. Ele estava à beira do suicídio. Disse-me que, quando adulto

jovem, colocou uma pequena loja com um irmão, cuja incompetência levou-o a prejuízos altíssimos. Hoje percebia, em escala maior, a repetição do que lhe ocorrera cerca de trinta anos atrás. Lembro-me que era o mês de outubro. Ele estava acompanhado da mulher e dos filhos. Após contar-me seu problema, falei-lhe em tom de profecia: aguarde até a páscoa, pois tudo se resolverá. Ele foi embora sem entender muito bem o que lhe falara, mas saiu mais confortado. Semana após semana, continuou a freqüentar o Centro e a entender melhor a respeito do Espiritismo, com conseqüente mudança de atitudes e idéias na vida. Em abril, a páscoa veio com toda a sua magia de encontro familiar e universal. Ele me procurou após uma das sessões semanais do Centro e me disse que aquela páscoa tinha sido a mais importante de sua vida. Pela primeira vez entendera o significado de ter uma família e de estar entre pessoas queridas, sentindo-lhes o acolhimento e carinho. Nunca tivera tempo pra tal. Suas ocupações, as contas, os negócios e as reuniões profissionais não lho permitiam. Seus problemas financeiros continuavam, mas havia ganhado algo precioso, cujo valor antes desconhecia, e até mesmo sua existência. Estava tranqüilo quanto à solução de sua vida financeira, pois sabia ser um homem honesto e trabalhador. Sua preocupação era manter-se ligado afetivamente à família, que passara a ser seu bem mais precioso na vida. Seus ganhos e perdas tinham um sentido e ele o havia encontrado. Caso viesse a acontecer novo ciclo de ganhos e perdas, deveria estender ainda mais sua compreensão, até esgotar toda a ignorância a respeito das emoções superiores da alma. Seu mito pessoal se aproximava da necessidade de identificação do “tesouro que os ladrões não roubam nem as traças corroem”.

Outras pessoas contraem doenças de tempos em tempos, tendo o organismo frágil e suscetível a enfermidades que podem ser de simples erradicação até as mais

graves. Volta e meia se vêem fazendo exames e sob o efeito de medicações diversas. Em alguns casos, trata-se de doenças psicossomáticas; noutros a origem é realmente orgânica. São pessoas cujo corpo se transforma em caixa de ressonância de processos psicológicos e *cármicos*, que se encontram em desequilíbrio. Muitas vezes não têm outro assunto senão tratar de doenças, supervalorizando-as. Com essa atitude mental, acabam por intensificar suas dores e contribuir para a demora na cura. Autoflagelam-se por causa da crença inconsciente de que essa ocorrência lhe trará a redenção de suas culpas. Vivem o mito da redenção pessoal pelo sofrimento que se impõem. Precisam urgentemente modificar esse padrão, conciliando-se com seu próprio corpo, adotando atitude mental de não se limitar pela doença, qualquer que seja. Muitas vezes, são pessoas em idade economicamente ativa, que poderiam estar trabalhando, mas que colocam suas doenças como justificativa para se manter imobilizadas diante do próprio destino, que poderia ser modificado. As recidivas em doenças leves ou graves se devem à inércia psíquica e ao apego a um padrão mental materno e regressivo, que as mantêm sempre necessitando de ajuda. Há pessoas que vivem uma dinâmica psíquica que as coloca na expectativa de que algo externo favoreça suas vidas. São “crianças” que anseiam pelo “leite” materno, por não se verem em condições de alcançá-lo sozinhas. Para estas, o corpo, como uma extensão da consciência, também trará a representação simbólica de sua carência.

Conheci uma mulher, membro da família de meus parentes, que freqüentemente está às voltas com doenças, cujo diagnóstico é sempre dado como negativo. Ela optou por ser “dona-de-casa”, mesmo não precisando ocupar essa função. Dedicou e dedica sua vida a cuidar de filhos que, como é comum, desejam libertar-se daquela mãe super-protetora. Hoje, com cerca de cinqüenta anos, poderia estar trabalhando, construindo sua vida com acréscimo

de experiências no campo profissional. Optou pelo lugar da eterna mãe, cuja permanência depende da existência de filhos na condição de crianças, mesmo que não desejem mais estar naquele papel. Conseqüentemente, para compensar o desejo dos filhos, de se libertarem dela, a doença surge para que a atenção deles se volte para ela. Neste caso, a chantagem emocional que faz é visível. Há pessoas, nas quais a dinâmica do processo dificulta a visibilidade da chantagem, o que não garante sua inexistência.

Qualquer que seja a pessoa, sua vida apresentará algumas repetições de experiências, que nem sempre trazem sofrimentos significativos. Quando ocorrem sofrimentos que parecem insuportáveis em experiências que se repetem, a Vida está convidando o indivíduo à reflexão e à identificação de suas causas. Tudo parece tramar para que certas experiências ocorram, ou se repitam, visando à harmonia interna do indivíduo e sua adaptação ao meio em que vive.

As experiências que se repetem devem ser encaradas como lições não aprendidas, bem como oportunidades que a Vida está dando para o equilíbrio psíquico geral.

Eventos em *sincronicidade*⁶

Eventos em *sincronicidade* são aqueles que ocorrem, simultaneamente ou não, sem um nexos causal entre eles, sendo um interno e outro externo ao indivíduo que os percebe. Quando alguém tem consciência de que algo, em que tinha pensado ou percebido em si mesmo, sendo de seu exclusivo e íntimo conhecimento, assemelha-se a um acontecimento externo ou com ele encontra uma correlação, sem que tenha havido para este último sua participação, estará diante de dois eventos em *sincronicidade*. A *sincronicidade* não nos leva à compreensão do que ocorre, pois é apenas uma palavra utilizada para identificar um fenômeno sem explicação plausível ou que não obedeça a uma causalidade conhecida. Um exemplo pode ilustrar melhor: alguém está assistindo a um filme qualquer num cinema e uma cena o faz lembrar de um episódio de sua infância, ocorrido há muitos anos, no qual brincava com um amiguinho que não vê desde aquela época, e, ao sair do cinema, encontra este mesmo amigo. Ocorrências como essas podem trazer pistas sobre o significado da vida e de como conduzi-la adequadamente.

Os fenômenos da *sincronicidade* são muito comuns em todas as culturas e épocas da história humana. Ocor-

⁶ *Sincronicidade* é o princípio da conexão acausal. Ela se dá sempre que um evento interno à *psiquê*, conecta-se a outro externo, sem um nexos causal entre eles, mas com o mesmo conteúdo significativo. Seu conceito está geralmente associado ao de simultaneidade e de coincidência significativa de dois ou mais acontecimentos.

rem desde que o ser humano assumiu a consciência de sua existência como indivíduo. Vez por outra nos deparamos com tais eventos, sem que os provoquemos ou possamos estabelecer a frequência com que ocorrem. Parece que a necessidade lógica de associar os fenômenos da natureza, de acordo com uma causalidade imediata, realizada pela consciência, obscureceu a percepção da *sincronicidade* como um evento natural.

Mesmo sendo um evento natural, a *sincronicidade* pertence a uma dimensão *supra-arquetípica*, pois não se percebe qualquer possibilidade de intervenção causal da *psiquê* humana em sua produção. Pode-se até afirmar que para sua ocorrência houve a participação do *arquétipo* do *Si-Mesmo*, porém será sempre uma inferência improvável. Mesmo assim, permanece a suspeita da participação direta do (s) inconsciente(s) envolvido(s).

Há pessoas que parecem atrair com maior frequência os fenômenos em *sincronicidade*. São como ímãs psíquicos para que eventos externos coincidam com aspectos psíquicos internos. Essas pessoas recebem constantemente sinais de que a vida contém muito mais do que eventos causais; aspectos que são representações de processos psíquicos ainda não compreendidos. Isso é observado na maioria dos médiuns ostensivos. Os fenômenos da *sincronicidade* parecem ocorrer em maior quantidade e intensidade com eles. Suspeito que eles tenham o inconsciente mais “aberto”, isto é, suscetíveis com maior frequência a exprimir-se.

Quando um evento em *sincronicidade* é percebido por uma pessoa, esta deve, depois de tentar entender o que aconteceu, relevar a ocorrência do fato em si e ir em busca da compreensão do Universo sob outro paradigma além do material. Deve começar a compreender que a vida contempla aspectos espirituais importantes, nos quais deve investir. A frequência de eventos em *sincronicidade* na vida de uma pessoa representa um chamado de Deus

para que sua existência encontre um novo significado e aconteça a necessária transformação nos valores e percepções adotados.

Um dos eventos mais comuns, cuja explicação pode ser levada à conta da *sincronicidade* é quando pensamos em alguém e em seguida temos um contato real, não planejado, com aquela pessoa, seja por telefone, por computador ou pessoalmente. Essa ocorrência pode ser explicada pela telepatia, cujo funcionamento não é profundamente conhecido, bem como ter causas espirituais, devido à influência de algum espírito sobre a lembrança de alguém para favorecer o seu encontro com outrem. Telepatia ou encontros provocados por espíritos, são *sincronicidade* por causa da coincidência significativa entre um evento interno (pensar em alguém) e o evento externo (encontrar ou comunicar-se com a pessoa). De qualquer forma, quando este tipo de evento ocorre, não deixa de ser um sinal para que a pessoa passe a se ocupar das coisas do espírito. A *sincronicidade* percebida é sempre um convite à subjetividade da vida e à compreensão de algo maior do que a razão possa alcançar.

Há fenômenos em *sincronicidade* cuja compreensão extrapola a inteligência comum, pela complexidade de sua ocorrência. Considero que a explicação se encontra a partir de outro sistema de formulação da realidade, ainda não alcançável pela mente humana. São fenômenos que envolvem a morte, a mediunidade, o transporte e materialização de objetos em ambientes fechados, dentre outros. Da mesma forma, os eventos em *sincronicidade* no qual animais participam. Mesmo considerando que a mente humana tem suas raízes na estrutura cerebral, portanto animal, e que pode haver semelhanças nas frequências, torna-se difícil aceitar uma possível intencionalidade.

Quando os eventos em *sincronicidade* se referem a constantes encontros com pessoas nas quais se pensou ou cujos nomes foram pronunciados momentos antes, isto

está relacionado com uma necessidade interior de modificação do padrão psíquico de conexão com o outro, quem quer que seja. Tal modificação não se deve a algo negativo, mas à intensidade e qualidade da relação entre aquelas pessoas. A *sincronicidade* ocorre para uma nova aproximação com aquela pessoa ou com alguém que guarde semelhança com a personalidade daquela pessoa.

O mito pessoal também pode ser identificado através das relações com os eventos da *sincronicidade*, cuja leitura deve ser feita quanto à qualidade, isto é, conteúdo e frequência com que ocorrem. Tais eventos representam aspectos psíquicos internos, cujo controle foge ao alcance do indivíduo.

Alguns tipos de eventos em *sincronicidade*:

1. Pensar ou falar num animal e ele aparecer no ambiente. Tal evento, dentre outras possibilidades, pode estar associado a características daquele animal, que merecem atenção e reflexão na personalidade da pessoa. A vitalidade instintiva característica do animal participante do evento denota a existência de um campo de força *ctônica* presente.

2. Pensar em alguém e se encontrar em seguida com aquela pessoa. Esse evento pode estar simbolizando uma necessidade da ampliação de contatos sociais na vida da pessoa. Pode também representar a conectividade existente, e nunca rompida, entre aqueles que um dia já estiveram juntos.

3. Lembrar de uma pessoa e receber uma carta ou *e-mail* dela, depois de muito tempo que não a vê. Em acréscimo ao item anterior, denota a necessidade da pessoa ampliar suas conexões afetivas. O contato via computador, denominado de virtual, não alcança a complexidade afetiva daquele ocorrido pessoa a pessoa.

4. Alguém morrer no mesmo dia e mês em que a pessoa nasceu ou que algum parente muito próximo tenha morrido ou nascido. A *sincronicidade* de datas diz respeito,

além de algum tipo de relação com aquela outra pessoa, aos ciclos da vida e ao uso do tempo. A pessoa deve estar necessitando avaliar melhor as fases de sua vida e se viveu as experiências pertinentes.

5. Alguém morrer e no mês, dia ou hora seu relógio deixa de funcionar. Tal evento, para quem o percebe, pode denotar a consciência do aproveitar as energias disponíveis no momento presente. O tempo e sua marcação, como componente da *sincronicidade*, podem estar revelando a uma necessidade maior de considerá-lo e de valorizá-lo.

6. Alguém sofrer um acidente e algum de seus objetos, a quilômetros de distância, desaparece ou se quebra. Isso pode simbolizar a conectividade de tudo no universo, bem como a necessidade do desapego. A relação entre a pessoa e um objeto à distância pode simbolizar vínculo com o local onde ele se encontra e o significado a ele atribuído.

7. Pensar num número e se deparar seguidas vezes com o mesmo durante o dia, em placas de carro, telefones, documentos, etc. A soma dos números vistos pode ter um significado particular para a vida da pessoa. O número é uma abstração que aponta para a subjetividade da mente humana.

8. Ocorrência de eventos que se assemelham, vividos por pessoas que não se conhecem e que culminam com imprevisível convergência, percebidos por alguém que os associa mentalmente. Quem associou aqueles eventos síncronos pode estar sendo chamado a uma busca espiritual.

A *sincronicidade* é uma dimensão que extrapola os níveis causais conhecidos. Traz ao *ego* a necessidade de transcendência dos conteúdos da consciência, visando a compreensão de outra ordem de valores e possibilidades na vida. O mito pessoal poderá ser visto também pelos eventos em sincronicidade na vida de uma pessoa, principalmente pelo natural convite à transcendência.



Eventos mediúnicos

Eventos mediúnicos são experiências numinosas na vida de uma pessoa, que a remetem ao sagrado e ao sobrenatural ou espiritual, das quais participam espíritos desencarnados. São experiências significativas que evocam pensamentos, idéias, emoções e imagens relacionadas ao misterioso e oculto no ser humano. Ao vivenciar aquelas experiências, a pessoa é tomada por diferentes emoções, que, em muitos casos, poderão ser contraditórias, assustadoras ou de êxtase. Tais experiências parecerão sem quaisquer objetivos ou decorrentes do acaso, porém trazem em si propósitos de iniciação e transcendência que não devem ser desprezados. A percepção de vultos que furtivamente passam próximo à pessoa, vozes interiores que antecipam algum perigo, sonhos de encontros com pessoas já falecidas, emoções vividas durante rituais religiosos, bem como uma gama imensa de fenômenos inexplicáveis, mas interiormente vividos, compõem o mosaico dos eventos mediúnicos da vida. Eles fazem parte do que a Vida propõe ao indivíduo para que ele a entenda adequadamente e seja feliz.

A vivência desses fenômenos, de forma intensa e sistemática por alguém, sugere a existência da faculdade mediúnica ostensiva. Ter mediunidade, dentre outras possibilidades, significa ser capaz de manter contato psíquico com espíritos que não estão na dimensão física. A mediunidade não é privilégio das religiões nem é pertencente ao

domínio das crenças. Simplesmente todos os seres humanos a possuem. Aquele contato ocorre com ou sem a consciência do indivíduo, vez que os escaninhos do inconsciente são acessados à revelia do *ego*. O médium pode tornar consciente sua faculdade, na medida que melhor a conheça e a si mesmo. A mediunidade é uma espécie de portal de acesso ao transcendente e àquilo que não é acessível aos sentidos físicos.

Mesmo sendo algo universal, nem todas as culturas costumam dar-lhe credibilidade, preferindo explicações objetivas e mecanicistas para os fenômenos provocados por seu intermédio, por mais evidentes que sejam os eventos mediúnicos. É comum atribuir-se ao inconsciente e a forças desconhecidas da mente, fenômenos cuja explicação mais plausível, e até óbvia, é sua provocação pelos espíritos.

Quando cito a mediunidade, refiro-me a uma certa e específica sensibilidade humana, naturalmente adquirida ao longo de sua evolução, que o vem capacitando às conexões mentais, cuja frequência se encontra acima do espectro conhecido.

Não são inabituais os pressentimentos que ocorrem na vida de uma pessoa. Tais pressentimentos, ora fruto de intuições próprias, ora inspirações de espíritos, quando ocorrem com frequência, denotam presenças espirituais. Sua maior recorrência prenuncia o deslocamento de objetivos que deve ocorrer na vida da pessoa. Sugere um convite a uma dedicação maior ao próprio desenvolvimento espiritual. Tal proposta pode ser uma forma de atender a uma necessidade evolutiva do espírito que se encontra apegado à sua vida material mais do que o suficiente.

A ocorrência de muitos fenômenos mediúnicos na vida de alguém, quando não visa compensar certa dedicação havida em maior intensidade à vida material em outra encarnação, representa a continuidade de práticas ocultistas no passado. A pessoa deve equilibrar sua dedicação

ao espiritual com uma vida social adequada, como qualquer cidadão.

De qualquer maneira, não se deve desprezar tais fenômenos, pela oportunidade que proporcionam de levar a pessoa ao contato com experiências de aprendizado diferentes daqueles referentes à vida material, no sentido de que eliciam emoções novas e conhecimentos mais profundos a respeito da vida e da natureza humana.

Considerá-los crendices ou superstições pueris é um mecanismo de defesa psíquico para não entrar em contato com aquilo que se encontra na profundidade do próprio ser. Mesmo que o preconceito contra a idéia da origem espiritual dos fenômenos seja de ordem cultural, não deixa de se tratar de mecanismo de defesa, desta vez coletivo, para não lidar com o que jaz no próprio inconsciente daquela sociedade ou cultura.

Existem outros indícios que podem servir para a verificação da ocorrência indireta daqueles fenômenos. São sinais de que a pessoa está sendo convidada ao contato mais intensivo com o espiritual⁷:

1. Leituras freqüentes de livros relacionados a temas ocultos ou espirituais. Algumas vezes a pessoa recebe tais livros de presente, mesmo não lhe sendo habitual aquele tipo de literatura;

2. Conversas informais com os amigos que acabam por girar em torno do espiritual ou do oculto. Mesmo que a pessoa tente evitar, acaba por perceber que o assunto sempre lhe é recorrente através de terceiros;

3. Ocorrência freqüente de sonhos que trazem avisos ou mensagens a serem seguidas como conselhos para a vida do sonhador. Costumam ter um caráter premonitório ou oracular;

4. Necessidade freqüente de recorrer à religião ou a práticas místicas e rituais para a solução de seus conflitos.

⁷ Adaptado do capítulo "Verifique se é hora de cuidar de sua mediunidade", do livro *Psicologia e Mediunidade*, do autor.

Tal recorrência parece ser uma necessidade interna, a partir de determinada fase da vida;

5. Ter presenciado algum fenômeno mediúnicos ou ouvido constantes relatos sobre eles, que lhe despertaram a curiosidade. São fenômenos cuja lógica escapa ao senso comum ou à sua capacidade de explicá-los racionalmente;

6. Ocorrência de dois ou mais fenômenos, sendo um deles interno ao indivíduo que os percebe, cuja conexão entre os mesmos possa ser feita, porém sem que tenham uma relação causal entre si. Por vezes a pessoa começa a perceber uma ordem implícita nos eventos da vida, que desafia a lógica causal. São fenômenos conhecidos como da *sincronicidade*, que foram explicados no capítulo anterior.

7. No círculo de relações da pessoa, seus amigos ou conhecidos trazem freqüentes convites para que busque sua espiritualidade. Parece que a pessoa se vê cercada por propostas de aproximação com o espiritual;

8. O surgimento, em certa fase da vida, da necessidade interna de se dedicar a uma religião ou ao desenvolvimento mental, visando a própria harmonização interior. Quando não há adesão a uma religião formal, a pessoa procura se inserir em grupos de meditação, de cura interior ou de práticas místicas.

Estes sinais, dentre outros mais ostensivos, indicam não só a aproximação da pessoa com sua própria espiritualidade, como também a constatação da existência, na mente inconsciente, de um espaço do sagrado a ser preenchido e atualizado na vida concreta.

O mito pessoal poderá ser percebido de acordo com o grau de inserção da pessoa na dimensão espiritual da vida. A intensidade com que essa dimensão é vivida e o espaço que ela ocupa na vida consciente da pessoa sugerem aspectos de seu mito pessoal.

A Medicina e a Psicologia, enquanto ciências, não tratam de questões ligadas à mediunidade, mesmo quando

o fenômeno mediúnico contribui para a ocorrência de transtornos psíquicos e para o surgimento de doenças. Porém, tem sido cada vez mais comum aos profissionais dessas duas áreas, aconselhar os pacientes portadores de sintomas que escapam a seus conhecimentos, a buscar tratamento em Centros Espíritas. Isso é denunciador de uma nova ordem e de um novo tempo. A adesão ao Espiritismo, cada vez maior na sociedade brasileira, aumenta a percepção do indivíduo sobre o fenômeno mediúnico.

Dessa forma, num contexto cultural favorável, com o aumento do número de adeptos, a qualificação de profissionais, da área de saúde física e psíquica, para a percepção das conseqüências da mediunidade na vida humana, tem sido buscada. Cursos, seminários e workshops, que visam o estabelecimento das diferenças e das zonas fronteiriças entre tais aspectos, têm sido cada vez mais freqüentes, facilitando às pessoas uma maior visibilidade da mediunidade em si mesmas.

Quanto mais as pessoas percebam sua mediunidade, os sintomas característicos e as conseqüências de seu uso, maior a compreensão do significado da vida e da morte. O mito pessoal se torna mais visível pela ampliação do campo de percepção do indivíduo e, pelo mesmo motivo, o destino desejado se torna algo possível.

Aqueles que conhecem o Espiritismo já entendem melhor, mas não o suficiente, o próprio destino, mesmo que não tenham certeza do que acontecerá em seu futuro. Fazem o raciocínio lógico, porém nem sempre adequado, de que atravessarão processos em função do que aqui no mundo material constroem. Aprendem que vivem de acordo com o que construíram nas encarnações passadas. Porém, é fundamental a consciência de que o destino humano é algo que se constrói a cada momento. O destino pessoal não está exclusivamente subordinado ao passado, nem tampouco às influências e informações que se recebe do mundo espiritual. O futuro é uma construção pessoal e flexível.



adenáuer novaes

Quanto mais entendermos a respeito da mediunidade, melhor atenderemos o chamado que a Vida nos faz, para que ela seja compreendida como um grande e maravilhoso presente de Deus.



Sinais e símbolos da vida

*S*inais e símbolos da vida são observáveis em cada fase, ao longo da existência. Podem ser vistos na infância, na puberdade, na adolescência, na iniciação sexual, na vida profissional, na relação com o dinheiro, nas doenças vividas, nas companhias que se atrai, nas atividades de lazer preferidas, dentre outras. As fortes e específicas experiências e suas circunstâncias, em cada uma dessas fases e momentos da vida, acrescentadas aos eventos que as marcaram, merecem adequadas e compreensivas leituras. Durante, e principalmente após essas fases, podem ser observados caminhos ou percursos que denunciam uma certa ordem implícita ou supra-humana, propondo algo além do que a consciência deseja e percebe. Saber decodificar os sinais e símbolos da vida pode se tornar importante recurso para o encontro consigo mesmo e com o sentido da própria existência.

Entender a própria vida é um grande desafio, pois não é simples conseguir enxergar-se a partir dos próprios parâmetros, os quais são adotados para perceber os outros. O observador tem dificuldade em ser o objeto observado. Para se fazer uma leitura adequada de si mesmo é preciso estar atento aos sinais que a própria vida oferece. São eventos que marcam as várias fases da existência e que devem ser elencados sob um ponto de vista único, buscando uma ordenação que promova uma melhor percepção do significado da vida. Para tanto, deve-se dividir a vida

em fases, lembrando-se dos eventos significativos em cada uma delas.

A infância é um período no qual a maioria das experiências da vida não obedece ao desejo consciente do ser. As ocorrências são impostas pela própria Vida, coercitivamente, ou pelos pais. Há pessoas, cuja totalidade da infância se deu sob circunstâncias aversivas ou que viveram experiências negativamente marcantes. Casos como orfandade, morte dos pais ou de um deles, abuso sexual, eventos traumáticos, doença congênita grave, maus tratos, dentre outros, ocorridos em tenra idade, denunciam um futuro viés nas ocorrências da vida adulta, bem como possíveis alterações na personalidade. Haverá uma tendência compensatória na vida adulta, como conseqüência e reação a qualquer dessas ocorrências, visando o equilíbrio psíquico geral. A personalidade tentará automaticamente se ajustar à tensão provocada na consciência pelo evento aversivo da infância. A identificação de certas ocorrências graves na infância e de como a personalidade se adaptou, investigação típica da Psicologia Clínica, pode ser útil na percepção do mito pessoal. Uma análise do indivíduo não se esgota nesta investigação, mas dela se utiliza para uma maior compreensão da totalidade do ser. Cada uma daquelas ocorrências da infância é indicadora de processos mal resolvidos no passado, servindo de pista para uma condução adequada do processo de reeducação do indivíduo em evolução contínua. A educação básica não deveria desprezar aquelas ocorrências, pois elas não se pagam da mente infantil.

Sem ser uma ocorrência aversiva, o fato de um indivíduo ser filho único também trará conseqüências na vida adulta, denunciando um viés característico e permitindo, por esse motivo, a percepção de parte do mito pessoal. O filho único tem tendência à inflação do próprio *ego*, pela falta de competidores na infância. Por não ter se acostumado a dividir as coisas, tendo exclusiva atenção

dos pais, apresentará traços em sua personalidade resultantes desse contexto.

Grandes transformações ocorrem na adolescência, do ponto de vista físico, emocional e espiritual. É a fase em que a maturação biológica se inicia, colocando o espírito em contato com potencialidades até então adormecidas. As demonstrações emocionais são mais evidentes, visando a educação dos impulsos internos, ainda em descontrolado. É também a fase em que se conclui o processo de assunção da individualidade em seu novo corpo, completando psicologicamente a reencarnação. Nesta fase podem ocorrer certas experiências difíceis ao espírito, que acabam por alterar o caminho natural da vida. Podem-se manifestar mais claramente os *complexos* psicológicos que inibem ou, por outro lado, impulsionam a realização adequada da personalidade. A forma como se dão as relações interpessoais, e consigo mesmo, podem ser denunciadoras de aspectos da personalidade que está se formando e reveladoras de indícios do mito pessoal que se configurará no futuro. A dificuldade em romper psicologicamente com a família e de adaptar-se ao meio social em que deve aprender a viver, fora do ambiente doméstico, são exemplos disso. Por outro lado, quando o espírito não aceita a família em que reencarnou ou quando há ocorrência de inimizade persistente dentro do núcleo familiar, também sugere algum conflito maior. O uso de drogas ou a adoção de comportamentos manifestamente agressivos ou apelativos, diferenciados de seu meio, são outros indícios de anormalidade na personalidade. A forma como o adolescente reage nesta fase, diante de desafios típicos, serve como parâmetro para a avaliação do seu mito pessoal. Mais do que na infância, é fundamental a investigação das ocorrências nessa etapa da vida. Ela costuma marcar intensamente as escolhas futuras em todas as dimensões da vida.

Um outro indicador para a percepção do mito pessoal é a forma como seu deus, ou não, a iniciação sexual.

Na sociedade atual tem-se notado que a busca pela descoberta do corpo e do prazer, bem como o encontro íntimo com alguém, tem ocorrido durante a adolescência. Em alguns casos, esse momento tem sido precoce, em outros, adiado. Analisando caso a caso, o adiantamento ou atraso no encontro sexual pode ser indício de algum conflito da personalidade. Da mesma forma, o exagero em práticas de autoprazer sexual ou uso de fetiches para obtenção do gozo também é indício de conflito. Qualquer que seja a época escolhida para a efetiva iniciação sexual, deve também ser objeto de análise a forma como esta se deu, e qual foi a sua repercussão na mente consciente do indivíduo. Como lidou com os primeiros momentos e o significado que atribuiu à prática que iniciou devem ser analisados. Quando a pessoa tem dificuldades nesse campo, nesta fase da vida, isso costuma repercutir em seu comportamento adulto. Tais observações também servem de parâmetro para a análise do mito pessoal.

A relação do indivíduo com a educação formal, isto é, sua vida escolar, é outro indicador. Sua capacidade de assimilação de conteúdos lógicos e a possibilidade de utilizá-los na vida comum são determinantes. Insucessos, com atrasos na vida escolar, são indicadores da personalidade e determinantes para o destino do indivíduo. Sua vida estudantil, com as avaliações pertinentes e vitórias alcançadas, servem como elementos basilares para as decisões da vida profissional e para a relação do indivíduo com o mundo adulto. A forma como a pessoa vivenciou sua vida escolar, bem como os percalços ocorridos, devem ser analisados e relacionados com outras ocorrências similares para uma melhor avaliação do mito pessoal. Entraves que contribuíram para os insucessos escolares, que não dependeram do indivíduo, acontecendo à sua revelia, não devem ser motivos para excluir o fato da análise. Quaisquer que sejam os motivos, havendo insucesso ou atraso, deverá ser computada a ocorrência para a compreensão do mito pessoal.

Geralmente é na adolescência que ocorre a definição e, algumas vezes, a busca por uma definição profissional. O indivíduo faz sua escolha entre seus anseios íntimos, os desejos parentais e as ofertas possíveis da sociedade. Alguns se demoram na escolha ou não se definem adequadamente. A maioria tem dúvida sobre o que quer e muitos não alcançam o que desejam. As dificuldades em escolher e o tempo para se estabelecer profissionalmente revelam aspectos importantes do mito pessoal. Outros seguem oportunidades familiares, em continuidade a profissões dos pais ou parentes mais próximos, movidos por facilidades que acabam por direcionar a escolha profissional. O caminho para a ascensão profissional e os percalços para alcançar uma profissão estável denunciam sinais da Vida para com aquela pessoa. Além da definição profissional, a forma como se deu, ou não, a inserção no mercado de trabalho, bem como uma possível alternância em empregos, também denunciam aspectos relevantes do mito pessoal.

Outra forma de entender o mito pessoal é a maneira como a pessoa lida com a energia monetária. A maior ou menor facilidade em ganhar dinheiro, bem como as diversas maneiras como o gasta, servem como parâmetros de análise da personalidade do indivíduo. O dinheiro simboliza as aspirações humanas, pois com ele se obtém aquilo que move o desejo humano. Adquiri-lo significa poder realizar os objetivos de uma vida. Sua aquisição, através do trabalho, é o resultante de experiências na vida. As dificuldades em obtê-lo, bem como as perdas ou seu mau uso, são sinais reveladores dos desafios da pessoa. São as experiências que se tem com seu uso ou com sua falta que podem nos oferecer indícios para a identificação do mito pessoal. Saber lidar com a energia do dinheiro é uma arte que capacita o indivíduo à compreensão de que nada possui, mas apenas administra bens em toda a sua existência, no corpo físico ou fora dele.

Através das doenças, a Vida também oferece outros sinais, de certa forma dolorosos, para que o indivíduo se perceba e se aprimore. O fato de estar num corpo suscetível, a qualquer tempo, à morte deve levá-lo à reflexão de que o adoecer físico é previsível. Lidar com a doença é tão obrigatório quanto desejar a saúde. Independentemente do fato incontestável da morte, existem doenças que surgem no decorrer da vida e que não se devem ao desgaste natural do corpo físico. Algumas surgem desde o nascimento, condicionadas geneticamente e apontam para processos *cármicos* em dissolução. Outras se devem a fatores psicogênicos, isto é, de origem psíquica, resultantes de processos emocionais cuja representação no corpo físico é mórbida, decorrentes de atitudes da atual encarnação ou de vidas passadas. As doenças surgidas no decorrer da vida, sua frequência, intensidade e as dificuldades de cura, são sinais que denunciam importantes aspectos do mito pessoal. Da mesma forma, doenças psíquicas ou transtornos mentais também denunciam, pelo tipo, intensidade e forma de exteriorização, aspectos do mito pessoal. Quanto mais complicado ou complexo seja o processo que envolve o diagnóstico e o tratamento da doença, mais simples será a percepção do mito pessoal correspondente. As doenças psíquicas são indicadores mais consistentes para a percepção do mito pessoal, do que aquelas que acometem o corpo físico.

Um outro sinal que a Vida apresenta, para a identificação do mito pessoal, pode ser obtido pelos vínculos estabelecidos com as pessoas, ao longo da vida. Tais vínculos podem ser de várias naturezas. Desde aqueles estabelecidos pelo amor, até os de natureza aversiva. Que personalidades se aproximaram e se vincularam a você durante sua vida? As características das personalidades que entram em nossas vidas estão relacionadas a processos íntimos e inconscientes que precisam vir à nossa consciência. São verdadeiros “convites” que nos são feitos, visando o nosso

próprio autoconhecimento. Por mais que rejeitemos algumas, aproximam-se de nós pessoas que “convidamos” inconscientemente a fazer parte de nossas vidas. Mesmo que não gostemos de suas atitudes e características pessoais, elas se conectam a aspectos inconscientes de nossa própria personalidade. São representações simbólicas das *personas* que abrigamos em nosso mundo inconsciente. O conjunto de pessoas e o caráter de cada uma delas, que fizeram e fazem parte de nossa vida, compõem o mosaico de personagens que povoam nosso mundo interior. São retratos em negativo de nosso mundo íntimo e servem, no seu conjunto, como um dos parâmetros para a percepção do mito pessoal.

Um outro sinal da vida é a escolha do tipo de lazer preferido e o tempo que a ele é dedicado. A não existência do lazer, qualquer que seja o motivo, também denuncia aspectos do mito pessoal. A prática de um lazer atende a uma necessidade psíquica, muitas vezes visando o equilíbrio entre o sagrado e o profano. Sua realização preenche a necessária distensão existente entre o materno e o paterno, como forças que se opõem dentro do psiquismo humano. Além da naturalidade em experimentar um lazer, o desequilíbrio entre essas forças ou a polarização de uma delas conduz o indivíduo à necessidade de vivê-lo. Tal prática exigirá dedicação, ao mesmo tempo em que não deverá se constituir num fim em si, para não gerar um resultado contrário à distensão pretendida. Necessitará de medidas e de adequação ao estilo de ser da pessoa. Os gastos, riscos, complexidade, inclusão de pessoas, dentre outros fatores associados à prática do lazer, servirão como elementos de análise para o mito pessoal.

Uma pessoa que fui visitar num hospital, por ter sido acometida de um câncer no seio esquerdo, já em restabelecimento, contou-me parte de sua vida. Ela era a filha caçula do segundo casamento de seu pai. Aos três anos de idade sua mãe faleceu subitamente, deixando-a aos

cuidados de uma tia materna, o que a distanciou do pai, que só a visitava mensalmente. Sua tia tinha outros filhos e, muito embora fosse uma pessoa boa, não lhe dava a atenção que ela queria e necessitava. Seu pai era Juiz de Direito numa cidade próxima à em que morava. Viveu sua infância entre choros e limites impostos pela nova criação, sendo preterida em relação aos primos, todos maiores que ela. Muitas vezes, já na puberdade, abafava seu choro, motivado pela falta da mãe, para não ser criticada pelos primos, com quem convivia. Era tida como chorona e boba. Descobriu logo cedo seu gosto pelo estudo, no que se destacou em relação aos primos. “Vingava-se” deles sendo a melhor aluna em todas as disciplinas e em comportamento. Tímida e retraída, era vista como um modelo de estudante. Sua adolescência foi caracterizada pela dedicação quase exclusiva aos estudos. Dedicava-se muito pouco ao lazer e à socialização com outros adolescentes. Tinha apenas uma amiga, com quem confidenciava seus anseios de se tornar uma magistrada. Via seu pai muito pouco, por conta dos seus compromissos profissionais. Sentia sua falta e parecia que ele não lhe dedicava o mesmo sentimento. Não se entusiasmava em namorar, nem com os divertimentos típicos de sua idade e de seu meio. Não ia a festas ou badalações típicas. Alcançou a Universidade e entrou para a Faculdade de Direito. Mesmo tímida, no primeiro ano de faculdade começou a namorar um rapaz, com quem veio a se casar após sua formatura. Seu namoro e seu casamento pareciam ser apenas o cumprimento de um ritual social, sem a paixão que geralmente envolve os nubentes. Sua diversão principal era estudar. Seu pai veio a falecer meses antes de sua formatura, deixando-a muito triste. Dois anos depois, casada e sem filhos, passou para a magistratura num concurso, em primeiro lugar, tendo a oportunidade de escolher onde trabalhar. Decidiu instalar-se na cidade em que seu pai trabalhou, como se quisesse seguir seus passos. Dedicou-se ao

Mestrado e ao ensino do Direito. Em poucos anos conseguiu, com méritos, a titularidade numa Vara na capital, sendo admirada pelos seus pares pela competência, seriedade e senso de justiça. Sua vida era seu trabalho. Seu marido, após cinco anos de um casamento sem filhos, interessou-se por outra mulher, rompendo a relação com ela. Separada, triste e se sentindo infeliz, afogou-se mais ainda nos estudos. Fez doutorado e outros cursos em sua área, tornando-se especialista em casos complexos da área do Direito Familiar. Seus poucos amigos eram advogados, juristas ou pessoas ligadas ao ensino. Vivia só com seus livros e com uma gata que adotara após a separação. Sua vida amorosa e sexual havia se estagnado com a separação. No trato profissional era tida como uma pessoa de princípios rígidos. Às vezes cometia certas indelicadezas em nome da verdade, por achar que deveria dizê-la de qualquer jeito. Ela afigurava a lei e o Estado. Tomara para si a tarefa de ser a fiel representante da verdade e da lei. Tornara-se uma ermitã em plena metrópole na qual se instalara. Era muito honesta com dinheiro e sabia economizar para futuras necessidades. Gastava o mínimo, geralmente com livros. Seu lazer se resumia às poucas idas ao teatro e a assistir um ou outro artista de sua preferência. Estava com trinta e seis anos e era a primeira vez que adoecera. Num exame de rotina, descobriu nódulos no seio e ali estava fazendo tratamento quimioterápico, após uma mastectomia parcial. Não entendia por que aquilo acontecera com ela. Questionava-se do porque ter sido “escolhida” para passar por aquela doença. No fundo estava revoltada com a vida e com Deus. Sua revolta não era expressa sob a forma de choro. Era muito racional para tal. Havia sido taxada de chorona na infância e, desde a puberdade, decidira não se mostrar frágil. Seu choro estava preso. Precisava colocar sua fragilidade para fora.

Fui visitá-la a pedido de um amigo, também Juiz, que lhe presenteara com meu livro *Alquimia do Amor*, que

aborda o tema da Depressão. Ela estava deprimida desde que descobrira sua doença. Após a leitura do livro e sabendo de minha relação com seu amigo, insistiu com ele para me conhecer. Nossa conversa foi longa, pois me interessava por sua história, parecendo que já a conhecia. Via certas experiências de sua vida em alguns de meus pacientes. O mesmo mito sendo seguido sem que seu agente tivesse consciência do que ocorria consigo. Em minha visita não tinha a pretensão de tornar-me seu terapeuta, mas sabia que poderia ajudá-la a entender sua vida e o significado de seu câncer. Questionei-lhe se ela tinha dimensão das conseqüências, em sua personalidade e em sua vida, das ausências materna e paterna. Sem conseguir respostas claras, além de chorar pelas perdas que teve, queria que lhe dissesse o porquê de estar vivendo daquela forma. Falei da busca pelo pai e da negação do feminino como tendências inconscientes em sua vida, bem como da falta de espiritualidade.

A personalidade de uma pessoa, bem como as experiências e escolhas havidas, não pode ser explicada por uma ou outra ocorrência da vida, tampouco por um fator inconsciente. Embora certas experiências do passado e do presente, conscientes ou inconscientes, interfiram na formação da personalidade, não são determinantes absolutos de sua totalidade. Compõem os vetores que a constroem, merecendo análise e avaliação, visando transformações na vida consciente. A complexidade da própria individualidade já é suficientemente grande para justificar muitas ocorrências da vida, sem falar na questão das influências espirituais possíveis.

Expliquei-lhe a respeito do *arquétipo* paterno, dominante em sua vida, como se fosse uma bandeira sempre desfraldada. A perda da mãe a levou mais intensamente a querer a companhia do pai. Querer estar com o pai, sentindo-se órfã e refém do destino, conduziu-a na tentativa de ser como ele. Viveu em função dessa busca

arquetípica. Procurou compensar a falta com a dedicação extremada ao estudo e à profissão. Enviesou sua vida para ocupar a posição do pai. A falta do elemento materno, no qual projetaria seu ideal de mulher e de mãe, contribuiu para uma postura masculina diante da vida. Tornara-se pouco feminina, sem qualquer conotação homo-erótica nem relativa à sua identidade sexual. O afastamento do feminino, negligenciando a dimensão afetiva, contribuiu para o aparecimento do câncer, cujas causas eram anteriores à atual encarnação. Seu corpo respondia e retratava seus aspectos psíquicos inconscientes. Seu mito se aproximava da identificação com a ordem, a disciplina, a lei, o poder e tudo aquilo que o *arquétipo* paterno promove como tendência.

Nem sempre a própria pessoa consegue interpretar adequadamente os sinais e símbolos em sua vida. Muitas vezes é necessário o auxílio de outros para a compreensão devida. Geralmente pessoas que estejam por fora de nossa vida e que tomam conhecimento de certas experiências, conseguem sintetizá-la adequadamente. Na maioria dos casos, elas trazem informações sobre nosso mito pessoal de forma muito apropriada. Seria salutar que, de tempos em tempos, solicitássemos a alguém uma análise sintética e isenta de nossa vida, a partir do relato das experiências significativas.

Muitas vezes, os sinais e símbolos da vida são avisos que servem à percepção de como está nossa experiência reencarnatória, como também como alerta para correções necessárias.



Direção da *energia psíquica*

*D*ireção da *energia psíquica* é o movimento característico da vida da pessoa, quanto à sua utilização, no que diz respeito à introversão e extroversão. A introversão e a extroversão são atitudes oriundas de polaridades psíquicas que determinam comportamentos para “dentro” e para “fora” de si mesmo. Comportamentos ou atitudes para “dentro” são introspecções que levam ao recolhimento reflexivo. Ao contrário, para “fora”, são comportamentos sociáveis e de desembaraço, sem timidez, com fácil comunicação. A vida impõe mais extroversão da energia de viver do que introversão. Extroversão é movimento para “fora”, é disposição para se lançar ao mundo, aceitando se influenciar pelos objetos externos. Introversão é alquimia interna, na qual pensamentos e emoções se misturam internamente, mobilizando a atuação do indivíduo no mundo, com primazia em relação aos objetos externos. Introversão e extroversão são movimentos da *energia psíquica* a favor do indivíduo, para seu encontro consigo mesmo. A supremacia de um desses movimentos sobre o outro, em diferentes fases da vida, dará também pistas sobre o mito pessoal.

Energia psíquica é a energia da vida, que proporciona ao ser humano a vivência das experiências que o levam ao desenvolvimento integral de sua personalidade. Ela está disponível ao ser humano, em toda a sua existência, para ser direcionada pela vontade consciente, na intenção da *individuação*.

Certas preferências contribuem para a interiorização da personalidade, fazendo-a introvertida, em contraponto ao impulso da vida para a realização externa. É preciso ir ao encontro do *Si-Mesmo*, autoconhecendo-se, porém é necessário fazê-lo sem perder a conexão com o mundo externo. Quando se vive o mundo interno mais do que o externo, ou vice-versa, a vida se polariza numa direção específica.

É adequado buscar a utilização consciente da *energia psíquica* para a realização do mundo interno no mundo externo. Esse é o movimento da vida. O interno precisa se realizar no externo. Esse movimento, quando tornado consciente e a favor da realização do *Si-Mesmo*, Jung chamou de *individuação*. É a realização da personalidade integral; em última análise, é a felicidade que se deseja alcançar. A melhor e mais completa realização das qualidades coletivas ocorre na vida social, cujo processo de adaptação exige intensa utilização da *energia psíquica* em ambas as direções.

Em todas as fases da vida é fundamental o uso da energia de viver, visando a realização pessoal no mundo externo. Desde a criança, que busca conhecer ansiosamente cada espaço de seu entorno, ao idoso, que pretende se assegurar de sua comodidade e tranqüilidade, o uso da *energia psíquica* é fundamental. A partir da meia idade, para um melhor desenvolvimento da personalidade, a *energia psíquica* é mais requisitada para a introversão, fato não observado na adolescência e vida adulta jovem. Há pessoas que passam boa parte de suas vidas na extroversão, seja por que se vinculam demais aos objetos externos ou por dificuldade de entrar em contato com seu mundo interior. Vivendo dessa forma, por muito tempo, a pessoa se desconecta quase que totalmente de sua natureza essencial, criando um vazio existencial propenso à instalação de crises depressivas após a meia-idade. Vive no mundo, sem integrar adequadamente o resultante das experiências vividas, pois está sempre à procura de novo objeto de conexão externa para não se sentir só.

O processo de desenvolvimento da personalidade, visando sua felicidade, requer tempo para a interiorização das experiências que são vividas nas adaptações ao mundo externo. Sem isso não há crescimento, pois o objeto externo toma boa parte da consciência, dificultando a assimilação adequada dos conteúdos inconscientes.

Por outro lado, quando a pessoa permanece muito tempo de sua vida na introversão, em demorados processos de elaboração mental, desconectada das experiências do mundo, embrutece a alma de forma egoística. Vive de si e para si, sem envolver-se com o mundo, como se bastasse a si mesma. Suas opiniões dificilmente encontram razões diversas das que cuidadosamente elaborou e não leva em consideração o que ocorre com os outros. Torna-se, muitas vezes, prisioneira de suas próprias idéias, por conta da dificuldade em submetê-las ao crivo comum. A introversão vincula o indivíduo ao seu mundo interno e ao inconsciente, colocando-o em risco de perder sua capacidade de adaptação social.

As experiências da vida, sejam externas ou internas, ou mesmo quando são cuidadosamente elaboradas pela adequada reflexão, devem ser vinculadas ao sentido e significado que se dá à própria existência. Observá-las no seu conjunto, mesmo aquelas que foram aversivas, relacionando-as entre si, como lições para o autoconhecimento, possibilita que a culpa não se instale, nem a lamentação pelo passado. Tudo o que se viveu deve ser ressignificado para o devido conhecimento de si mesmo.

Introversão e extroversão são atitudes necessárias, cujo grau de consciência será determinante para a não polarização, nem a permanência inadequada numa delas. Quem anda de festa em festa, de shopping em shopping, de aventura em aventura, como se estivesse em permanentes férias, precisando agradar a si mesmo a todo tempo, muito preocupado com a vida alheia, é forte candidato ao vazio existencial profundo. Da mesma forma, quem anda

em constantes meditações profundas, consolidando seu individualismo, evitando a vida coletiva, isolando-se em si mesmo, corroendo-se com processos internos de difícil solução, também é forte candidato ao embrutecimento e à desconexão de sua alma coletiva.

Ambos possuem uma ferida aberta, cuja cicatrização dependerá da disponibilidade em caminhar na direção oposta, aceitando o convite da Vida para que isso aconteça.

Uma criança muito introvertida, um adolescente retraído, um adulto que vive sua juventude tardia e um idoso que não sabe ou não quer envelhecer, são exemplos de quem inverte o uso da *energia psíquica* em prejuízo de sua *individuação*.

O mito pessoal pode ser compreendido também por esse viés do uso da *energia psíquica*, visto que ela se constitui na energia da Vida, promotora, no ser humano, e do encontro consigo mesmo.

Sonhos

Sonhos são mensagens que vêm do inconsciente, a serviço da realização do indivíduo de forma consciente. Os sonhos trazem imagens representativas, como símbolos que apontam para algo aparentemente indecifrável. Carecem de compreensão adequada para uma melhor percepção do indivíduo a respeito de sua vida inconsciente. Eles apresentam uma outra face da personalidade do sonhador que necessita ser integrada à consciência. Sua compreensão permite uma visibilidade maior sobre o estado psíquico do sonhador, favorecendo sua *individualização*. Quando se toma uma série de sonhos para análise, pode-se perceber um certo direcionamento, como se eles apontassem para uma direção só perceptível após a vida ter acontecido.

Os sonhos nos remetem a uma instância transcendente na qual nada é verdadeiro, mas surpreendentemente real. Eles evocam um estado e uma emoção, cuja natureza nos aproxima de algo divino e maravilhoso. Por mais inverossímeis e trágicos que sejam, nos levam a uma dimensão mágica e mítica, da qual nos sentimos pertencentes. Proporcionam uma suspensão temporária da separatividade angustiante da consciência, sugerindo uma ordem maior e única, onde tudo é compreensível dentro da totalidade divina. Eles têm a propriedade de antecipar, de forma saudável e reconfortante, a realidade da consciência após a suspensão da atividade corporal, esteja o ser ligado ao

corpo físico ou não. Trazem informações incompreensíveis, em linguagem simbólica, porém intuitivamente perceptível em seu significado mais profundo. Revelam uma franja da alma que não se mostra em sua totalidade à consciência. São retratos instantâneos da individualidade, contendo uma síntese de sua natureza espiritual. Mostram simbolicamente vivências do espírito enquanto em ininterrupta atividade durante o abaixamento do nível de consciência.

Ocorrem constantemente, permitindo uma possibilidade de compreensão da natureza espiritual do ser humano, reduzindo seu sentimento de ser prisioneiro do corpo e indefeso em relação ao incomensurável. Liberta-o dos limites materiais, elevando-o a dimensões etéreas e regiões além de si mesmo.

Os sonhos ocorrem como convites à investigação por parte do ser humano sobre sua íntima essência. Descobrir seus significados, bem como estimular suas lembranças, representa um acréscimo ao auto-descobrimento.

O ser humano sonha diariamente, por força de sua ininterrupta atividade psíquica, porém nem sempre trazendo à consciência a total lembrança da experiência onírica. Descobrir o significado de seus sonhos é uma arte para poucos. É preciso conhecimento específico e intuição aguçada. O hábito de anotar e interpretar os sonhos proporciona vantagem a quem o faz, na medida em que consegue modificar seu próprio destino a partir das percepções que adquire sobre sua natureza íntima.

Há sonhos de diversos tipos, conforme o estado psíquico do sonhador e da mensagem que contenha. O propósito de sua ocorrência é compensar a relação entre consciência e inconsciente, visando seu equilíbrio psíquico. Por vezes ele ocorre como aviso para que o sonhador altere sua relação com o mundo. Nem sempre os sonhos são lembrados, em face de ocorrerem sem a participação dos sentidos físicos, fato que dificulta sua memorização. Pelo fato de não serem lembrados, não significa que não ocorre.

Alguns sonhos são mais profundos do que outros, pois trazem símbolos arquetípicos, isto é, muitas imagens arcaicas, exigindo interpretação mais apurada. Em geral, informam sobre os rumos da vida do sonhador, sinalizando para o viés que está tomando. São sonhos retificadores do destino e reveladores do mito pessoal. Servem para a tomada de decisão quanto a mudanças imediatas a serem feitas.

Um paciente trouxe-me um sonho que teve ao completar quarenta anos de idade. Ele sonhou que estava em frente ao mar, em cima de um monte admirando a beleza marinha. Um barco passava a sua frente. De repente, uma onda gigante vinha na direção da praia e virava o barco, afundando-o. Acordou se sentindo perdido. Tentou entender o sonho, sem sucesso. O máximo que concordou consigo mesmo foi que algo estava acontecendo e que ele precisava tomar alguma atitude. Não sabia do que se tratava, nem se deveria fazer alguma coisa para aproveitar o sonho. Perguntei-lhe como era o barco. Ele disse que era de madeira e que parecia uma arca. Perguntei-lhe como um barco poderia parecer uma arca. Ele me disse que era como a arca de Noé. Fiz-me de desentendido e questionei sobre quem era Noé. Ele me lembrou que Noé era um nome bíblico. Novamente me fiz de ignorante, buscando retirar dele o significado profundo do símbolo do barco. Questionei sobre qual era a história de Noé. Ele me explicou que Noé havia construído um grande barco, pois Deus havia feito uma aliança com ele. Quando ele mesmo falou a palavra aliança, arregalou os olhos e disse: será meu casamento? Respondi, considerando que ele acertara em cheio: muito provavelmente. Concordei e concluí que ele estava assistindo seu casamento tombar por uma grande onda que vinha do inconsciente. A onda, considerou ele, seria o símbolo de uma grande força contrária que o imobilizara diante do fracasso de sua relação. Ele tinha se separado recentemente, pois sua mulher

havia se apaixonado por outro homem e lhe confessara, propondo o término do casamento. O sonho confirmava não só o estado atual de sua consciência, como também retratava sua imobilidade ou pouco investimento na relação marital. Sua mulher lhe dissera que não suportava mais um homem sem iniciativa, de vida exclusivamente voltada para o trabalho e sem ambições maiores. Ele próprio havia decodificado os símbolos de seu sonho, indo buscar correlações na religião que professava. Sua localização no sonho, em cima de um pequeno monte, estaria simbolizando uma tendência ou viés de sua vida. Sempre fora uma pessoa sem iniciativa e que esperava as oportunidades acontecerem. Satisfazia-se com a vida simplória que tinha, sem buscar horizontes maiores. Formara-se em contabilidade, empregara-se numa pequena empresa, graças aos esforços de sua mãe e se casara por iniciativa da própria mulher. Não se especializara nem planejava mais do que já alcançara na vida. Seu sonho retratava parte de seu mito pessoal.

Os sonhos, quando analisados em série, revelam muito apropriadamente o mito pessoal. Juntar vários sonhos e analisá-los conjuntamente, como se fossem partes de uma mesma história, contribui decisivamente para uma melhor percepção de aspectos da vida inconsciente da pessoa. Favorece a percepção do mito pessoal pela oportunidade de se enxergar aquilo que se passa simbolicamente no mundo inconsciente.

Complexos

Complexos são o conjunto de experiências nucleadas no inconsciente, sustentadas por uma emoção comum. São influenciadores e motivadores da consciência, contaminando atitudes e idéias, de forma autônoma, sem o consentimento consciente da pessoa. Sua interferência na consciência provoca mal estar e a sensação de ter sido tomado por algo estranho a si mesmo. Os *complexos* conseguem alterar a disposição do *ego*, levando-o a atitudes nem sempre conscientes, que dirigem a ação para uma finalidade relacionada à *sombra* do indivíduo.

A formação dos *complexos* se dá pela associação inconsciente de emoções e avaliações resultantes das experiências da vida. Tais associações decorrem de mecanismos automáticos oriundos de funções da *psiquê* humana. Eles são elementos constituintes do inconsciente pessoal e influenciadores naturais da vida consciente.

São unidades básicas da *psiquê* e estão em constante modificação, de acordo com as experiências vividas e com os processos psíquicos a que estão submetidos. Nosso mundo interior é preenchido por *complexos* que se refundem, impulsionando o ser humano para além de si mesmo.

Os *complexos* podem se situar tanto na consciência quanto no inconsciente. Os primeiros são mais fáceis de serem dissolvidos e os últimos se demoram até que possam se tornar conscientizados. Quando nos conscientizamos dos *complexos*, nos damos conta do quanto influenciaram

nossa personalidade e determinaram atitudes, as quais nem sempre gostaríamos de ter tomado. Sua influência é exercida de forma sutil, à semelhança de alguém que, exposto ao sol não nota, senão após certo tempo, a própria pele bronzear-se, mudando gradativamente de cor.

Nossa mente funciona como um vaso alquímico, no qual os elementos se misturam para formar novas substâncias. Aqueles elementos são as emoções, idéias e julgamentos resultantes das experiências a que o ser humano está submetido, além daqueles residentes na própria estrutura psíquica.

Há pessoas que são visivelmente tomadas por seus *complexos*, os quais determinam os aspectos externos de sua personalidade. Vivem em total sintonia com eles, de tal forma que parecem ser guiados por uma outra personalidade. Só uma grande discrepância entre o que são e o que passaram a ser pode provocar uma ruptura da simbiose existente.

São exemplos de *complexos* que atuam no direcionamento da personalidade: de culpa, de inferioridade, de superioridade, de herói, de poder, materno, paterno, de *puer*, de orfandade, religioso, erótico, dentre outros. São tantos os *complexos* quantos sejam os comportamentos estereotipados do ser humano.

O *complexo* de culpa, formado pela confrontação entre o que é aceito como bem e o que é considerado um mal, via de regra, exige uma redenção. Por força da cultura do sofrimento como meio de elevação, a escolha recai sobre a vivência de experiências geradoras de dor como meio de redenção do próprio ato cometido. Em alguns casos, para se ver livre da angústia da culpa, o indivíduo, de forma inconsciente, atrai uma doença a fim de se ver livre do *complexo*, ainda não conscientizado.

Experiências assimiladas, não suficientemente digeridas como pertinentes e adequadas ao eu, podem levar a estados inconscientes de inferioridade ou de superio-

ridade. Tais estados, em grau elevado, provocam tensões inconscientes que vão incomodar a consciência, promovendo desejos de reações contrárias ao *complexo*. Pessoas que passaram por experiências geradoras de julgamentos de inferioridade a respeito de si mesmos, desenvolverão tendências contrárias. Poderão tornar-se arrogantes, prepotentes, esnobes, colocando-se em posição de franca superioridade perante os outros.

Experiências da vida, reforçadoras de *personas*⁸ positivas e de grande aceitação popular, tendem a levar o indivíduo a valorizar aquela manifestação externa de si mesmo, em detrimento de sua própria individualidade. Neste caso, o eu é tomado por um outro *complexo*, que avança sobre a personalidade, enviesando as atitudes da vida em geral. Pessoas que dedicam boa parte de suas vidas a alguém em especial ou a um grupo familiar, agem como heróis, preferindo uma imagem abnegada e magnânima, ao invés de se portarem em sua totalidade. Tais pessoas tendem a cobrar reciprocidade quando não mais conseguem suportar a pressão interna de sua própria *sombra*, sobre a personalidade distanciada do *Si-Mesmo*.

Pessoas que perdem sua capacidade criativa e tentam superar outras, inferiorizando-as, alimentam o desejo de poder sobre elas. Fazem de tudo para alcançar o lugar de comando, sem se preocupar com os meios, nem tampouco vislumbram algo que não seja o status que pretendem ocupar. Em geral têm relações amorosas superficiais e vínculos afetivos pobres. Constituem família, porém esta não é o seu porto seguro, mas apenas algo que fazem por ser usual e socialmente típico. Esse comportamento, oriundo do *complexo* de poder, pode levar o indivíduo a construir uma vida distanciada de seu propósito essencial, desconhecendo sua real natureza.

⁸ Imagem idealizada de si mesmo, que melhor se adapta ao mundo. É um *complexo funcional* que permite ao *ego* se apresentar externamente de forma a se adaptar ao meio.

O *complexo* de *puer* (pueril, imaturo) é facilmente identificável quando a pessoa permanece com condutas incompatíveis à sua idade, isto é, não sabem envelhecer, ou postergam demasiadamente a entrada na fase seguinte de sua vida. São homens ou mulheres que já passaram da meia-idade, mas teimam em parecer jovens em seu comportamento e até na forma de se vestir e adornar o corpo. Facilmente se deprimem ao menor sinal de envelhecimento. Geralmente procuram parceiros muito mais jovens para convivência. Este *complexo* pode ter surgido do medo de envelhecer ou da excessiva vaidade com o corpo.

Um outro *complexo* é o de órfão, que leva o indivíduo a não querer ser rejeitado ou excluído da vida de alguém. Tal *complexo* não decorre da orfandade de fato, mas de um sentimento interno de abandono. Para evitar estar na situação de órfão, a pessoa passa a ter dificuldade de romper vínculos de natureza afetiva, mesmo que a relação seja precária. Os portadores desse *complexo* demonstram uma grande carência afetiva e forte dependência às pessoas. São possessivos em seus relacionamentos, chegando às vezes a chantagens que põem em risco a própria vida. Não se apercebem da influência do *complexo* em suas vidas e, quando tomam parcial consciência do mesmo, não sabem como modificar sua atuação. A consciência e dissolução de um *complexo* é algo difícil e requer considerável investimento de *energia psíquica*. O órfão necessita se tornar seu próprio pai e sua própria mãe, para sair da dependência de alguém que, externamente, deva cumprir tais papéis.

O *complexo* religioso é aquele que torna o indivíduo salvador da humanidade ou redentor das aflições alheias. Para ele, há um chamado missionário a ser cumprido, no qual ele é o representante das potestades divinas na Terra. Ele encarna a mais elevada representação da divindade, tornando-se o mestre espiritual, o guru ou o fiel e legítimo discípulo. Por vezes, se sentirá o próprio profeta divino,

que deve restabelecer o bem no mundo. Invariavelmente ele estará atendendo a um anseio oculto de salvação pessoal, diante de uma grave e complexa culpa que carrega inconscientemente. O exercício de sua religiosidade se confunde com o fanatismo de principiantes e com a insanidade alienante de radicais. Em vão, ele tenta arrastar outros para seu rebanho de “salvos”. Seu *complexo* é tiranizante e de difícil percepção. Sua vida será pautada pela culpa, qual uma ferida sempre aberta à espera de remédio. Estará na posição de mediador entre o bem e o mal, estabelecendo um e outro, via de regra, projetando nas pessoas suas próprias iniquidades. Enxergará maldade em tudo, principalmente naquilo que se aproxima do que considera ter sido inseqüente ou insano no seu passado. Morrerá acreditando ter feito o bem ao próximo, porém não conseguirá curar a própria ferida. Aquele *complexo* enviesará sua vida e não lhe levará a se perceber na totalidade.

O *complexo* erótico é um daqueles que pode levar o indivíduo a duas polaridades distintas. De um lado, a guiar-se exclusivamente pelos estímulos eróticos, desenvolvendo uma hipersensibilidade ao prazer sexual, buscando-o intensamente e, do outro, à evitação sistemática de qualquer forma de prazer sensual. São duas polaridades distintas, oriundas de um mesmo *complexo*: a liberação excessiva ou a repressão da libido sexual. Essas duas polaridades são manifestações no mundo concreto de algo interno intensamente ativo. Podem ser compreendidos simbolicamente como resultantes de grande insatisfação interna não resolvida. Tendem a levar o indivíduo a uma restrição de sua realização no mundo, pois limita sua *energia psíquica* ao uso sexual ou à sua proibição. Geralmente representa algo ligado à afetividade mal resolvida. A incompetência afetiva leva a uma exacerbação da sexualidade em seu uso desenfreado para obter o prazer. Por outro lado, a repressão da libido sexual proporciona um bloqueio na afetividade, mesmo que a capacidade em estabelecer vínculos afetivos exista.

Os *complexos* podem influenciar no mito pessoal muito mais do que se possa conceber. Uma pessoa pode levar a encarnação inteira na tentativa de realizar algo dirigido por um ou mais *complexos*. Um *complexo* pode determinar certas características na personalidade de uma pessoa, tornando-a limitada sob vários aspectos, enviesando sua vida e seu destino.

É fundamental a análise da personalidade no intuito de descobrirem-se os principais *complexos* que se encontram ativados, a fim de dissolvê-los, para que a pessoa possa seguir seu mito pessoal de forma consciente.

Nem sempre os *complexos* são patológicos. Eles naturalmente se estruturam na *psiquê* e influenciam a consciência a serviço da *individuação*. São motivadores da dinâmica psíquica, a fim de que a vida siga seu curso.



Identificando o próprio mito pessoal

Olhar para o próprio passado com isenção não é tarefa simples. Enxergar a própria vida com neutralidade, visando avaliá-la segundo novos paradigmas é extremamente difícil. Costumamos enxergar o que queremos, lembrando mais nitidamente daquilo que nos provocou emoções. Seleccionamos as experiências julgando-as boas ou más. Aquelas que foram agradáveis são lembradas com satisfação. Outras, dolorosas ou aversivas, mesmo lembradas, são rechaçadas, permanecendo latentes, porém influenciando a consciência. Esse não deve ser o exclusivo olhar para se identificar o mito pessoal. É preciso outras formas de enxergar as experiências que se viveu. O novo olhar não deve ser julgador, mas constatador das experiências, vendo-as como se assistisse a um filme épico. Devem ser vistas como fatos, mesmo aquelas que ainda causam fortes emoções.

Enumere os principais eventos de sua vida segundo o critério de aprendizagem, isto é, quais as experiências em que mais aprendeu a respeito de si mesmo e que o tornaram mais consciente de sua essência singular. Relacione os eventos ocorridos a cada cinco anos de existência, assinalando onde, quando, quem participou e como se sentiu. Ao citar as experiências vividas na infância não as considere com o mesmo olhar das vivências da vida adulta.

Lembre-se de que na infância não há muita escolha. Nela, o espírito vive, na maioria das vezes, o resultante de escolhas feitas em vidas passadas, portanto, não são produtos exclusivos das ações de terceiros (pais ou responsáveis) no momento presente.

Considere como eventos importantes quando o tempo em que você se demorou numa experiência superou os cinco anos. Tempos inferiores a isso pode significar que houve apenas tentativas de alcançar algo, mas sem uma fixação maior. Salvo se a intensidade do que foi vivido modificou significativamente a vida, alterando sobremaneira seu destino.

Avalie também as personalidades que estiveram com você nos momentos e fases significativas de sua vida. Quem são, o que faziam e as emoções vividas com elas ao seu lado, também dão pistas para seu mito pessoal. As pessoas com quem convivemos revelam aspectos de nossa personalidade na forma como se apresentam. Projetamos nosso mundo interior nas pessoas que atraímos para nossas vidas.

Verifique se suas respostas às perguntas a seguir são evasivas. Caso positivo, você está diante de si mesmo como alguém que se conhece pouco. Você pode ser um estranho a si mesmo. Pare e procure se conhecer mais. Tente dar respostas mais profundas e mais consistentes para cada uma das questões levantadas.

1. Vivo eu o meu tempo ou estou condicionado ao passado inconsciente dentro de mim mesmo? Sou reacionário a novas idéias, colocando-me como conservador de tradições? Tenho tendência a estabelecer o certo e o errado, baseando-me em valores exclusivamente religiosos? Ou, ao contrário, renego o passado e suas tradições, adotando exclusivamente o novo?

2. Construo minha própria história? Sou eu o autor de meu próprio destino ou estou entregue a forças desconhecidas? Vivo condicionado pelas crenças e limites de

minha fé, alienando-me da necessária auto-determinação? Tenho ou não o hábito de submeter minhas crenças à razão e ao crivo do bom senso? Por outro lado, costumo agir sem qualquer preocupação com os aspectos espirituais da vida?

3. Tenho ciência das possibilidades de realização a meu dispor ou sou ignorante quanto à minha própria capacidade de realizar o que desejo? Acredito na existência de uma força interior, que me move e me anima à realização de mim mesmo? Ou será que confio exclusivamente em forças cegas, sorte ou ajuda do acaso?

4. Vivo condicionado por limites, prisioneiro de culpas e mágoas passadas? Sou rancoroso, não esquecendo quando as pessoas me agridem? Costumo recorrer ao que me fizeram no passado sempre que discuto com as pessoas? Ou sou livre para encarar as pessoas de forma transparente, sem trazer de volta o passado negativo com elas?

5. Reconheço em mim a persistência de sentimentos negativos na convivência com as pessoas? Percebo que a raiva constantemente assume minha consciência com relativa facilidade? A agressividade faz parte do cotidiano de minhas relações sociais? Ou me vejo capaz de amar as pessoas, indistintamente?

6. Posso habilidades profissionais que me tornam economicamente independente em qualquer tipo de sociedade? Reconheço minhas qualidades no desenvolvimento de trabalhos remunerados? Sinto-me inútil ou incapaz de alcançar profissionalmente o que desejo?

7. Sou alguém autodeterminado, senhor de mim mesmo e faço as coisas à minha maneira, sem imitações idealizadas? Desenvolvi uma personalidade calcada em minha individualidade, descobrindo-a gradativamente ao longo da vida? Imitei ídolos ou pessoas, de tal forma que não consigo perceber-me sem características arremedadas?

8. Intimamente, o que, realmente, venho buscando a cada encarnação, especialmente na que presentemente me encontro? Qual minha maior e mais importante busca, aquela que preenche minhas idéias, desejos e atitudes?

Após refletir sobre as perguntas acima, buscando respostas profundas que levem a uma maior compreensão de si mesmo, avance um pouco mais a respeito de sua vida pensando sobre o que se segue.

1. Qual a minha maior fantasia na vida, que guardo desde minha infância, cuja vontade de realização tem sido norteadora de minha existência?

2. Qual a principal tendência de minha vida que corresponde aos anseios sociais comuns, na qual investi minhas energias e meu tempo, com maior intensidade?

3. Conscientemente, qual foi a grande finalidade de minha vida, isto é, em que mais me determinei como algo estritamente pessoal, buscando uma realização íntima?

4. Que experiências significativas da vida se repetiram sem que eu as provocasse conscientemente e que marcaram minha personalidade?

5. Que ocorrências inexplicáveis e transcendentais aconteceram em minha vida, levando-me a situações e escolhas não programadas nem imaginadas?

6. Como, quando e de que forma a mediunidade esteve presente em minha vida e que influência ela teve na minha personalidade e em meu destino?

7. Que ocorrência em minha vida, provocada pelo “destino”, sem a interferência de minha vontade, alterou significativamente o rumo de minha existência?

8. Durante toda minha vida, o que predominou como atitude consciente: a capacidade realizadora e empreendedora ou a espera e aceitação das circunstâncias externas?

9. Qual o tema principal e os símbolos presentes no sonho mais significativo de minha vida, o qual não consigo esquecer?

10. Que medo e que emoção estiveram mais presentes em minha vida, enviando-a sem que me desse conta?

Após estas novas respostas, juntando às outras, tente reuni-las, condensando em frases ou palavras até conseguir

reduzi-las ao mínimo conceito possível. O resultado se aproximará bastante do seu mito pessoal. Tais perguntas e respectivas respostas contribuem para uma maior percepção de si mesmo e devem estar presentes na consciência, contribuindo para a construção de uma vida feliz.

Sugiro ao leitor que tente responder a essas dez questões, escrevendo num caderno ou no computador e só passe à leitura do próximo capítulo após tal feito. Certamente isso o ajudará a ampliar a consciência sobre si mesmo para além da dimensão exclusivamente teórica, contribuindo para mudanças de atitudes, como também para uma melhor percepção do mito pessoal.

A identificação do mito pessoal inclui a troca de experiências e o diálogo com alguém, visando obter um melhor senso crítico sobre a própria vida. Nem sempre, com toda essa bateria de perguntas, a pessoa chega a uma definição, pois pode-se deparar com vários vetores da própria vida, sem um foco exclusivo. Assim sendo, pode-se pensar numa certa complexidade da personalidade, que dificulta escolhas e o encontro do sentido da vida. No entanto, é mais adequado o esforço de encontrar-se com o mito pessoal para um melhor aproveitamento da vida. A dificuldade em fazê-lo deve levar a pessoa à escolha provisória de um sentido à própria vida, até que encontre, um dia, algo mais consistente.

A personalidade humana é um conjunto de fatores agregados a um centro comum, denominado individualidade. Sua consistência depende da maturidade e firmeza do *ego*, cujo estado varia com as experiências milenares do espírito. Não é simples visualizar a própria personalidade, muito menos a individualidade. Quando se pretende enxergar-se a si mesmo, geralmente a pessoa se prende a uma ou mais características da personalidade, sem a adequada percepção da sua totalidade. A tentativa de percepção do mito pessoal contribui para que a personalidade se mostre em sua totalidade.

A visão de si mesmo, seja do mito pessoal, da personalidade em sua totalidade ou da individualidade, não se dá por um exercício momentâneo de reflexão ou após responder uma bateria de perguntas. É tarefa que exige gasto de energia e investimentos constantes em processos de meditação, de transformação do *ego* e de adaptação no mundo.

O mito pessoal está intimamente associado ao destino humano, visto que a vida inconsciente interfere decisivamente na consciência, e na maioria das vezes à sua revelia. Mesmo com a ampliação gradativa da consciência, por conta da evolução constante, o mundo inconsciente continua interferindo intensamente na razão e nos sentimentos humanos.

Sentido da vida

Acredito que a maioria das pessoas deseja obter uma resposta confortável e consistente a respeito do sentido da vida e da própria existência. A maioria vive alienada, sem consciência de si e sem uma compreensão ampla dos processos que atravessa. Muitos preferem moldar-se a um sistema provisório, tomando-o por definitivo, enquadrando o Universo e suas leis num pequeno punhado de fenômenos. Ainda não perceberam que a Vida se auto-constrói e está em constante dinamismo e transformação. Neste processo de auto-construir-se, o ser humano é simultaneamente agente e objeto. Ao mesmo tempo em que estamos sujeitos às leis universais, participamos também de sua elaboração. Isso pode parecer paradoxal ou presunçoso, mas é como percebo a singularidade humana. Não somos apenas os artífices do nosso destino, mas também colaboradores da forma como o Universo age sobre nós próprios. As leis, que nos pareciam imutáveis, são constituídas de acordo com a evolução do ser humano. A submissão do ser humano às leis do Universo contrasta com a sabedoria de Deus, pois seria mais coerente com a mesma pensar num sistema que se auto-cria. O sentido da vida pode ser mais bem percebido na medida em que ampliamos nosso campo de experiências, de percepção e de compreensão a respeito do deus interno.

O sentido da vida parece ser algo singular, próprio, pessoal e intransferível. Contrariando a tendência em se

acreditar num sentido único, coletivo e uniforme, a Vida parece revelar sentidos diversos para cada ser humano.

O sentido da vida passa pela personalidade em seu momento evolutivo. Não se pode descobrir o sentido da própria vida sem se enxergar as experiências vividas, bem como aquelas que inevitavelmente terão que ser experienciadas.

O sentido da vida se modifica a cada fase. Geralmente as idéias a este respeito começam na adolescência, quando a pessoa pretende e necessita se situar no mundo. A depender da personalidade, o sentido encontrado poderá ser determinante para todas as outras fases da vida. Na idade adulta jovem, que se inicia logo após a adolescência, vários sentidos vão sendo perseguidos, principalmente aqueles de ordem mais prática e coletiva. À medida que os processos vividos vão se tornando mais complexos e mais intensos, notadamente após os trinta anos de idade, os sentidos encontrados nas fases anteriores se afunilam, sendo condensados em poucos ou num só. A partir da meia-idade, a procura de um sentido único para a própria vida se torna uma obrigação. A certeza da morte torna obrigatório o encontro de um sentido para a vida.

O sentido da vida é vivê-la, sentindo cada experiência como algo novo, surpreendente e capaz de promover um encontro do indivíduo com sua natureza essencial. Para isso é preciso entender que o futuro é um grande mistério, porém factível de ser parcialmente construído.

A palavra esperança é normalmente utilizada no sentido de acreditar num futuro melhor ou na postura interior de confiar que tudo acabará bem. Nem sempre os resultados que se espera alcançar corroboram esse significado. Talvez devêssemos criar outra palavra que se refira a um estado de equilíbrio diante das incertezas e possibilidades do destino pessoal. Ou então, esperança deva ser entendida como o encontro de um significado para cada momento que se vive. Ter esperança é encontrar

um significado para o que se faz. Mesmo que as circunstâncias sejam adversas e nada saia como esperado, encontrando-se um significado e um sentido para o momento que se vive, o equilíbrio ocorre. Esperança é encontrar o sentido do passado, do presente e do futuro. É ter consciência do que está fazendo, dando-lhe um sentido e, mesmo que não atinja os objetivos pretendidos, saber que valeu a pena ter vivido aquilo. A Vida pede à consciência um significado, pois é ele que permite o equilíbrio psíquico.

Sempre considerei o destino algo mutável, como se o próprio Deus contemplasse a mutabilidade em seus desígnios, sem que isso afetasse Sua suprema inteligência e sapiência. Esta consideração permite que entendamos o sentido da vida como algo flexível, como tudo no Universo. Toda rigidez contrasta com a suprema sabedoria.

O grande vazio que o ser humano enfrenta é quando constata a ausência de um sentido para sua existência, mesmo que a tenha preenchido com coisas e pessoas. As experiências da vida devem estar conectadas entre si, mesmo que em blocos, para os quais se deve encontrar um ou mais sentidos.

Certa vez, no Centro Espírita, procurou-me uma mulher muito elegante. Parecia uma pessoa bem sucedida, com gestos finos e muito bem vestida. Seu porte indicava nobreza e equilíbrio. Disse-me que tinha cerca de quarenta anos, era casada – fez questão de dizer que se considerava bem casada – com um homem muito bom e provedor. Tivera três maravilhosos filhos, todos bem encaminhados, que não lhe deram o menor trabalho na criação. Ela tinha se formado em arquitetura e era bem sucedida em sua profissão. Seu marido era jornalista e muito conhecido. Sua casa era bem freqüentada e tinha numerosos familiares queridos. Enquanto falava, seus olhos iam se enchendo de lágrimas. Sem conseguir conter o choro, parou sua narrativa e, para minha surpresa, disse: tenho tudo o que quero, recebi da Vida mais do que pedi, gozo de boa saúde,

mas, com tudo isso, não sou feliz. Terminou sua fala me perguntando: qual a causa disso? Olhei em seus olhos e falei que a crise que estava acontecendo dentro dela era sinal de que estava acordando de um sonho e que deveria agora procurar o sentido de sua vida. Falei-lhe da espiritualidade a ser buscada e da consciência de ser imortal, como novos paradigmas a serem internalizados. Desse dia em diante passou a dedicar-se ao estudo do Espiritismo. Como ela, muita gente está descobrindo a necessidade de encontrar um sentido transcendente para a própria vida. A moderna civilização, com seus desafios de adaptação impostos ao ser humano, fazendo-o desenfreadamente buscar realizações no campo material, não tem sido capaz de apresentar propostas consistentes que evitem tais crises. Mesmo considerando os avanços da filosofia, da psicologia e da religião, o ser humano ainda continua perdido entre teorias confusas e incompletas. É preciso educar o ser humano para o seu destino e para o significado oculto da vida.

O sentido da vida é descobrir quem se é e, a partir daí, autodeterminar-se sem os limites da ignorância a respeito de sua própria essência. Essa tarefa deve ser executada durante várias encarnações. Em uma só, salvo para quem já se encontra mais adiantado espiritualmente, é difícil alcançar a consciência de quem verdadeiramente se é. A realização de suas habilidades, tendências e a descoberta dos aspectos obscuros de sua própria personalidade devem ser os grandes desafios daqueles que levam a sério sua existência.

Enquanto não se alcança a consciência de quem se é, deve-se viver a vida aplicando-lhe sentidos provisórios. São sentidos provisórios: amar verdadeiramente alguém, trabalhar honestamente para o desenvolvimento da sociedade, constituir e manter harmonicamente uma família, contribuir para a disseminação de ideais nobres na sociedade, alcançar estabilidade emocional, ter equilíbrio financeiro adequado, auxiliar entes queridos em sua

evolução, acrescentar virtudes à personalidade, adquirir novos saberes e desenvolver novas habilidades, construir uma rede de amigos, administrar adequadamente o patrimônio que construir, etc.

Seria conveniente escolher um sentido para a vida, mesmo que ele venha a ser abandonado quando encontrar outro mais adequado. Viver sem um sentido para a vida é o mesmo que estar num barco à deriva em alto mar. Quando isso ocorre, a depressão pode surgir como sintoma.

Sempre abriguei a idéia de que o destino humano está associado à concepção de um sentido à vida. O que se idealiza para si interfere no destino pessoal. Cada um de nós constrói o próprio destino de acordo com os sentidos que aplica ao longo da existência. A construção dessa concepção passa por uma consciência coletiva que, lentamente, passa para o inconsciente. A idéia de um paraíso ou de um final feliz para a vida, útil e necessária, também contribui para a criação de expectativas. Quando não alcançadas e sem a consciência de que a Vida sempre propõe algo diferente, a infelicidade estará presente.

Toda experiência humana deve ser avaliada de acordo com um sentido interno e outro externo. Devemos sempre fazer as seguintes perguntas:

O que a Vida quer me ensinar com isso? O que preciso aprender com o que se passa comigo? O que sinto e o que devo fazer com tal emoção, visando meu próprio crescimento?

Seguir a vida sem se questionar sobre as razões de suas ocorrências, nem atentar para os sinais que são constantemente enviados, parece-me alienação, bem como o fato de perceber e não valorizar ou não interpretar seus significados.

A vida pede ou exige um sentido. Inicialmente ele é buscado como algo coletivo, adquirido pela educação, pela Religião ou pelos modelos sociais comuns. Posteriormente,



adenáuer novaes

com o amadurecimento do indivíduo, ele busca seu próprio sentido para a vida.

É preciso entender que o que se passa externamente conosco, guarda estreita relação com o que se passa em nosso mundo consciente e inconsciente. Portanto, não há vida externa compreensível sem a consciência de si mesmo como espírito eterno e construtor de seu próprio destino.



Jesus e o sentido da vida

Nas palavras ditas por Jesus e escritas por alguns de seus discípulos e seguidores, em seu conjunto (O Evangelho) pode ser encontrado um resumo do sentido da vida. Selecionei algumas, cujo sentido mais profundo poderá nos levar à compreensão de nós mesmos e do destino humano. O tempo pode ter alterado o sentido originalmente atribuído pelo seu autor, mas a percepção atual, pelo coração, não dogmática, poderá nos trazer alguma luz transcendente.

Escolho as palavras de Jesus pela minha condição de cristão, mas creio que o mesmo sentido pode ser encontrado no seio de toda e qualquer religião. Aquele sentido não é patrimônio de ninguém, tampouco de uma única religião ou filosofia.

Jesus, como outros, encarnou o *arquétipo* do *Si-Mesmo*. Serviu, através de seus feitos e conceitos emitidos, como elemento de projeção deste *arquétipo*. Em cada um de nós existe uma *Imago Dei*, isto é, uma representação de Deus, esculpida por Ele mesmo em nossa *psiquê*, nas camadas mais profundas da alma humana, desde a nossa origem divina. Jesus conseguiu se aproximar daquela *Imago Dei*, contribuindo para uma percepção mais precisa de Deus em nós. Jesus era o peixe; a cruz, o anzol, simbolizando algo que era içado do inconsciente humano para o despertar de cada um.

A análise que presentemente faço tem uma base psicológica pessoal, muito embora me aproprie dos

conceitos junguianos, o que não pretende anular outras interpretações cabíveis aos textos evangélicos. Por detrás das palavras proferidas existiram idéias e sentimentos, imagens e experiências. Difícil é trazer para a atualidade o que de fato significaram. Razão pela qual não tenho a pretensão de fazê-lo. Prefiro, por este motivo, apresentar algo que possa ser compreendido de forma contextualizada e busque o significado da vida.

No capítulo 6, versículos 19 a 21, do evangelho de Mateus, consta o seguinte:

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam; porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

Está claro que a colocação acima pretende levar as pessoas à continuidade de uma conduta assertiva na vida, visando a realização de algo diferente do que fizera antes. Ser assertivo é ser afirmativo e determinado na vida. A conduta proposta não contempla uma vida medíocre ou recolhida, mas cheia de realizações e preenchida de experiências significativas. Tais experiências devem levar ao ajuntamento de tesouros, cujos conteúdos não possam ser destruídos. Não há qualquer recomendação à vida contemplativa ou acomodada, mas dinâmica e operosa. Ao sugerir ajuntar tesouros que não possam ser corroídos ou roubados, talvez quisesse assinalar algo que não sofresse o desgaste do tempo, portanto algo que estivesse adequadamente abrigado. Talvez o mundo interno seja colocado como o terreno no qual o tesouro deva ser acumulado, pois lá dentro, na profundidade da alma, não seja possível a corrosão nem o roubo. A menção do coração como estando junto ao tesouro caracteriza sua essência.

O tesouro está ligado às coisas do coração, isto é, ao mundo emocional de cada pessoa. Talvez a mensagem embutida diga respeito à influência das emoções e sentimentos na felicidade da pessoa. A aquisição verdadeira é aquela que se dá com o coração, pois todas as experiências da vida estão conectadas pelos fios invisíveis do amor. Nesse aspecto, o sentido da vida deve a ele estar relacionado. O coração é o símbolo da vida e da consciência superior. Ele representa o que existe de mais transcendente na alma humana. Cuidar dele e entender que as coisas devem guardar estreita relação com seu simbolismo significa aproveitar melhor as experiências da vida.

Jesus é útil como figura de projeção nas fases iniciais do processo de desenvolvimento da personalidade e da percepção do *Si-Mesmo* para o cristão. Cristalizar uma atitude devocional, sempre submissa, não percebendo em si as qualidades nele projetadas, internalizando-as a partir das experiências da vida, é paralisar o processo evolutivo da própria pessoa. Em algum momento de sua vida, o cristão, ou qualquer devoto de uma religião, deverá encontrar em si as qualidades atribuídas ou inconscientemente projetadas em seu líder espiritual ou no deus em que acredita. Assim, as figuras que antes serviram de projeção do *Si-Mesmo* ou do sagrado, suscitarão novas possibilidades simbólicas, não mais eliciarão o que antes evocavam na pessoa.

Podemos entender que o significado da vida e o destino humano estão visceralmente conectados ao aproveitamento emocional das experiências vividas.

Em Mateus 6.33 consta uma atitude inicial a ser tomada na vida, na seguinte recomendação:

Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.

O reino e a sua justiça são símbolos que merecem interpretação. O reino é o lugar onde todos vivem sob a proteção e a segurança de um sistema coletivo eficiente. Tudo que ali acontece é conhecido e obedece a normas previamente acordadas. Os cidadãos do reino obedecem a princípios e existe uma figura que representa tudo e todos: o rei. O reino, portanto, é um lugar seguro e sagrado. A justiça é o equilíbrio de um sistema, trazendo a igualdade e o direito de todos. Ela zela pelo bem comum e permite a tranqüilidade quanto às conquistas de cada pessoa. Por todos estes argumentos podemos entender que o reino e sua justiça são símbolos do *Self*, pois representam o que há de mais próximo ao *arquétipo* da totalidade na *psiquê* humana.

A primazia do espiritual sobre o material decorre da necessidade de se construir uma personalidade apta a usufruir do mundo em proveito de sua evolução espiritual. As experiências no mundo seriam melhor aproveitadas se a pessoa detivesse preliminarmente uma visão do significado da vida e de sua condição como ser espiritual. Na maioria das pessoas ocorre o inverso. Primeiro busca-se o mundo, para depois entender-se a si mesmo. Isso significa construir algo, isto é, um sistema explicativo a respeito de si mesmo e da vida, na consciência, que necessariamente será desconstruído mais adiante.

Essa colocação nos permite uma compreensão mais ampla da vida, considerando que o aprendizado das coisas do espírito são alicerces para a apreensão do significado do existir. A percepção da espiritualidade capacita o indivíduo a entender os mecanismos da Vida e a extrair, com mais proveito, das experiências que vive, os paradigmas das leis de Deus.

No versículo transcrito não há uma negação das coisas materiais, mas uma ordenação de busca. Por coisas materiais pode-se também entender o prazer e a felicidade que podem ser alcançados na vida material. A equivocada

negação desta última decorre da pressa em enquadrar a frase num sistema que tenta substituir o material pelo espiritual, com a exclusão do primeiro em favor do segundo.

A não exclusão das experiências da vida material no desenvolvimento da personalidade e na evolução espiritual do indivíduo está contida no sentido da vida.

Ainda em Mateus, no capítulo 7, versículo 12, há outra colocação de Jesus, que merece análise, quanto ao significado da vida.

Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei, e os profetas.

O princípio acima exposto é o da coerência lógica com o próprio desejo. Querer para o outro o que não quer para si, denuncia desigualdade. A frase trata do desejo interno de fazer as coisas. Querer algo vem do desejo e da vontade em atuar. Querer para o outro o que quer para si revela o princípio da igualdade. Esse princípio é um dos segredos da convivência humana, pois elimina a possibilidade do egoísmo e da sensação de superioridade sobre o outro.

Considerar a igualdade entre o querer para o outro e o querer para si como uma lei é estabelecer uma regra de conduta, porém é muito mais uma forma de ser do que de agir. É um ensinamento a ser vivido internamente, cujas conseqüências externas serão aquelas esperadas, isto é, o que se quer para si será automaticamente realizado para os outros. Antes da ação, deve vir à consciência o que se pretende, pois a transformação interna deve preceder a externa.

Pode-se pensar que o significado da vida contempla uma relação de afinidade entre os desejos no contato com o outro, isto é, a busca de um equilíbrio nas vontades em jogo. Parece-me que o conteúdo da mensagem se refere a um mecanismo automático de equilíbrio interno. Não se

trata de um conselho para a adoção de um comportamento, mas uma lembrança de que a *psiquê* humana é regulada por um mecanismo de equilíbrio dinâmico no desejo. Isso quer dizer que, quando se deseja ao outro algo que difere do que se deseja a si mesmo, dispara-se um mecanismo de auto-regulação psíquica. O sistema psíquico apresentará situações externas onde o equilíbrio será requisitado.

A citação de Mateus deve nos levar à consciência de que nosso desejo deve estar em consonância com o desejo do outro, a fim de que o equilíbrio ocorra. Nossa vida poderá passar por uma série de desvios quando não compatibilizamos o que desejamos para o outro com o que queremos para nós próprios.

No Evangelho de Marcos, no capítulo 8, versículos de 35 a 37, consta o seguinte:

Quem quiser, pois, salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho, salvá-la-á. Que aproveita o homem, ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma?

Neste trecho observa-se a dialética entre *salvar* ou *perder* a “vida”. Antes de uma interpretação é preciso considerar o significado de vida e o que quer dizer salvar e perder. Aparentemente vida é colocada como existência no corpo, porém, olhando mais detidamente, percebe-se que se trata de significado ou sentido de viver. Da mesma forma, salvar ou perder não parece ter o sentido de algo irreversível, mas de aproveitamento ou não da vida no corpo ou de um período determinado do existir.

Isso quer dizer que existe uma melhor forma de aproveitar as experiências da vida, que está associada a seguir os ensinamentos de Jesus e do Evangelho. Neste sentido, Jesus significa uma causa, isto é, uma idéia diretora da vida, que se identifica com a mensagem do

Evangelho. Isso não quer dizer que se trata de se tornar um simples seguidor ou adorador de um mestre divino. Que causa é aquela? Essa causa, ou paradigma, quando compreendida e adequadamente vivida, proporciona um melhor aproveitamento da existência no corpo. Isso reforça a idéia de que a vida no corpo físico é uma continuidade da vida fora dele. Não são dimensões opostas, mas complementares, contíguas e contínuas. Aquela causa está associada à consciência de si e à autotransformação necessária, de acordo com princípios apresentados na mensagem cristã.

A causa ou paradigma referido é uma apropriação do saber a respeito de como funciona o complexo sistema criado por Deus, que envolve os conceitos de vida, convivência e significado do existir. A citação do evangelista parece um convite à compreensão daquele sistema, a partir de um olhar diferente, perscrutando o Evangelho e extraindo dele o significado, para, em seguida, vivenciá-lo.

Um outro par de opostos pode ser identificado na citação: mundo e alma. Que significa cada um deles? Eles são colocados entre ganhar e perder, porém não parecem contraditórios ou exclusivos. Estão aparentemente em oposição, pois se pode tê-los simultaneamente. O mundo simboliza a vida relacional, o externo e as aquisições pertinentes ao viver. A alma simboliza a natureza essencial, componente da personalidade de cada um. Parece significar um conjunto de processos de origem interior que engloba: vontade, determinação e identidade pessoal. Talvez a mensagem queira dizer que é um desperdício ganhar o mundo sem acréscimo de algo à sua essência espiritual.

Este trecho do Evangelho nos convida à inserção, em nosso mito pessoal, de um novo olhar sobre a vida e seu significado, colocando a espiritualidade e a amorosidade na vida cotidiana.

Adiante, no evangelho de Lucas, Capítulo 11, versículos 9 e 10, temos a seguinte citação:

Por isso vos digo: pedi, e dar-se-vos-á; buscas, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á.

Esta frase também pode ser encontrada no evangelho de Mateus, confirmando que, por duas fontes distintas, as palavras foram realmente proferidas por Jesus. Talvez estas palavras sejam aquelas que mais enfatizam o poder da mente humana e a presença divina na intimidade do espírito. Ocultamente, esta frase encerra a força do desejo e a capacidade do espírito em construir seu próprio destino. Pode-se dizer, por extensão, que o Universo funciona e se move pelo desejo íntimo dos seres que o povoam.

Nossas atitudes, idéias, sentimentos, bem como os desejos conscientes, recebem contribuições de processos inconscientes que acabam por determinar o produto de nossas ações. A vida inconsciente que fervilha dentro do ser humano é muito maior e mais intensa do que a consciente.

Pedidos íntimos da infância, antigas fantasias não resolvidas, desejos abrigados desde a adolescência, imaginações tomadas como realidade, bem como toda a gama de ideais, esquecidos ou não, fazem parte daqueles processos que influenciam decisivamente o destino pessoal. Pedir e obter não significa alcançar exatamente o que se pensou, mas o que resulta do pedido que move a intimidade da *psiquê*. Tal resultado sofre interferências externas e internas. As internas são aquelas citadas antes e as externas são do domínio extra-humano, isto é, do Divino.

Aqueles pedidos pueris e inseqüentes, baseados no egoísmo e no orgulho, não deixam de ter algum resultado. Podem, ou não, ser alcançados. O sucesso dependerá da reação contrária que virá do sistema de desenvolvimento do espírito que pede. O seu sistema evolutivo está gravado em seu inconsciente. Obter algo, mesmo material ou absurdo, poderá ensejar aprendizado maior do que sua falta.

O pedido, portanto, passará por algum crivo, que servirá como filtro, deixando escoar o que estiver em conexão com o sistema divino de desenvolvimento do espírito.

Não é difícil entender que as palavras contidas no Evangelho, ou seja, a mensagem que Jesus quis passar, podem ser encontradas em várias religiões e filosofias. Não é algo que se possa dizer totalmente singular em suas partes, porém assim se manifesta em seu conjunto, pois se mostra capaz de levar o ser humano a uma instância além de si mesmo. Tal instância não implica na supressão da realização na vida material, e sim em sua inclusão.

Adotar o Cristianismo parece ter sido uma forma de conciliar o interno com o externo. O interno atravessava a transição da subserviência a um deus punitivo pelos efeitos, para outro alertador quanto a eles. Enquanto religião, o Cristianismo ainda não foi capaz de tornar possível o surgimento, ao menos coletivamente, do ser humano feliz, saudável e livre.

Parece-me que, a partir dos trechos do Evangelho acima escolhidos, pode-se extrair algumas conclusões sobre o sentido e significado da vida. É óbvio que não se trata de uma conclusão extraída da totalidade das palavras de Jesus, mesmo assim poderá ser útil à compreensão dos conceitos aqui emitidos.

Resumo dos trechos escolhidos:

1. Pensar com o coração, valorizando o papel dos sentimentos no desenvolvimento da personalidade;
2. Apropriar-se do conhecimento espiritual sem esquecer o material;
3. Igualdade, para si e para o outro, nos direitos, como regra do sentir e do agir;
4. Apreensão do significado da vida no corpo e fora dele;
5. Responsabilidade pessoal pela construção do próprio destino.



adenáuer novaes

A adoção de regras de conduta baseadas nas crenças cristãs, adulteradas no decorrer da história da humanidade, poderá se tornar uma prisão à liberdade e ao crescimento do espírito. Tais regras podem ter sido responsáveis pelo enviesamento da vida, bem como pelo bloqueio ao crescimento espiritual do ser humano. A religião deve servir para libertar e sua busca deve ser baseada na felicidade e transcendência que proporciona.

As religiões e a constituição da religião pessoal

O mito pessoal recebe sobremaneira a contribuição da religião adotada pelo indivíduo. Via de regra, a religião dos pais, mesmo que não praticada intensamente, influencia no mito pessoal. Preceitos, regras, normas de conduta e crenças a respeito da vida e de Deus podem determinar o caminhar de uma pessoa. A forma como vive, como também seu destino, recebem a marca de suas crenças adquiridas na infância, bem como aquelas adotadas na vida adulta.

As religiões oferecem princípios, extraídos de antigos códigos de conduta, da percepção dos indivíduos a respeito do destino humano e, principalmente, de experiências singulares com o sagrado. Tais princípios regulam a vida religiosa das pessoas e, intuitivamente, existem como uma contingência psíquica arquetípica. São percepções que tentam traduzir o que pode ser compreendido pelo ser humano, do que seja a vida em sua totalidade e do que significam o Universo e a existência humana.

Trazem uma pálida idéia do “Plano de Deus”, para que o ser humano o realize. Por detrás das palavras e de sua compreensão coletiva existem significados ainda inacessíveis à leitura comum. Há sempre algo oculto, mesmo que se diga ter encontrado a *verdade*. Faltam sentidos ao psiquismo humano para a compreensão do Plano.

Religiões foram criadas por homens, havendo, portanto, um caráter masculino, paterno e normativo nas mesmas. Tal caráter introduz nos códigos religiosos contenções e limites, ao mesmo tempo em que conduz à percepção do sagrado e do divino. As religiões apresentam conteúdos sob a forma de ensinamentos que denunciam uma certa necessidade de limites para a alma humana. São necessários, porém não são códigos que devam ser seguidos eternamente. Aquele que adquiriu as noções de ética, responsabilidade pessoal, bem como a autoconsciência de Deus, deve ir em busca do que transcende ao código e ao dogma, pois estes encobrem aspectos mais profundos e fundamentais ao progresso do espírito.

O dogma religioso, embora possa estagnar a mente humana num conceito fixo e determinístico, aponta para algo desconhecido, cujo significado profundo e complexo determinou sua constituição. Os dogmas fazem parte das religiões, sem os quais estas não sobrevivem. Mesmo que sejam desvendados, outros surgem para manutenção da busca contínua do ser humano por aquilo que o criou.

Não se trata de abandonar a religião adotada, nem renegar ou apostasiar seus princípios. A adoção de uma religião pessoal requer maturidade e consciência de que se seguirá sozinho no caminho obscuro e solitário, do encontro com o sagrado em si mesmo. Deve-se adquirir a consciência de que será um caminho solitário sem uma religião formal. A constituição da religião pessoal deverá dar sentido à nova solidão. A religião formal tem sua utilidade até que haja a segurança necessária para que o caminhar pessoal seja maduro e compreensivo do papel das antigas crenças antes adotadas.

Para descartar uma fé é preciso ter outra, tão robusta quanto a primeira. A próxima fé deve ultrapassar os dogmas da anterior, a fim de que a *psiquê* avance em direção à auto-iluminação. O ateísmo ocorrido após a adoção de uma fé só ocorre por conta de uma grande e forte decepção traumática. Sua cura só se dará por uma nova fé.

A religião instituída não deve impedir o caminhar, mas contribuir para que o caminho seja trilhado com segurança. Torna-se importante instrumento para a pessoa que ainda não adquiriu a consciência de sua condição de autodeterminação. Sem ela, a *psiquê* procurará algo no qual se ancore, em face da necessidade interna de se auto-regular. Neste sentido, Deus é também uma necessidade psíquica, condição necessária ao equilíbrio interno da *psiquê*.

A função religiosa preserva o equilíbrio psíquico do ser humano pelas âncoras que oferece. Medos arquetípicos, angústias e sensação de incompletude são aliviados pela atualização da função religiosa da *psiquê*. Essa atualização é feita através do ritual e da simbolização dos conteúdos psíquicos no mundo externo. A realização, através de rituais ou não, dos preceitos religiosos adotados, contribui para o alívio da tensão provocada pelos embates do mundo.

Não se pode falar em religião sem associar com simbolismo, representação e imaginação. Mesmo nas religiões nascidas após o racionalismo cartesiano, podemos encontrar um forte conteúdo simbólico. Até mesmo na literatura espírita, cuja doutrina alia a fé à razão, encontramos noções de vida espiritual ainda carregadas de imaginação e apartadas do viver material. Os conteúdos psíquicos conectados ao sagrado são representados na consciência através de símbolos religiosos. O simbolismo e a representação são os formatos possíveis da percepção do sagrado e do divino no ser humano. Sua racionalização e explicações científicas não esgotam o significado oculto que encerram.

As chamadas “verdades religiosas”, que surgem como dogmas ou não, promovem um impacto negativo no conhecimento em geral. O impacto das “verdades religiosas” sobre o saber humano tende a cristalizá-lo, promovendo o surgimento de reformas ansiosamente aguardadas. Assim atestam os movimentos reformistas e as oposições existentes no seio de toda religião.

As religiões não conseguem deter o ímpeto evolutivo do espírito, por mais que se configurem dogmáticas. Tal ímpeto deve ser acolhido pelo ser humano, sem castrá-lo, sob pena de estagnar por muito tempo na senda evolutiva. Por outro lado, sua realização requer consciência de propósitos, visando a felicidade pessoal e coletiva. O desejo de conexão física e o anseio pela conexão espiritual, muitas vezes, se mostram opostos e precisam ser conciliados. A polarização de um deles, em detrimento do outro, significa atrofia psíquica, com graves prejuízos ao indivíduo. O ímpeto do espírito é um *élan vital* que o impulsiona para além de si mesmo, ao encontro de sua íntima natureza, essencial e divina.

A consciência e utilização constantes desse ímpeto reduzem significativamente o medo arquetípico e pueril, existente em cada pessoa. Isso se traduz na confiança em si mesmo e na certeza de que, no Plano de Deus, consta a autodeterminação humana. Jung afirma⁹ que “*A doutrina que ensina que o indivíduo depende de Deus representa uma exigência tão grande sobre ele quanto a do mundo. Pode até acontecer que o homem acate essa exigência de maneira tão absoluta a ponto de se alienar do mundo da mesma forma que o indivíduo se aliena de si mesmo quanto sucumbe à mentalidade coletiva.*” Portanto, devemos buscar uma concepção a respeito de Deus e do destino humano que contemple uma relação menos alienante.

A manutenção do domínio do ser humano pela religião, enclausurando-o como devoto e adepto eterno, sem contribuir para libertá-lo, visando a constituição de sua religião pessoal, impede sua verdadeira ascensão espiritual. A libertação das prisões psíquicas e do medo arquetípico, bem como a redenção humana, passam pela construção da religião pessoal.

⁹ Obras Completas, Vol. X, par. 507.

Um dos entraves, observados na história da humanidade, para que a religião viesse a favorecer tal libertação, de forma consciente e transparente, foi sua excessiva relação com o Estado, e conseqüentemente com o poder. Essa relação decorre do fato de que ambos os poderes, Igreja e Estado, oferecem a mesma sensação de segurança, fazendo os adeptos das religiões transferirem exigências, de um para outro, com relativa facilidade. Religião e poder são opostos que precisam de conciliação. É meta da religião libertar o ser humano das amarras do egoísmo, do orgulho e da materialidade escravizante. Porém mesmo ensinando as coisas do espírito, a religião também deve contribuir para que o indivíduo se adapte adequadamente à vida material, exercendo, assim, a função psíquica geralmente atribuída ao Estado, e aproximando os opostos citados.

Todo ser humano anseia por uma conexão *numinosa*, pois há um desejo arquetípico, inato, de viver uma experiência religiosa. A imagem da iluminação pessoal, em perfeita comunhão com o Criador, pertence a todas as mitologias existentes. A experiência religiosa é uma das antecipações mitológicas do que o ser humano anseia por viver. Sua necessidade e vontade de conectar-se ao divino constituem-se ansiedades eternas.

O *arquétipo* do significado será constantemente atualizado pela experiência *numinosa* e religiosa do ser humano. Ele representa a persistente busca que todo ser humano enceta em encontrar o significado e o sentido da vida. A angústia de não encontrá-lo deve ser compreendida como algo inalcançável à consciência, já que se trata de um *arquétipo*, algo inacessível em sua essência. O *arquétipo* é uma virtualidade sempre atuante no psiquismo e um poderoso direcionador da vida e do destino humano.

Paradigmas simples de uma religião pessoal

1. Concepção própria de Deus, extraída da idéia de Deus como Inteligência Suprema, Causa Primária de

todas as coisas. A conseqüência dessa concepção é a demitologização da natureza de Deus, ou seja, desmitificação, na tentativa de alcançar uma compreensão mais objetiva. Isso também significa transcender as qualidades que lhe são atribuídas; qualidades evidentemente humanas, que devem ser tomadas como provisórias. É não aceitar qualquer tipo de atributo divino que implique numa alienação do humano. Para construir uma concepção própria sobre Deus é preciso senti-Lo em si mesmo, percebendo-se como sendo Ele se realizando. Mesmo sendo uma característica do humano, considero a amizade um tipo de relação adequado para se ter com Deus. Proponho sempre às pessoas que, em suas súplicas e exortações a Deus, considerem como se estivessem conversando com um amigo que se ama, sendo por ele amado. Desta forma, haverá uma tendência a se anular a influência psicológica de um Deus super-poderoso, onipotente e onisciente.

2. Construção da imagem de um ser ideal para servir de guia e modelo a si próprio, até o encontro com o Si-Mesmo. Este paradigma significa a idealização do melhor do ser humano, projetado numa figura idealizada, para ser útil como exemplo pessoal. Tal figura deve ser constantemente atualizada na proporção em que se conquista e integra os atributos anteriormente projetados. Deve-se buscar alguém que realizou suas melhores qualidades individuais e coletivas na sociedade. São comuns as figuras de Jesus, Buda, dentre outros, que servem de modelos iniciais do processo de construção da religião pessoal. À medida que se integra as qualidades antes projetadas nas figuras míticas adotadas, realiza-se a idealização referida. Aconselho às pessoas que, enquanto isso não se realiza, sendo cristãs, sigam a Jesus.

3. Constituição de um lema pessoal, norteador da própria vida. Enquanto não se encontra o sentido da vida,

deve-se buscar simbolizá-lo numa palavra ou frase que sirva de motivo impulsionador pessoal. Tal palavra ou frase deve conter o máximo possível da filosofia de vida da pessoa. Geralmente as religiões oferecem máximas morais coletivas que, depois de seguidas, proporcionam o surgimento da máxima pessoal. Esse item significa a constituição de uma ética própria, que contemple o melhor da ética humana e ao mesmo tempo suplante os equívocos da ética social. Tal ética própria deve conter um conjunto de princípios que leve o indivíduo a práticas cotidianas em consonância com sua filosofia de vida. Particularmente utilizo a seguinte frase, norteadora de minha vida e alentadora nos momentos difíceis: “sou uma individualidade imortal e eterna, nada pode destruir-me”. Como prática cotidiana, procuro sempre fazer aos outros o que desejo que façam a mim mesmo.

4. Estabelecimento de um meio para se comunicar eficazmente com Deus. Esta preocupação evidencia a necessidade de se ter uma atitude assertiva na relação com Deus, abdicando da postura costumeiramente petitoria ou bajulatória. A adoração a Deus deixa de ser um ato externo de reverência passiva para se tornar uma atitude de ação em favor da obra divina. Adorar a Deus é ser-lhe útil em seu Plano. Trabalhar na obra de Deus é resolver-se como pessoa, em todos os sentidos, bem como atuar decisivamente na melhoria da sociedade em que se vive. É fundamental também entender que adorar a Deus é um ritual de atualização do mito de que Ele “necessita” ser reverenciado. O mais importante é ter a consciência de que se deve buscar a própria transformação, pois, quando alcançada, terá acontecido o Reino dos Céus, pregado por Jesus.

5. Definir qual é a utilidade prática de sua religião pessoal. A constituição de uma religião pessoal deve levar

o indivíduo ao máximo de si mesmo e ao que intimamente aspira. Ela deve levá-lo à felicidade como o bem maior desejado pelo ser humano. Nenhuma religião pessoal deve provocar infelicidade, desunião ou retrocesso na vida. Ela deve ser sempre atualizada em consonância com a evolução pessoal e coletiva. Ao invés de entrar numa religião, deve-se permitir que a religião entre em seu mundo íntimo. Isso se resume à constante atitude de inserir a espiritualidade na própria vida.

Há certa tendência de se recorrer a uma religião quando se enfrenta desafios difíceis, praticando-a como pronto-socorro, para solucionar as turbulências da vida. Reduz-se a simples remédio, o que deveria ser consumido como o ar que se respira. Religião deve ser útil, não apenas para aqueles momentos árduos da vida, mas para alimentar a alma com o combustível do sentimento íntimo de Deus.

A adoção de uma religião pessoal não significa pregar a anarquia religiosa. As religiões atuais, mesmo que conservadoras, atendem à segurança psíquica de significativas massas humanas, pois também trazem, em seu aparato simbólico, elementos representativos das ansiedades internas ligadas ao sagrado. Porém, elas só permanecerão enquanto o ser humano for adotando, individualmente sua religião pessoal. Não é sem sacrifício que se adota uma religião pessoal. Ela é de difícil concepção, pois interfere em todos os sistemas psíquicos criados pela evolução pessoal, os quais têm garantido a integridade do *ego* ao longo da existência. Para continuar se sentindo seguro e confiante na vida, o indivíduo se demora a constituí-la, temendo perder-se no labirinto de seus próprios pensamentos e idéias. O preço cobrado pela façanha de ameaçar a divindade por ele próprio construída internamente é muito alto. A culpa é muito grande e deve ser aliviada com uma compensação social. O indivíduo se

sente na obrigação de construir algo que contemple a sociedade na qual ele se insere. Pode-se entender melhor isso na seguinte parábola¹⁰ de Jesus que fala sobre o tesouro no campo:

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem, e compra aquele campo.

O reino dos céus é um estado de espírito no qual o ser humano se encontra pleno, em harmonia consigo mesmo e com o meio em que vive. Neste estado, a relação com Deus é de máxima intimidade e há a realização do próprio destino, divinamente construído. Aquele tesouro é sua própria libertação do jugo de um Deus punitivo e excessivamente poderoso para sua vida. Tal tesouro é um contraponto ao sofrimento e ao sacrifício de viver. Ele deverá utilizá-lo também em benefício da sociedade.

A constituição de uma religião pessoal é algo singular, que interferirá no mito pessoal e no destino humano. A consciência de uma religião pessoal também se presta à correção dos rumos da vida, pois coloca o indivíduo em contato com sua íntima essência. Com ela, culpas, medos e anseios reprimidos são trabalhados e resolvidos.

Na mente humana, de forma indelével e determinante, existe uma marca divina que a conduz sempre a realizar um impulso religioso, qual se fosse um instinto. Por causa dessa marca, as religiões foram criadas, mantendo acesa a chama do sagrado. Essa marca tem sido responsável, ao longo da evolução humana, pelas mais variadas manifestações do sagrado e representações da divindade. Ela forjou a existência dos adjetivos dirigidos a Deus. Qualidades e poderes atribuídos a Deus vieram desse

¹⁰ Mateus 13:44.

instinto religioso na mente humana. Com o auxílio de sua representação no psiquismo sob a forma de Deus, o ser humano O tem buscado externamente. Cada vez que tenta se aproximar de Deus, ele, ser humano, se depara consigo mesmo. Sua busca, inevitavelmente, o levará ao encontro do *Si-Mesmo*, isto é, de sua máxima individualidade. É quando encontrar-se definitivamente consigo mesmo que estará capacitado a compreender a natureza íntima de Deus. Isso passa pela “desumanização” de Deus, o que se dá através da constituição da religião pessoal.

Primeiro, o ser humano acredita num deus por ele constituído com o auxílio de uma religião; depois, e gradativamente, ele vai constituindo sua religião pessoal; em seguida, encontra-se consigo mesmo na identificação com o *Si-Mesmo*; por último, alcançará a integração em si mesmo com a Divindade. Esse é um processo que dura longo tempo, isto é, muitas encarnações. Quanto mais evoluído o espírito, mais complexo é o processo de ascensão espiritual, dadas as múltiplas possibilidades de construção da religião pessoal.

A religião pessoal deve levar o indivíduo ao amor maduro para com seu semelhante e ao encontro de Deus em si mesmo.

O Espiritismo e o sentido da vida

O Espiritismo não é apenas uma religião instituída. As informações contidas na doutrina que constitui seu arcabouço teórico são profundas e suas implicações alteram significativamente o modo de viver humano. É uma religião de autotransformação, exigindo constante reflexão e responsabilidade pessoal pelo próprio destino. A visibilidade da vida espiritual mostrada pelo Espiritismo possibilita uma ampliação imensa do sentido e do significado da vida. Tudo passa a ser compreendido numa perspectiva diferente e a partir de paradigmas novos.

Parece salutar uma religião que, além de consolar, apresente uma proposta de vida que contemple o máximo possível ao ser humano, em termos de satisfação íntima. Não parece coerente uma doutrina religiosa que leve a pessoa a se tornar escravo de conceitos ou de alguém. Tal doutrina deve ser compreensiva em relação às demais, que visam o mesmo objetivo, mesmo que não proporcionem uma visão da totalidade da Vida. Esta doutrina deve incluir tudo que concorra para o equilíbrio e a adaptação do ser humano à coletividade na qual está imerso. Neste sentido, o Espiritismo deve se revestir de propostas transformadoras do ser humano sem lhe tolher a felicidade na Terra. Tornar-se espírita, além de integrar a consciência da imortalidade pessoal, deve levar o indivíduo a perseguir o estado íntimo de felicidade.

Não há como encarar a vida da mesma maneira quando se conhece os princípios espíritas. É como passar a saber que, depois das águas de um rio, existe outra margem, antes desconhecida, negada e inalcançável. As revelações espíritas não prometem ao ser vivente sobre a Terra um futuro melhor ou o prêmio e o castigo após a morte, mas apontam para a continuidade da experiência do existir.

A doutrinação espírita não é uma conversão para atrair adeptos, mas esclarecimento para que a vida do indivíduo siga seu curso de forma mais ampla e plena. A proposta do Espiritismo contempla a percepção de que não há descontinuidade entre a vida material e a espiritual. Com o conhecimento espírita, a pessoa passa a perceber a continuidade de seu passado no presente e a influência deste no futuro, que transcende a vida atual. Aderir ao Espiritismo não é apenas estabelecer uma frequência semanal de participação numa ou mais atividades de um Centro Espírita, tampouco tornar-se conhecedor de seus postulados. A adesão oportuna é aquela na qual o indivíduo incorpora ao seu repertório psíquico e comportamental os paradigmas propostos pelo Espiritismo.

A prática espírita, no campo do exercício da mediunidade, contribui para o aprimoramento das faculdades psíquicas do indivíduo, ampliando seus potenciais anímicos. Muito além de seu aprimoramento moral, tal prática aperfeiçoa seu psiquismo, tornando-o mais apto a atividades que exigem memória, concentração, percepção subjetiva e inteligência emocional.

É fundamental que o novo adepto do Espiritismo desenvolva seu senso crítico em relação ao que vai aprender. As idéias e conceitos do Espiritismo, muito embora venham de uma mesma origem (Allan Kardec) são compreendidas e vivenciadas de maneiras distintas. Não há unanimidade na prática espírita, tampouco no entendimento da realidade após a morte. O objetivo geral daqueles que praticam o Espiritismo é levar o ser humano à trans-

formação moral e ao seu aperfeiçoamento evolutivo. Médiuns e expositores trazem aspectos diversos em relação ao espiritual, nem sempre apresentando uma unidade nas imagens que evocam e que transferem aos seus leitores e ouvintes. É prudente seguir o conselho de Allan Kardec quando estabeleceu a universalidade de ensino dos espíritos. Algo difícil de ser posto em prática e pouco seguido. Ele propunha adeptos esclarecidos e isso só se obtém com estudo, contextualização e senso crítico.

O sentido da vida que o ser possui quando encarnado não difere do que ele deve ter após o desencarne. A mudança de estado é apenas circunstancial, só diz respeito ao gênero de experiências que viverá, pois os objetivos continuam os mesmos. No corpo ou fora dele, o sentido da vida é o encontro consigo mesmo, naquilo que Deus objetivou, isto é, através do encontro com Ele, o ser humano se encontrará consigo mesmo. Descobrir-se-á a cada dia e em cada experiência vivida.

Ninguém poderá fugir dessa inexorável viagem ao mundo interno, obrigatoriamente passando pela vivência no externo. É essa dialética que deve ser compreendida. Tudo passa pelos dois pólos da vida. Uma vida rica é uma vida produtiva, preenchida de realizações nas diversas dimensões existenciais.

Uma vida espírita preenchida de atividades vinculadas à prática numa instituição espírita não é garantia de uma vida produtiva nem feliz. A militância num determinado campo da vida não significa plenitude, mesmo em se tratando do serviço a favor do próximo. Cuidar do outro requer cuidar de si mesmo, alimentando a própria alma com ricas experiências comuns da vida humana.

As limitações impostas pelos vínculos religiosos devem ser percebidas e avaliadas pelo praticante espírita. A consciência coletiva de um grupo religioso pode ser limitante à criatividade e ao crescimento pessoal. Da mesma forma, submeter-se a líderes carismáticos, que atendem a

anseios coletivos, não atentos à individualidade de cada ser humano, também pode ser um outro fator limitador.

Adotar o Espiritismo como religião não deve significar a obrigatoriedade de uma militância ou de trabalhar num Centro Espírita, mas a aquisição da consciência da realidade espiritual e da condição pessoal de ser um espírito em evolução. Quando uma pessoa se diz espírita, é comum se perguntar qual a instituição que ela frequenta. Isso cria a falsa impressão de que os espíritas vivem e devem estar vinculados a um Centro Espírita.

O Espiritismo contribui para a compreensão do sentido da vida, porém não apenas a parte que se refere à existência corporal, mas aquela que vai desde o surgimento do primeiro ser humano até onde nossa inteligência permite alcançar. O sentido da vida de um indivíduo não está desvinculado do propósito global de Deus. Tudo está conectado a tudo, num grande concerto universal.

Há lacunas que aparecem quando questionamos a existência, depois de não encontrar respostas precisas; elas decorrem de nossa ignorância, bem como dos sistemas adotados para a compreensão do divino. Ir mais além, englobando a realidade espiritual, diminuirá essas lacunas, provocando mais questionamentos, sem a ansiedade característica dos iniciantes.

O Espiritismo, ao apresentar a vida espiritual e a individualidade do espírito após a morte, descortinando os horizontes antes limitados, diminui fronteiras, aproxima as pessoas, elimina discriminações e conecta o ser humano ao que existe de mais sagrado dentro dele mesmo.

O medo que muitas pessoas têm do contato com o espiritual, pela mediunidade, decorre da própria ignorância, bem como das experiências ligadas à morte em vidas passadas. Porém, o medo que o espírito sente antes de reencarnar é bem maior do que aquele sentido quando está para retornar ao mundo dos espíritos desencarnados. As incertezas são muitas e as separações levam à insegurança.

Nem sempre o reencarnante tem a certeza de que reencontrará pessoas com as quais está acostumada a conviver do outro lado da vida. Mesmo sabendo que elas o acompanharão, não se sente seguro quanto à possibilidade do reencontro.

A mediunidade, a reencarnação, a imortalidade pessoal, a moral cristã e a evolução infinita são temas do Espiritismo que, quando internalizados, promovem alterações na vida de qualquer pessoa. Quando não ocorrem transformações na atual encarnação pelo contato intenso com fenômenos a eles ligados, é sinal de que, na próxima, haverá grandes mudanças na personalidade.

O Espiritismo não é apenas aquilo que se pratica num Centro Espírita. Seus ensinamentos promovem, quando apreendidos de forma séria e madura, um novo olhar do indivíduo a respeito de si mesmo, do mundo e da Vida. Isso não significa uma alienação da vida material, mas um melhor aproveitamento das experiências nela vividas.

A vida, com o olhar promovido pela integração dos conteúdos da Doutrina Espírita, torna-se mais suave, mais amena e, de alguma forma, mais leve. A vida no corpo deixa de ser penosa experiência para aqueles que sofrem, para se tornar um breve período de aprendizado. Isso não decorre da aceitação simples de dogmas ou da crença de que suas boas ações serão premiadas no Além, mas pela consciência plena da responsabilidade pessoal pelo próprio destino, inserida no conhecimento espírita.

Uma vida plena, com trabalho, lazer, dedicação à família, respeito aos mais velhos, cuidados com o meio ambiente, participação política, prosperidade material, conhecimento intelectual, compaixão para com o outro, alegria, dentre outras características pertinentes à vida sadia, correspondem aos objetivos da vida humana, segundo o Espiritismo.

Eliminar o medo do futuro e do desconhecido, tornar a pessoa autoconsciente de sua determinação divina,

promover a paz interior, viver de forma alegre e saudável, são propostas do Espiritismo que, quando bem compreendido, favorecem a plenitude no viver.

Ser espírita não significa apenas adotar uma postura cordata diante da vida, acomodando-se a pequenas conquistas, muito embora importantes, no campo da educação doméstica. A insatisfação quanto à injustiça, a ignorância e a miséria humanas devem permanecer na consciência de todos que adentrem o Espiritismo. O processo de transformação assinalado pelo Espiritismo como fundamental a todo espírita, inclui, além de seu próprio mundo interno, sua participação na construção de uma sociedade mais equilibrada e harmônica. Não basta ele sozinho se transformar interiormente, sem uma efetiva participação nas mudanças que a sociedade requer. Sua consciência de cidadão, pertencente ao mundo, deve alertá-lo quanto ao seu papel social. Uma religião que aliene o ser humano de seu mundo, excluindo-o de sua efetiva participação nas transformações necessárias, contribui para sua sonegação da solidariedade.

O espírita é alguém lúcido, consciente de suas responsabilidades e agente permanente da melhoria do meio em que vive, tanto quanto de si mesmo. Sua luta é a favor da paz, do esclarecimento e da iluminação das pessoas à sua volta, como parte do processo em que ele próprio se transforma.

Sua compreensão a respeito do sentido e significado da vida, considerando sua estadia no corpo como passagem temporária, se amplia, tornando-o responsável indireto pelo destino pessoal e coletivo.

A crise do Século XXI

Vivemos um período morno da humanidade. Sem Guerra Fria, sem vilões impunes ou ditadores fascistas, sem o nazismo ou *ismos* insanos, salvo o terrorismo atual. Este último, muito embora abominável, não tem proporções mundiais, pois tem se revelado como resultante de atitudes primitivas de governos hegemônicos contra minorias radicais e inconstantes. A juventude se encontra quase perdida, principalmente por causa das drogas, por falta de algo contra o qual protestar. Tem se limitado a discursos menores, evocando causas próprias. Os intelectuais não mais escrevem contra o sistema, talvez por terem sido engolidos por ele, e agora buscam apenas um lugar ao sol. A chamada “esquerda” tornou-se direita, sem alternativas viáveis para os graves problemas mundiais.

Os desafios têm aparecido no formato de doenças que exigem soluções complexas e difíceis, e na fome mundial, que impede o desenvolvimento do espírito encarnado em várias partes do planeta. Em meio a esses problemas, a superpopulação agrava cada conflito humano, dificultando as possibilidades de solução. Outros desafios de médio e longo prazo também têm se mostrado à ciência, exigindo soluções urgentes.

Muito provavelmente os governos detentores de poder e prestígio mundial irão perceber que o vilão não mora ao lado. Não é ninguém em quem devam jogar bombas ou impedir acesso ao comércio mundial. Eles percebem,

e também toda a humanidade, que o vilão maior é algo subjetivo, escondido por detrás das ameaças políticas e ditatoriais. Tal vilão se revela sob quatro aspectos: a fome, o analfabetismo, o egoísmo e a ignorância espiritual.

A fome no mundo é algo assustador, não só por causar a morte de milhões de pessoas, como também por impedir ou dificultar o espírito de dar continuidade a uma existência que poderia lhe ser muito útil e rica em experiências. A degradação a que se submete o espírito por falta de comida o impossibilita da assimilação de qualquer ensinamento moral que faculte sua transformação e conseqüente desenvolvimento. A necessidade de se alimentar é o instinto mais primário do ser humano, motivo pelo qual deve ser satisfeito antes de qualquer outro. Erradicar a fome deve ser um dos desafios deste século, muito mais do que foi nos anteriores. Não há espiritualização possível sem necessidades básicas satisfeitas. No âmbito coletivo e político, o aumento de oferta de alimentos é a saída, ao lado da retirada dos subsídios agrícolas aos produtores dos países ricos. A tecnologia deve ser colocada a serviço da ampliação dos processos produtivos em grande escala. No âmbito pessoal, atitudes podem ser tomadas em contribuição à redução do problema. Tais atitudes podem ir desde a redução no consumo, diminuindo os excessos na alimentação, inclusive nos gastos com a água, até a doação de alimentos a organismos internacionais que cuidam do problema. Nos países ditos desenvolvidos, ainda são cometidos excessos na ingestão de alimentos ricos em proteínas, promovendo a obesidade doentia.

Mesmo que se considere tratar-se de espíritos que porventura estejam nas primeiras encarnações humanas, isso não é motivo para manter o estado de miséria e a alta taxa de mortalidade em países que vivem com a maioria da população abaixo da linha de pobreza. Seria justo que as indústrias de alimentos do mundo se unissem para estudar o problema da fome e, junto com instituições

financeiras, encontrassem meios de resolver a questão. Ainda persiste a agricultura para exportação, prejudicando as populações locais. O objetivo é ampliar divisas em detrimento da alimentação regional. Organismos multilaterais, isto é, que visam interesses de vários países, também deveriam aliar-se, numa verdadeira força tarefa, para o encontro de soluções plausíveis. A fome não satisfeita promove a miséria espiritual.

Outro grave problema mundial é o analfabetismo, face perversa da falta de escolas e de investimentos, cada vez mais minguados, em educação. A ênfase do mundo é no comércio de produtos, porém sem a globalização de serviços e de oportunidades. Os países querem vender uns aos outros, mesmo que isso custe o desmatamento, a poluição e a miséria para quem produz ou consome. O motivo da globalização ainda é o mercado de *commodities*. O interesse despendido de certos países ricos pelos pobres, quando ocorre, ainda é paternalista. A educação do ser humano, com o intuito de torná-lo consciente de si e do mundo que o cerca, ainda é limitado. Faltam escolas, professores e interesse efetivo para erradicar o analfabetismo e, ir além dele, na tentativa de educar a alma para a cidadania. Os investimentos em educação são poucos e a valorização da atividade de educar tem sido cada vez menor. Há pessoas no mundo que não têm a mínima noção de cidadania, tampouco de seus direitos e deveres. Vivem porque nasceram e se encontram sem objetivos ou motivos para dar continuidade a suas existências. Grandes escolas e universidades dos países ricos deveriam se incomodar com a carência de investimentos em educação nos países pobres. Bancos fomentadores e financiadores de governos dos países pobres deveriam estimular investimentos em educação, praticando juros mais baixos, bem como dividindo seus lucros na forma de repasse a fundo perdido. No mínimo deveriam condicionar a contrapartida de empréstimos a investimentos em educação.

Porém há um outro mal, quase invisível, disfarçado de previdência, que traz grandes prejuízos ao ser humano, portanto, à humanidade: o egoísmo. Este é um mal, cuja causa é a própria ignorância do espírito. Não se pode culpar os governos nem instituições, pois se trata do nível de evolução da população do planeta. O querer ter a qualquer custo, a propriedade privada, os grandes latifúndios em mãos de “senhores feudais”, a ambição desmedida, bem como outras formas de desigualdades sociais são conseqüências do egoísmo que ainda impera na humanidade. Em contrapartida, a globalização, independente de seu aspecto comercial, também aproximará as culturas e favorecerá uma compreensão ampla dos diversos valores em voga. O fenômeno da ressonância fará propagar idéias, antes restritas a grupos e guetos. O mundo se unirá em torno de ideais válidos para todos. Países que antes se dedicavam à dominação, verão, em suas próprias entranhas, seus próprios filhos a clamarem por igualdade social, de deveres e direitos. O egoísmo terá de ceder diante da avalanche da justiça para todos. Em breve tempo, o mundo compreenderá melhor o significado da parábola dos trabalhadores da última hora, constante no evangelho de Mateus, capítulo XX, versículos 1 a 16. Ali consta que todos terão direito ao mesmo salário, independentemente da hora em que começaram a trabalhar. O ser humano se defrontará com seu próprio egoísmo e terá de lutar contra esse enorme “dragão” que o domina desde muito. É também seu egoísmo que enviesa sua vida, direcionando-a para o acúmulo de bens e para o poder sem limites.

Por último, a ignorância espiritual firmada sobre o materialismo também disfarçado em luta pela sobrevivência. O ser humano ainda luta para se manter sobre a Terra, porém não percebe que, mesmo conseguida certa estabilidade, ele continua a querer mais para se prevenir contra possíveis faltas futuras. Acumula, não mais para sobreviver, mas para ter e prosperar mais. Um dia

perceberá que nada é de sua propriedade e que as coisas na Terra pertencem ao Universo, sendo ele apenas um dos muitos usuários e administradores.

Combater a ignorância espiritual é um dos objetivos do Espiritismo, não apenas apresentando-se como mais uma religião, mas, principalmente, descortinando a vida após a morte e demonstrando ao ser humano que ele é um espírito imortal. A tarefa dessa doutrina é imensa, muito embora nas mãos frágeis de poucos idealistas. Independentemente do trabalho de valorosos espíritos encarnados e desencarnados, a humanidade tem crescido espiritualmente, graças ao imperceptível trabalho divino. Mesmo que aqueles que se dedicam à tarefa de divulgar o Espiritismo no mundo não alcancem êxito, a humanidade continuará se desenvolvendo espiritualmente, pois cada pessoa que se transforma contribui para a melhoria do coletivo.

Muitos indivíduos se encontram desorientados, por causa da ausência dos grandes desafios externos que impulsionaram seus pais em décadas anteriores. Ainda estão olhando para o passado e se frustram por não encontrarem atualmente os mesmos desafios. Cada geração tem seus próprios “dragões” para matar. Os novos desafios são mais internos do que externos. As novas gerações estão carentes de significados e sentidos para as muitas experiências pertinentes ao viver. Diferentes profissões surgem num piscar de olhos para atender demandas de serviços que simplificam a vida humana em suas várias dimensões. O significado da vida é cada vez mais exigido por aqueles que melhor compreendem o que se passa a sua volta. O surgimento e a proliferação de organizações filantrópicas e não governamentais atestam mudanças paradigmáticas na consciência coletiva humana. Fazer algo pelos outros, que necessitam e que fazem parte da mesma sociedade, parece ter se tornado algo valioso e fundamental.

O grande desafio e, talvez o maior deles, é o encontro de um sentido para a vida, conseqüentemente do entendimento de seu significado.



No seio de Deus

Viver é uma doce experiência *imaginada* por Deus. Parece-me que Ele sempre nos deixa em dúvida quanto ao certo ou errado, mas nos aponta, em princípio, um caminho que esteja mais próximo de Sua presença. Ter sido *imaginado* por Deus me dá a sensação de obra em construção, sentindo-me também construtor. Isso se assemelha, penso eu, ao filho, já adulto, ao lado da mãe, lembrando-se de que um dia esteve dentro dela e em seus pensamentos e sentimentos íntimos. Quando escrevia estas palavras, tomava consciência de que já havia mudado minha relação com Deus. Não mais O colocava como pai, mas sim como mãe. Deus é mãe. Sou filho de seu *colo materno*.

Alegra-me saber que Ele *pensou* em mim. Meus pensamentos me levam ao *pensar* de Deus. É como se, em certos momentos, pensássemos juntos, numa cumplicidade mágica, visando interesses comuns. Quando me vejo singular, diante da pluralidade humana, tento penetrar na idéia norteadora que plasmou minha essência. Que diretrizes e parâmetros foram utilizados para a constituição do meu mais íntimo ser? Talvez Ele quisesse mostrar uma de suas múltiplas *faces*, através do meu ser. Creio que Ele me fez como uma imagem de seu ser criativo e belo. Não apenas apresentando a beleza das formas, mas, principalmente, aquela que evoca o êxtase dos que alcançam o divino.

Sinto-me viajando em Seu *pensamento*. Muitas vezes, parece-me que estou numa grande viagem, em movimento

perpétuo. Sinto-me numa dinâmica existencial sem fim, cujo impulso inicial deriva do *desejo* de Deus. Aquele movimento se assemelha ao surfar numa grande onda, que nunca arrebenta, mas que chega suavemente à praia. A brisa sopra suavemente, enquanto deslizo por sobre as águas límpidas e energizantes. A direção que tomo é um misto do meu desejo e do sentido que a própria onda tem, porém é sempre para a terra firme. Nessa viagem, tento penetrar nas idéias norteadoras do existir, pertencentes à *inteligência* divina.

Sou fruto de Sua *magnanimidade*. Sinto que a *bondade* divina é uma pálida representação de Seu *desejo*. Ser bom, generoso, caridoso e desprendido em relação aos bens materiais nos aproxima da qualidade *magnânima* de Deus. Portanto, nos tornamos próximos e semelhantes ao Criador da vida. Adotar a generosidade na vida, significa agir como Deus. É, talvez, a mais alta qualidade que o ser humano pode adquirir, pois com ela, toma consciência de sua impermanência e das coisas à sua volta. Ser caridoso não é apenas dar esmolas ou ajudar alguém. É sentir-se Deus no ato de elevar o outro à sua dignidade.

Persigo objetivos por Ele *preconizados*. Vivo em busca da percepção de Seus objetivos, cada vez mais compreensíveis a mim. Destituindo-me de raciocínios preconcebidos e de sentimentos arcaicos atrelados à submissão e ao poder, penetro nos intrincados caminhos oferecidos pela divindade, chegando à minha própria essência. A cada fase de minha vida, na qual apreendo o significado das leis de Deus, sinto que Ele me autoriza a estabelecer e a definir normas próprias para minha existência. Parece que o Criador outorgou à criatura, na medida de sua evolução, a capacidade de instituir leis próprias. Gradativamente o ser humano, espírito eterno e imortal, vai se tornando, não só co-criador de seu destino, mas também instituidor das leis que o regem.

Sou parte de Seu *íntimo* Ser. Criador e criatura, casal fronteiriço, unidos desde a concepção, cuja integração é

proposta ao segundo pelo primeiro que o criou. Entusiasma-me a possibilidade de ser parte integrante do *íntimo* de Deus, transmitindo-me a sensação de cumplicidade e conectividade às forças superiores da natureza. Torna-se uma agradável surpresa a percepção gradativa da natureza divina e das possibilidades colocadas à disposição do ser humano para seu próprio crescimento. A descoberta de que as coisas não funcionam como pensava, nem como a consciência coletiva estabelece, foi, para mim, agradável surpresa, causando-me grande regozijo interno. Finalmente percebia que Deus reserva sempre algo melhor do que percebemos que Ele seja. Deus está **sempre** surpreendendo aquele que acredita compreendê-lo.

Encontro-me presentemente em íntima *conexão* com Ele. Sou o que Ele quis. Estando conectado a Deus, colocome no presente, no aqui e agora, em contato com a realidade à minha volta e com as pessoas com quem convivo, vivendo com os implementos oferecidos por Ele e buscando ampliar competências em mim desenvolvidas. Tenho certeza de que sou, até o momento, aquilo que Ele quis que eu fosse e cada vez mais me aproximo do que Ele deseja que eu seja. Tento, na medida de minhas possibilidades e habilidades, tornar-me o que jaz em mim mesmo, como princípio por Ele concebido. Conectado cada vez mais a outras pessoas, que, como eu, buscam sua própria essência, percebo a *face* de Deus no outro que comigo contracena na vida.

A maneira como concebo Deus é fruto de meu estágio evolutivo e daquilo que Ele imprimiu na intimidade de meu ser. Essa intimidade é Sua *morada* e campo a ser exteriorizado pelo Espírito que sou. Sinto Deus em mim quando me vejo projetado em meu próximo, observando suas qualidades e aspectos coletivos existentes. No outro, sem o qual não me percebo, vejo Deus representado. A admirável obra de Deus pode ser encontrada em uma mínima partícula, tanto quanto na mais excelsa figura humana.



adenáuer novaes

No seio de Deus, no qual me encontro, vou percebendo o norte do destino humano, quando observo o meu próprio. Sou partícula de um todo e me movimento dentro dos limites da dinâmica cósmica. Meu mito pessoal passa pelo sentimento íntimo que tenho do Criador de mim mesmo.



Função transcendente e o sentido da vida

Alinhar num mesmo trabalho as idéias e pensamentos de figuras eminentes da história parece ser um desafio impossível. Conciliar, por exemplo, o pensamento de Aristóteles com o de Platão seria impraticável se eles não tivessem pelo menos uma raiz comum. Mesmo contraditórias entre si, duas idéias podem ser encerradas numa terceira que as contenha. Utilizando-me da *função transcendente*, proposta por C. G. Jung, imagino poder encontrar em idéias conflitantes um substrato comum. Talvez, por nascerem do Espírito e perpassarem a *psiquê* humana, encontremos a explicação para tal possibilidade. É a *função transcendente* que proporciona a passagem de conteúdos inconscientes à consciência, através da confrontação dos opostos. Sempre acreditei que idéias radicalmente opostas não são excludentes, mas complementares. A exclusão do oposto implica na admissão da verdade absoluta, que se impõe sobre qualquer outra, o que não deixa de ser um absurdo, do ponto de vista filosófico.

Qual seria o objetivo de abordar tal assunto? O que os opostos que podem ser conciliados têm a ver com o mito pessoal e o destino humano? Não seria melhor deixar as coisas como estão? Não basta uma única opção para não confundir a mente de quem lê? Creio que não, pois não há limites para o aprendizado humano. A percepção

do espiritual e a consciência da imortalidade da alma exigem algo mais complexo para a vida e para o funcionamento do Universo. O ser humano tem se valido de escolhas entre duas opções, fruto da unilateralidade da consciência, para decidir seu destino. Suas escolhas, automaticamente excluem os paradigmas integrantes de opções opostas, por negá-las veementemente. Ele apenas integra o que considera melhor para si, excluindo o que não percebe ou não aceita na opção oposta. Quando ele integrará à sua personalidade aquilo de útil e bom que constitui e faz parte do oposto à sua escolha? Certamente quando tiver coragem de mergulhar bem fundo dentro de si mesmo e entender o que o fez negar os componentes básicos do que rejeitou.

Mesmo em idéias contraditórias poderemos encontrar aspectos conciliadores que estão por detrás do sentido consciente que apresentam. Algumas idéias que não são aceitas, frontalmente opostas àquelas que conscientemente se admite, têm seus postulados plenamente justificados no inconsciente. O que pode ser negado pelo consciente pode ser admitido no inconsciente. Quando uma pessoa afirma algo, o faz baseando-se em conceitos internos que possuam certo grau de coerência. Entender as razões que levam alguém a aceitar algo que se opõe ao que pensamos, possibilita a aquisição de conhecimentos ainda desconhecidos.

A tentativa de encontrar uma conciliação dos opostos visa reduzir a distância entre uma opção e outra na vida, já que é intrínseco à consciência separar, além de oportunizar um melhor aprendizado ao espírito. Isto sempre estará presente à consciência, em face de sua persistente unilateralidade de percepção. A possibilidade de analisar idéias opostas, enxergando-as como válidas, pode fazer a pessoa repensar as próprias. Da mesma forma, agir com empatia nas relações interpessoais nos aproxima realmente das pessoas, pois elas se sentirão compreendidas.

A tentativa de encontrar uma conciliação para idéias opostas não significa pretender deixar o leitor confuso ou sem opção em suas escolhas, tampouco transformá-lo em indeciso ou procrastinador de soluções. Diante de certos temas da vida e em situações de escolhas iminentes, torna-se difícil encontrar algo transcendente. A vida é a arte de fazer escolhas. Na dúvida para escolher uma entre duas opções, não se deve esperar por uma terceira, quando a situação se apresenta urgente.

Não se trata de encontrar uma síntese entre a tese e a antítese, mas superar ambas com uma proposta maior e mais transcendente, sem que signifique uma restrição ao que há de comum entre elas. Os elementos contidos numa proposta contrária à que se postula, certamente fazem parte de um repertório não admitido à consciência de quem a ela se opõe. Aqueles elementos compõem um ou mais paradigmas ainda inacessíveis. Fundamental para quem deseja crescer em todos os sentidos é tentar encontrar tais paradigmas, mesmo que a eles se oponha, por qualquer que seja o motivo.

A radicalização em torno de uma idéia filosófica, ou melhor, a manutenção de uma filosofia de vida estática, que não aproveite princípios daquilo contra o qual se opõe, fatalmente provoca a exposição de experiências para que eles sejam integrados. Toda radicalização contraria a dinâmica da vida, que exige ascensão. Todo ser humano é impulsionado a se movimentar na direção de si mesmo, através das experiências cotidianas. A própria Vida cria experiências e processos a serem vividos, a fim de que o indivíduo adquira tais princípios. Muitas vezes são experiências mal compreendidas e, em alguns casos, desagradáveis e com alto gasto de tempo e energia.

É fundamental que compreendamos a necessidade de, mesmo mantendo a certeza acerca de uma escolha, de uma idéia ou conceito a respeito de algo, entender seus argumentos contrários, buscando neles alguma idéia não

assimilada. Em uma vida no corpo não se pode aprender tudo. Quanto mais busquemos integrar em nós aquilo que nos é desconhecido, mais determinadamente vivemos e melhor nos situamos espiritualmente.

Como exemplo disso cito um fato que se deu com um paciente meu. Ele era um homem de princípios rígidos, cujo comportamento se dava dentro de limites quase militares. Pontual e rigoroso com suas obrigações. Metódico e perfeccionista em seus afazeres, evitava sair da rotina. Casou-se com uma mulher que se moldou à sua personalidade, tornando-se uma verdadeira serviçal. Tiveram três filhos, que cresceram e foram educados de forma rígida, segundo as orientações paternas. Seus filhos se tornaram pessoas sérias e contidas em suas vidas, porém sem quaisquer conseqüências graves para suas personalidades. Meu paciente, quando me procurou, tinha 52 anos e dois de seus filhos já estavam casados. Sua mulher não trabalhava, dedicando-se à vida doméstica. Era evidente que ele desprezava qualquer possibilidade de flexibilizar sua personalidade. Em seu trabalho era um exemplo de profissional correto e dedicado. De poucas falas, de hábitos simples e de caráter reservado. Um dia, o filho que ainda morava com ele teve um acidente jogando futebol com os amigos. Numa queda acidental, teve traumatismo craniano. Levado a um hospital não havia leito de UTI disponível. Os médicos informaram-lhe, recomendando remoção para hospital público. Tal providência foi tomada, sem prejuízo ao filho, que, após atendimento adequado e os cuidados médicos devidos, veio a se recuperar sem seqüelas, alguns dias depois. O incidente, embora grave, não teria grande repercussão em seu mundo íntimo, caso não tivessem lhe ocorrido alguns pensamentos perturbadores. Quando seu filho chegou inconsciente ao primeiro hospital, ele esperava pronto atendimento. Sendo negado, imaginou se não estaria em algum leito alguém que não merecesse ser cuidado tanto quanto seu filho, e que, portanto, devesse

ser retirado para que este ocupasse o lugar. Chegou a pensar se os médicos não deveriam fazer eutanásia em alguém em estado terminal para que seu filho tivesse pronto atendimento e lhe ocupasse o leito.

Durante o período em que seu filho fora atendido até a convalescença e recuperação total, isso não o preocupou. Seus pensamentos e idéias lhe pareciam normais. Seu amor pelo filho justificara seus desejos íntimos. Passado o susto e vendo o filho sadio, percebeu a contradição em que se colocara. Sua rigidez fora quebrada, sua coerência interna havia sofrido uma cisão grave. Adveio a culpa pela injustiça para com seu semelhante. Seu mundo interno estava cindido entre o sentimento e a razão. Por esse motivo, seu *ego* ansiava por uma conciliação. A possível morte do filho e seu dilema interior com os pensamentos que teve o levaram a uma terapia. Sua contradição interna apontava para que aprendesse algo com o ocorrido. Por detrás de sua “injustiça” havia algo a aprender: flexibilizar sua vida e aprender a “ouvir” seu coração.

Em momentos de intensa emoção, na consciência existe uma contradição a ser resolvida. Passado o momento da escolha e independentemente das conseqüências havidas, deve-se refletir sobre a outra, ou outras possibilidades desprezadas. Tal reflexão geralmente é feita para se reafirmar a certeza de se ter escolhido a possibilidade “certa” e para se buscar o que se aprenderia, caso a decisão fosse outra. Na contradição há algo a ser aprendido em todas as possibilidades de escolha. Não é necessário vivê-las uma a uma. Há experiências que não precisam ser vividas para se extrair lições importantes.

Parece que a Vida admite no mínimo duas possibilidades de entendimento a respeito das coisas. A afirmação pura e simples, de que algo é tal coisa, contém a contradição de que pode ser diferente. Todas as coisas podem ser vistas ou expressas de diferentes ângulos. A Vida nos ensina

por caminhos tão obscuros quanto pelas formas mais simples ao entendimento. É preciso estar aberto e disponível à percepção não convencional nas experiências da vida.

Quando ansiamos por entender qual o sentido da vida, levamos nosso pensamento e imaginação àquilo que não é concreto ou que nos tira da materialidade. Tudo leva a crer que há algo de subjetivo ou de espiritual no viver e nos objetivos da existência. Este raciocínio, válido num sentido, exclui o viver material e tudo aquilo que represente o oposto do subjetivo ou do espiritual. O sentido da vida é deslocado para uma das polaridades psíquicas. Não se consegue perceber que o sentido da vida emana exatamente da união de polaridades, quaisquer que sejam. A separatividade da consciência é útil a fim de focarmos escolhas, porém deve ser superada na medida que alcançamos a maturidade do *ego*.

Quando analiso, por exemplo, a vida de Jesus como judeu e um ser humano entre seus pares, comparando-o ao Cristo, símbolo máximo de uma religião, percebo que em ambos devo encontrar significados complementares. O cristão que adota um em detrimento do outro, deixa de aprender importantes lições para sua vida. Em Jesus, como ser humano comum, está a singularidade, no Cristo, pelo fato de ser um Espírito Superior, está a humanidade. Jesus era humano, o Cristo divino. São polaridades que, encontradas num mesmo indivíduo, devem ser conscientizadas e integradas por qualquer ser humano.

Assim também se dá com os conceitos de bem e de mal. Em ambos se pode tirar lições para a vida. Negar o mal e adotar o bem é radicalizar um aspecto da vida. Isso não significa adotar ou agir com o mal, mas necessariamente entender o que existe no mal para que precise ser negado e rejeitado de forma tão radical. Em tudo se deve buscar significados ocultos, pois a Vida parece esconder algo quando se tenta negar a realidade das coisas. Não se deve temer o mal, mas compreendê-lo como uma forma de percepção da realidade.

Um outro exemplo de conflito pessoal, no qual a *função transcendente* deveria ser explorada, é quando uma pessoa ama outra, é feliz ao seu lado, mas deseja trair por algum motivo não tão claro. Mesmo vivendo um relacionamento estável, sente-se atraída por outra pessoa, vindo, por vezes, a se envolver por breve ou longo tempo. Diante de duas escolhas, sendo uma delas a mais lógica e menos sofrida, como transcender à outra, aprendendo? As razões para viver uma, estão na consciência; para experimentar a outra, as razões estão no inconsciente. Simplesmente reprimir ou entregar-se à opção de trair poderia não proporcionar o aprendizado necessário, como também, não removeria aquilo que, no inconsciente, é causador do dilema. A *função transcendente* deverá proporcionar uma saída adequada, vinculada às causas inconscientes. A estimulação da *função* decorre do intenso desejo em encontrar uma saída, sem a pressão da escolha entre as opções antes vislumbradas. Não se trata apenas de decidir entre fazer uma ou outra coisa, mas em mergulhar em si mesmo e intuir uma outra possibilidade. Seria de bom alvitre a execução de uma atividade qualquer, que não seja por fuga, visando abrir possibilidades à manifestação de símbolos a serem proporcionados pela *função transcendente*. No exemplo do desejo de trair podem existir componentes psíquicos inconscientes relacionados à liberdade e à necessidade de transgressão.

Devemos desenvolver o hábito de usar a *função transcendente* nas experiências da vida que nos obrigam à tomada de decisões, evitando radicalizar sem flexibilizar opiniões, conceitos e escolhas. O uso da *função transcendente*, de forma consciente, representa aquisição importante na caminhada do espírito, em direção ao *Si-Mesmo*.

É sempre salutar não eliminar sumariamente os argumentos de uma opinião contrária à nossa. Certamente são úteis para a compreensão do que se encontra oculto à nossa percepção.



Realidade transcendente

Um dia soube dos diferentes e fantásticos formatos dos flocos de neve. Encantei-me ao constatar que apresentam formas geométricas, num caprichoso mosaico bem concebido pela Natureza. Jamais imaginaria que houvesse tanta criatividade num simples floco de neve. Acostumado a observar apenas o formato das grandes coisas e a causalidade dos eventos, não me dava conta de que a Natureza não age aleatoriamente, demonstrando em cada processo a existência de algo transcendente, que permeia tudo. Assim como a beleza e a inteligência existe na matéria, fora dela o espetáculo é muito maior.

Muito embora o fenômeno maravilhoso da vida exista para qualquer um enxergar, é preciso ir mais além para alcançar o que há de transcendente na Natureza. É necessário estar disponível a ela e interiormente aberto para assimilar o que nos tem a oferecer. Continuar com a estreiteza dos raciocínios preconceituosos e com a pressa dos que querem apenas se informar sem sentir, dificultará qualquer nova percepção.

A pobreza de nossos sentidos não permite que enxerguemos as maravilhas da vida material e, principalmente, da espiritual. Toda uma realidade ampla e complexa, imensamente encantadora, além da natureza material que nos cerca e na qual nos inserimos, nos convida a ampliar os sentidos para novas vivências.

Certamente o que nos espera lá adiante, quando não mais estivermos limitados a um corpo material, é muito

mais do que nos afirmam as religiões. A conformidade pode assegurar um destino favorável, porém sem a certeza de êxito. Em geral, ela condiciona e limita a criatividade do espírito.

É confortável saber que vamos atingir a perfeição e que ela é a meta de todos. Mas, o que de fato é a perfeição? Conservamos a imagem de que se trata de um estado em que as virtudes humanas estarão em seu grau máximo. Um grau máximo exige um mínimo para existir. A dialética ainda é a base da lógica da consciência. A alegação da falta de sentidos para a compreensão do significado da perfeição só posterga o mistério, além de inibir a criatividade.

Talvez o destino que nos aguarda lá adiante seja aquele construído por nós, cujas características contêm o que hoje pensamos que seja a perfeição. Além, há mais do que a beatitude dos santos ou a contemplação a Deus.

A consciência é um fenômeno recente na história da evolução humana, portanto sua estrutura ainda se encontra, em certa medida, em formação. O que intuímos a respeito da realidade além da vida corporal ou mesmo do significado da própria existência, é pobre em relação ao que realmente ocorre, cujo sentido profundo ainda nos é desconhecido.

O que se idealiza como realidade após a morte ainda é algo muito parecido ao que se percebe durante a estadia no corpo. Certamente os condicionamentos psíquicos tanto dos médiuns quanto dos espíritos comunicantes ainda não possibilitam uma melhor visibilidade a respeito.

O Universo parece nos querer surpreender com realidades melhores do que o ser humano imagina. O que nos espera, do ponto de vista espacial e estético, após a morte nos surpreenderá pela singularidade existente. É salutar imaginar algo de maravilhoso e fantástico,

Fora do estético e do espacial é inimaginável o que existe para além da racionalidade humana. O que nos aguarda quando alcançarmos níveis de entendimento

superiores a respeito da Vida e do Universo certamente nos surpreenderá. Da mesma forma que o primitivo homem das cavernas jamais imaginaria as maravilhas da tecnologia, a exemplo de um simples e explicável aparelho celular, manuseável até por crianças pré-púberes, o ser humano de hoje não conseguiria conceber o que lhe reserva o futuro.

Dessa forma, aquele mesmo homem primitivo não tinha idéia do porquê das simples coisas que experimentava, nem sabia como se apropriar adequadamente dos recursos que a natureza lhe oferecia. Concebe-se, então, que o ser humano de hoje vive sem se aperceber do significado do existir e não se apropria adequadamente da totalidade do que a própria Vida lhe oferece.

A exemplo disso, a comunicação com os espíritos, sempre tão oportuna e fator de transcendência, é relegada a credice ou como pronto-socorro nem sempre valorizado. Claro que se trata da *simples* comunicação entre duas pessoas que estão em dimensões vibracionais distintas. Além disso, o meio de comunicação é a mente humana, portanto algo fisicamente não convencional. Tal contato se reveste de particularidades fantásticas, que merecem análise séria. É uma comunicação transcendente que deve suscitar idéias e emoções correspondentes. Quando se se debruça sobre o assunto, percebe-se não só sua transcendência, como também a magnitude das conseqüências para a consciência humana.

Sempre que o ser humano se colocar em busca de experiências transcendentais, de forma assertiva, ele se depara com possibilidades cada vez mais amplas e que o levam a algo maior do que sua mente imaginaria. Quando Galileu demonstrou o sistema heliocêntrico, a mente humana passou a vislumbrar possibilidades cósmicas mais amplas. Quando Einstein demonstrou a Teoria Geral da Relatividade, a mente humana avançou na percepção do microcosmo atômico. Quando o Espiritismo trouxe os

princípios que regem a vida espiritual, novos horizontes se estabeleceram na mente humana, colocando-a em condições de compreender sua própria imortalidade.

Não há nenhum conhecimento pronto e acabado. Tudo que se conhece hoje, não só poderá ser compreendido de outra forma, como também é patamar ou degrau para novas descobertas. Até mesmo antigas e clássicas interpretações de textos filosóficos, sagrados ou herméticos, merecerão novas compreensões, compatibilizando-as com a aquisição de faculdades psíquicas adquiridas.

É quase que uma obrigação ao ser humano ir em busca de experiências transcendentais. Permanecer na materialidade ou contentar-se com a vida sem experiências *numinosas*, equivale a limitar-se ao rio, sem aspirar alcançar o mar, justamente por não ter consciência de sua existência.



Limitações do modelo de compreensão da realidade

Nossa compreensão da realidade, do mesmo modo que nos auxilia na percepção de nós próprios, nos limita na destinação do encontro com o divino em nós. Precisamos dessa compreensão, mas devemos suas limitações às barreiras que esta coloca na mente. O modelo trazido pelo Espiritismo tende a ampliar tal compreensão, na medida que propõe a continuidade da vida a pós a morte, com todas as conseqüências advindas deste postulado. Esta proposta não deve ser tratada como uma crença salvacionista, mas reveladora da real continuidade da existência humana.

Colocar este modelo como semelhante a outros, que visam a salvação da alma ou sua prestação de contas pelo que fez quando no corpo físico, é reduzir seu alcance real. No modelo espírita, o estágio no corpo físico é continuidade de outro que se desenvolve fora dele. Quando o espírito retorna ao mundo espiritual, não o encontra da mesma forma que o deixou. Da mesma forma, quando retorna ao corpo físico, pela reencarnação, não encontra a sociedade terrestre da mesma maneira e com as mesmas regras. Tudo muda de um lado e de outro a cada período que, talvez, coincida com uma geração.

Mesmo o Espiritismo, em sua face prática, quando não muito bem compreendido em seu aspecto espiritual,

tende a aproximar-se de uma espécie de salvação simplista. Tal aproximação coloca o adepto em estado de inércia em relação à sua própria compreensão da Vida e do Universo. Considerar a existência num corpo físico como uma simples experiência expiatória de males passados é limitar a consciência a um modelo reducionista do Espiritismo. Portanto, o Espiritismo, como qualquer outra religião, pode também ser utilizado como modelo limitador para a compreensão da realidade, já que toda teoria ou crença está submetida à capacidade compreensiva do intelecto que a elege.

Os postulados espíritas apresentam novos paradigmas para a Vida e existência humanas. Sua utilização como filosofia de vida e pano de fundo para decisões e postulações existenciais deveria merecer profundidade e coerência pertinente. Apenas apegar-se ao seu significado como crença dominical ou socorro nas horas difíceis significa malbaratar possibilidades amplas de crescimento e de desenvolvimento pessoal. É como querer usar um anel de diamante para adornar um mendigo, quando sua utilidade seria muito mais proveitosa compondo um enfeite por si só luxuoso.

O modelo de vida que adotamos está diretamente relacionado ao nosso mito pessoal, pois este determina aquele. Nosso viver obedece projeções inconscientes que enviam a vida e interferem no destino pessoal. Desejos coletivos, emprestados da cultura, influenciados pelos pais, movidos por circunstâncias ambientais e por fatores espirituais, balizam nossa vida em maior intensidade do que o livre-arbítrio individual.

Criamos um modelo pessoal de vida com traços do modo de ser coletivo, pois nossa personalidade sofre, não só o resultante das nossas próprias experiências, como também do que é e foi vivido pela humanidade. Obedecemos inconscientemente os rituais ancestrais em nosso modo de entender e viver a vida, em muito maior escala

do que supomos. Muitas vezes, realizar seu próprio modo de ser implica em renunciar ao modo coletivo de viver. O modelo coletivo, pelos limites psíquicos impostos, nos protege de nos perdermos no labirinto escuro da anarquia mental em que a mente individual, sem normas vivenciadas, pode se situar. O modelo coletivo, mesmo em oposição ao pessoal e com seus limites, nos guia para o encontro com o divino em nós. A conciliação de ambos deve ser o caminho necessário a ser percorrido por todos que almejam sua *individuação*.

De que servem as crenças se elas não nos colocarem em posição de ação para transformação e crescimento interior? Existiriam apenas para consolo momentâneo? Ou serviriam para alicerçar na alma humana sua verdadeira natureza espiritual imortal? Deveríamos considerar que, mesmo sendo construções da ânsia humana em alcançar Deus, elas trazem em seu bojo um símbolo oculto e apontam para algo complexo e divinamente maravilhoso, porém ainda inacessível à consciência.

A crença em algo é a base do agir. Somos movidos por crenças e valores subjetivos. É fundamental compreendermos a necessidade de ampliação da base na qual nossas crenças se instalam. Viver, crendo na limitação da vida pela morte do corpo, reduz a capacidade de superação de desafios que a própria existência oferece. Da mesma forma é viver acreditando na vida após a morte, à espera de um lugar melhor no Além, favorecido por espíritos entronizados como divindades. A proposta do Espiritismo é maior do que a promessa de um lugar melhor após a morte do corpo físico. Não devemos transformar o Espiritismo numa religião de acomodação da consciência, assegurada por promessas consoladoras e alienadoras. A grande consolação do Espiritismo não é só a afirmação da vida após a morte, mas, principalmente, o fortalecimento da consciência de responsabilidade pessoal antes, durante e após a existência no corpo físico.

Como exemplo, assistimos diariamente a morte de pessoas que retornam ao mundo espiritual pelas mais diferentes causas. A morte em si não deveria comover, mas a forma como a pessoa sai da vida física. Comovemo-me as mortes coletivas, porém me toca mais profundamente a morte de cada ser humano quando seu drama pessoal, isto é, o histórico de sua vida me é esclarecido. Muitas vezes, as mortes coletivas decorrem de compensações populacionais entre a dimensão material e a espiritual. Entristeço-me quando alguém desencarna, retornando ao mundo espiritual em situação pior ou igual de como aqui chegou. Esta é uma tragédia maior do que a própria morte, que apenas assinala a mudança vibracional. Lógico que a separação de pessoas que se amam, por conta da morte, também é comovente, porém não é uma tragédia.

Não se trata de frieza e insensibilidade diante da morte, mas de compreensão da realidade imposta pela Vida. Deus assim quis que a morte separasse as pessoas em vibrações distintas.

É importante a compreensão de que o Espiritismo propõe muito mais do que uma crença, mas a consciência de uma realidade pouco percebida pelo ser humano. Tal consciência modificaria sobremaneira sua vida, seu destino e sua busca pela felicidade.

O Mundo Espiritual pelo Espiritismo

A realidade além da vida física é de uma complexidade muito maior do que a conhecida através dos livros e relatos mediúnicos. Tais escritos e depoimentos se circunscrevem a nichos palidamente percebidos pelos espíritos e médiuns que se dedicam a educar o ser humano quanto à vida fora da matéria. A diversidade de situações, ambientes e estilos de vida é infinitamente maior do que se imagina. Isso não quer dizer que se trate de falsas informações ou de mistificação dos médiuns. São considerações importantes que, embora esclarecedoras, sofrem o filtro da linguagem e da cultura dos médiuns.

A grande maioria das informações espirituais sobre a vida fora da matéria é trazida com o objetivo de educar os que se encontram na dimensão mais densa. Esta educação é um preparo para uma vida equilibrada na sociedade material e para uma vida espiritual sem surpresas. Os pressupostos teóricos dessa educação têm conduzido, ou pelo menos pretendido conduzir, o ser humano a uma adequada postura diante da vida material, de acordo com princípios cristãos. Por esse motivo, o mundo espiritual é mostrado muito semelhante ao imaginário construído pelo catolicismo. O que nele está ausente, também o esteve no céu apresentado pelo modelo católico. O sistema econômico, o sistema produtivo, bem como a sexualidade e as

atividades de lazer são relegadas a um plano quase que inexistente. O mal do outro lado da vida é colocado em relação a algo feito do lado de cá. Parece que nada de ruim, exclusivamente pertencente ao outro plano da vida, acontece. Todo o mal está relacionado aos vícios, prazeres e vinganças do lado de cá da vida. Abordar tais assuntos pode não ser considerado edificante ou adequado. Claro que devem existir empecilhos que desconheço.

A divisão clássica kardequiana dos espíritos em classes e ordens é apenas didática, estabelecida com o intuito de trazer um referencial de como se situam após a morte do corpo físico. O estado psíquico, o estilo de vida, a habitação, o vestuário, bem como as crenças e motivações são múltiplas e, em muitos casos, desconhecidas dos encarnados.

Há muitas regiões espirituais inóspitas, bem como outras a serem desbravadas, à espera do espírito humano para lhes dar movimento e sentido transcendente. Em tais regiões podem vigorar princípios e modos de convivência muito diferentes dos adotados em outras, pois o Universo é livre para todos. Esta liberdade toda estará condicionada ao princípio divino existente em cada ser do Universo.

Apropriando-me dos conceitos emitidos a respeito da vida espiritual, mesmo considerando sua parcialidade, tentei alcançar uma visão mais ampla, sem destruir o que havia aprendido. Desde que adentrei o Espiritismo, tenho percebido a necessidade de não permanecer apenas com o que é aprendido, mas de buscar dentro de mim mesmo o que já foi vivenciado espiritualmente.

Entre no Espiritismo como quem adentra uma escola. Não fui levado pela dor ou sofrimento. Circunstâncias naturais me levaram ao conhecimento da Doutrina Espírita. Minha curiosidade intelectual e um sentido interno de que a vida não se resumiria ao material foram determinantes, além de amigos me terem convidado a assistir uma ou outra palestra num Centro Espírita. Minha entrada

no Espiritismo foi provavelmente algo espiritualmente ensaiado.

Com o tempo, realizando várias buscas e investigações intelectuais, estudando sistematicamente e filosofando sobre o que lia, fui aprendendo a distinção entre ser espírita e perceber-se espírito. Ser espírita me parecia uma profissão de fé, uma admissão num grupo religioso com suas regras e formas de identificação de adoção. Seus adeptos se apresentavam como cultores da caridade, crentes na imortalidade e num Deus único. Era notória a relevância do primeiro elemento identificador: praticante da caridade desinteressada. A relação com os espíritos, mesmo propagada, tinha importância secundária, salvo quando o objetivo fosse a própria caridade. Um certo ar de revolucionário social e de transformador da humanidade pairava entre os adeptos mais esclarecidos, transferindo para si o que acreditavam ser responsabilidade do Espiritismo.

Perceber-se espírito não exclui, de certa forma, a identificação como espírita, porém acrescenta uma profunda transformação interior e exterior. A visibilidade do sentido da própria vida passava a ser maior em face, não só da responsabilidade pessoal sobre o próprio destino, como também do compromisso em sentir Deus em si mesmo.

A consciência dessa diferença me fez obstinadamente tentar realizar com o Espiritismo a percepção de ser espírito em mim e nas pessoas de minha convivência. Desenvolvi novos hábitos, novos gostos, novas formas de viver as experiências da vida, bem como a construção de instrumentos de transformação social. Passei a escrever sobre o assunto, visando levar às pessoas a consciência de que são espíritos. No percurso que passei a fazer, considero que mais importante do que tornar as pessoas espíritas é levá-las à consciência de que são espíritos.

Ao tomar consciência disso, passei a planejar a própria vida dentro de paradigmas que envolvem o

espiritual. Posterguei certos desejos, apressei a realização de aprendizados novos, desliguei-me de hábitos inadequados aos meus propósitos, mudei de profissão, ampliei o alcance de minhas metas sociais, integrei-me mais à família consanguínea e desenvolvi metas próprias de transformação social.

Ao tomar consciência de que eu mesmo era um espírito em evolução e que me importava sobremaneira com isso, voltei a ler os clássicos espíritas a fim de buscar novas e pessoais interpretações de conceitos, sem querer criar teorias absurdas ou diferentes. Percebi uma série de interpretações pobres e de alcance limitado em relação ao meu desejo de crescimento espiritual. Abandonei teorias antigas, mesmo aquelas alicerçadas no saber espírita que tinha apreendido e consolidei outras de utilidade adequada ao momento em que vivia.

Despreocupe-me em me mostrar alguém superior ou com qualidades morais que não possuía. Ocupei-me em enxergar de frente todo o lado negativo de minha personalidade, sem querer apressadamente livrar-me dele.

Não vi em momento algum a necessidade de deixar de ser espírita ou de continuar ao lado de pessoas, dentro do Espiritismo, que não pensavam como eu e que permaneciam com uma visão espírita que me parecia ultrapassada. Compreendia, como compreendo, que cada um está em seu momento evolutivo e que deve ser respeitado, tanto quanto aceitava, e aceito, a possibilidade de estar equivocado em minhas idéias.

Vi que meu destino estava atrelado às minhas crenças a respeito da vida espiritual e que não poderia continuar percebendo-o da mesma maneira que no início. A forma como vejo o mundo espiritual evoluiu de acordo com meu próprio crescimento interior. Percebi que meu mito pessoal se construía de acordo com minha antiga crença num mundo espiritual idealizado teoricamente, construído unicamente pelas leituras que fazia, sem

acessar meu próprio conhecimento interior, naturalmente adquirido.

O mundo espiritual construído no imaginário humano difere daquele real e existente após a morte. A consciência coletiva do Movimento Espírita elaborou um mundo espiritual calcado em poucos depoimentos espirituais, sem o necessário senso crítico. Muitos médiuns se pautaram em seus próprios conhecimentos adquiridos no impacto das primeiras leituras em suas iniciações, não abrindo espaço para novas informações a respeito da vida espiritual.

A maioria espírita não imagina o quanto a concepção de mundo espiritual interfere na vida e no destino dos que se dedicam à prática do Espiritismo. Quanto mais conscientes da necessidade de se apropriarem de seus próprios destinos e da responsabilidade que lhes cabe sobre a evolução, mais próximos estarão da felicidade. Quanto mais livres de conceitos idealizados, mais donos de si mesmos serão.

No mundo espiritual que sinto existir, cabe tudo o que há na humanidade encarnada e mais uma diversidade imensa de possibilidades de vida e de organização. Acredito em condições inimagináveis fora do corpo humano, as quais me permitem entender que o que me espera quando lá chegar é certamente maravilhoso.

Muitas pessoas que acreditam que sofrerão após a morte, por terem feito algo contrário às regras que aprenderam, poderão ser surpreendidas com o contrário. Outros que se vêem de forma negativa poderão descobrir que estavam equivocados ao pensar assim. A grande maioria se surpreenderá com o que a espera.

Uma visão menos pesada e menos culposa é necessária, pois Deus não é carrasco, para ter criado um sistema tão hermético e fechado, quase inacessível ao ser humano comum.

Um mundo espiritual mais livre e destituído de punições faz-se necessário à consciência humana, tão violenta-

da pelas crenças medievais existentes. No Espiritismo cabe uma vida espiritual mais humana e menos cheia de pecados.

O olhar espiritual trazido em mensagens psicografadas e psicofônicas, a respeito da vida na Terra, ainda é como se aqui fosse uma prisão e degredo de assassinos e de criaturas sempre venais. E os bons exemplos de pessoas sadias fora do círculo religioso? Onde estão aqueles que se esforçam pela sociedade justa e equilibrada e que não se dedicam à religião? E os empresários e profissionais liberais que se dedicam à dinâmica social? E os funcionários públicos que se tornam verdadeiros servidores do povo? E os ecologistas? Sinto falta do depoimento a respeito do bem que essas pessoas fazem à sociedade, cada um em seu ofício.

Sexo, vida e religião

*H*á, sem dúvida alguma, uma supervalorização da sexualidade humana no que diz respeito à causalidade de males e perturbações psíquicas. Sua eleição como vilã, embora antiga, ganhou corpo na Psicanálise com Sigmund Freud. Nela, o sexo se tornou a grande causa dos males humanos e das perversões. A Psicologia veio trazer informações básicas a respeito da mente humana, que se opuseram às afirmações trazidas pela religião. Psicologia e religião têm caminhado em rotas paralelas, de difícil encontro, mesmo com esforços de parte a parte. Cada vez mais aparecem psicólogos e teólogos fazendo o casamento delas duas. Na Psicologia Analítica de C. G. Jung, encontramos vários trechos nos quais ele coloca o papel dos símbolos religiosos para o equilíbrio da *psiquê*. Da mesma forma, ele considera a energia sexual como algo inerente e tão antigo como o próprio ser humano. Escreveu ele¹¹:

O distúrbio sexual não é a causa das dificuldades neuróticas, mas, como estas, é um dos efeitos patológicos criados pela adaptação deficiente da consciência, isto é, a consciência confronta-se com situações e tarefas que não estão ao seu alcance. Ela (a consciência) não compreende como seu mundo se alterou, e que atitude deveria tomar para adaptar-se novamente.

¹¹ Obras Completas, Vol. IX/1, par. 61.

A Psicologia, num certo sentido, surge em compensação à Religião, aliviando-lhe a repressão imposta à busca do conhecimento e à expressão adequada dos instintos naturais do ser humano. A Psicologia não se opõe à Religião, pois consegue alcançar uma compreensão de símbolos sagrados correspondentes a conteúdos inconscientes, passíveis de ser mais bem assimilados, dando-lhes uma explicação plausível. Dessa forma, as explicações religiosas, notadamente simbólicas, encontram atualização adequada no conhecimento psicológico.

A Psicologia, ao postular sobre a sexualidade humana, vem em auxílio à compreensão de uma instância psíquica humana, cuja representação simbólica esteve temporariamente no domínio da Religião. Toda Religião propõe normas de conduta, direcionando seus adeptos a um comportamento idealizado, em detrimento de sua própria natureza. Não mais cabe à Religião postular sobre o comportamento sexual das pessoas, pois, pela sua natureza, desconhece as implicações psicológicas envolvidas, atendo-se exclusivamente ao imperativo da prática. A inadequação da Religião em assuntos que não mais lhe dizem respeito pode ser vista em declarações de teólogos e representantes de segmentos religiosos a respeito de uso de preservativo, clonagem, reprodução assistida, destino de embriões congelados, dentre outros. Em sua maioria, são declarações proibitivas, preconceituosas, anacrônicas, causando entraves à evolução humana. Tais assuntos, muito embora possam ter uma opinião de religiosos, pertencem à esfera científica, cujos institutos devem promover consultas a órgãos multilaterais pertinentes.

A guerra obstinada contra o sexo, encetada pela religião cristã, em seus primórdios, com certa continuidade nos dias de hoje, pode ter suas raízes na oposição ao hedonismo romano pagão do tempo de Jesus. Tal oposição está na medida da força propulsora que se concentra na sexualidade humana. Os cristãos, pertencentes a um povo

dominado pelos romanos, cuja cultura sexual era mais aberta, opuseram-se a práticas orgíacas e vulgares muito comuns à época.

A sexualidade humana, bem como a atividade sexual, é por natureza algo arcaico e muito presente na consciência, razão pela qual não é simplesmente uma expressão simbólica particular de algo oculto. A relação sexual nada mais é do que uma expressão do desejo arquetípico da comunhão consigo mesmo, projetado no outro. A questão principal, na qual o sexo está envolvido, é a relação amorosa, pois é nesta que as neuroses de todos os matizes se apresentam.

A sexualidade humana é uma dimensão psíquica que deve ser colocada a serviço de experiências que produzam aprendizado ao espírito, isto é, que lhe acrescentem conhecimentos dos paradigmas das leis de Deus. Sua repressão ou liberação irresponsável promoverão atraso evolutivo e redução nas experiências amorosas que resultarão em ganho afetivo ao espírito. Não se trata de pregar o sexo pelo sexo, nem tampouco atender apelos oportunistas que propagandeiam o prazer vulgar, mas a entender o papel do sexo como construtor da afetividade humana.

A vulgarização e banalização do sexo que se assiste atualmente provocarão, futuramente, a redução da valorização a ele atribuída. Tal redução receberá a contribuição da descoberta de outras formas de satisfação íntima, sem a degradação psíquica verificada nos excessos da sexualidade desregrada.

O mito pessoal pode ser parcialmente percebido pela forma como o indivíduo vive sua sexualidade e que valor atribui ao prazer obtido em suas práticas sexuais. Sua não utilização concreta também permite a percepção de aspectos do mito pessoal. Da mesma forma, o destino pessoal poderá ser antevisto pelo uso que se faz da energia sexual.

Sexo, enquanto atividade de conexão íntima com o outro, significa a busca de algo transcendente, só alcançável

com o vínculo físico e a adição de sentimentos de alta qualidade emocional. É fundamental a percepção da força propulsora existente na energia sexual para uma construção afetiva de qualidade superior. Mesmo que a pessoa tenha restrições sociais que impeçam uma vida sexual adequada, deve refletir sobre o que fazer com a energia gerada pelo desejo. Ter experiências geradoras de afetividade amenizará a ansiedade provocada pela não realização da conexão sexual.

O ato sexual é eliciador de estados criativos e de ansiedade por realizações na vida. O ato em si não agrega o que se pretende obter, pois é o que se processa alquimicamente no psiquismo do indivíduo que o leva a alcançá-lo. Não estabelecer esse tipo de conexão física, na dimensão humana, dificulta ao indivíduo o alcance de novos conhecimentos.

O objetivo da intimidade sexual entre duas pessoas parece ser apenas a busca do prazer, que proporciona a manutenção da espécie humana como consequência. Seria esse o sentido pretendido por Deus? Certamente não. O sexo proporcionou a aquisição da afetividade no psiquismo humano. Tornamo-nos afetivos por termos tido a experiência da convivência sexual e social. Ela viabilizou a aquisição de sentidos psíquicos capazes de nos tornar pessoas carinhosas, afetivas e disponíveis ao sentimento do amor.

Quem sou?

Enquanto caminhava tranquilamente a caminho de casa, após uma manhã de trabalho gratificante, meus pensamentos vagavam em torno da vida maravilhosa que tinha. Lembrava-me de meus pacientes, ansiosos por uma palavra de orientação, de minha religião pessoal, que me levava à consciência cada vez mais crescente da imortalidade, de minha família especialmente constituída de afetos muito caros, meus livros saídos da própria alma, de meus amigos, dentre outros temas que passavam pela mente, de como agradecer à Vida pelo que vivia. Para minha surpresa, dentro de mim mesmo emergiram idéias e imagens que me exigiam atenção. Vi-me de diferentes formas, como se muitas vidas passassem pela consciência. Via homens e mulheres, cujos rostos eram todos semelhantes ao meu, como se eu tivesse vivido em cada um deles. Gravei detalhes das imagens, inclusive as aparências e atitudes de cada personagem com minha fisionomia. Mais tarde, após ter anotado cada uma das visões, pude meditar sobre seus significados e impressões profundas.

Vi-me numa imensa fumaça, abrigando-me das intempéries, ao lado de outros primitivos com medo da tempestade. Parecia que era um animal encurralado, medroso e desprotegido de tudo. Meus cuidados com a sobrevivência e o aguçado instinto de preservação, que não me deixam à deriva nem a tomar decisões inseqüentes, advêm daquelas experiências.

Vi-me na pele de índio, caçando numa mata, espreitando um animal para alimentar-me e a outros. Senti-me adestrando habilidades instintivas embrutecidas para o necessário contato com a civilização. Vi que minha admiração pela natureza, meu reconhecimento de sua força e meu encantamento pelas causas ecológicas devem ter surgido a partir daquele íntimo contato.

Vi-me como escravo, carregando pesados fardos nas costas, sofrendo castigos aviltantes de feitores perversos. Parecia que eu teria sido alguém muito arrogante e prepotente, que precisaria passar por contingências aversivas, para aprender a ter respeito pelo ser humano. A negritude sofrida é uma dura prova que toca o fundo da alma da pessoa. Talvez por isso me sinta solidário a causas anti-raciais e admire a força interior daqueles que se encontram entre minorias, sofrendo discriminações diversas.

Vi-me gestando uma criança na expectativa de me tornar mãe pela primeira vez. Tinha o sentimento de que estava alcançando um alto degrau de poder. Parecia que, naquele estado, tudo o mais era menor. Era um sentimento de conexão máxima com Deus. Sentia-me como se fosse a própria natureza, com sua fertilidade e seu poder multiplicador. Minha reverência à maternidade, quando vejo uma mulher grávida, vem daquela experiência significativa.

Vi-me na cripta de uma igreja, envergando uma túnica sacerdotal, convidando fiéis ao culto sagrado. Percebi-me como alguém conectado ao sagrado e a Deus, de forma sincera e reverente. Talvez essa seja a razão do profundo respeito que tenho pela religiosidade no ser humano. Desde jovem me senti atraído por questões religiosas e pelo espiritual.

Vi-me comerciando peles de animais num mercado antigo, tentando enganar meus compradores. Parecia que eu me dedicava exclusivamente ao comércio, sendo um hábil negociador. Percebi os momentos em que minha malícia esteve presente, sabendo agora de onde veio. Isso

me faz hoje alguém com muito cuidado com o dinheiro próprio e o alheio.

Vi-me homem forte, carregando caixas em zona portuária de um grande rio europeu. Senti a força dos músculos, bem como o peso da opressão e exploração características aos trabalhadores. Tal sensação me fez entender o sentimento que tenho pelas classes menos favorecidas e pelos empregados domésticos. Sempre me vejo com um sentimento de grande solidariedade por aqueles que desempenham funções simples e básicas na sociedade.

Vi-me poeta e músico num festival coletivo de uma pequena cidade interiorana, ansiando por expectadores que me aplaudissem. Minha alegria estava estampada na vontade de tocar e contagiar as pessoas através da música. Hoje percebo minha sensibilidade e criatividade em desenvolvimento a partir daquela experiência. Enlevo-me toda vez que ouço música.

Vi-me criança, brincando entre árvores, ao lado de pequena casa que abrigava uma família pobre. Parecia que minha inocência ali estava exposta, de forma tão natural como se eu mesmo fosse um pequenino ser completamente despreocupado da vida. Invadiu-me uma ternura muito grande pela infância abandonada e submetida a fatores aversivos de várias ordens. Talvez isso justifique meu imenso desejo de erradicar a falta de escolas, bem como retirar as crianças das ruas, colocando-as ao abrigo da educação formal.

Vi-me na roupagem de um professor de classe infantil numa pequena cidade da península ibérica. Encantava-me ensinar às crianças a língua pátria, mostrando objetos de uso pessoal, enunciando seus respectivos nomes. Daí vem meu gosto pela educação e o prazer em ensinar às pessoas aquilo que é simples e que vem da própria alma. Sempre que sei algo, procuro passar tal conhecimento a alguém, dividindo o saber.

Vi-me construindo casas numa vila operária de um país asiático. Sentia-me como alguém que modifica a

natureza no prazer de dominá-la, alterando-lhe as formas em favor da comunidade. Isso me fez passar alguns anos na profissão de engenheiro com habilidade em projetos e edificações de vários tipos. Foi uma descida à racionalidade e ao exercício do intelecto e da imaginação.

Vi-me como bem aplicado aluno de ciências médicas de um grande centro de cultura europeu. Entusiasmava-me com o contato com o ser humano, enquanto corpo, ansiando por descobrir-lhe a alma, acreditando que ali estaria habitando. Percebi-me estudando com afinco, aproximando-me cada vez mais de conhecimentos ocultos e transcendentais. Esta experiência pregressa me tornou hoje um curioso e estudioso das ciências espirituais.

Cada uma dessas imagens surgiu-me lentamente durante minha caminhada, fazendo-me entender que poderia se tratar de lembranças espontâneas de vidas passadas, obrigando-me a meditar amplamente sobre elas, como hipóteses possíveis de experiências vividas num passado longínquo. Passei vários dias, durante muitas sessões de meditação, a colocar-me no lugar de cada um desses personagens, buscando integrar conhecimentos que sabia já ter adquirido naquelas vivências. Aqueles momentos de meditação foram úteis a mim, pelo simples fato de me trazerem a consciência de que poderia resolver muitas situações de minha vida atual, por já ter experimentado outras semelhantes em vidas passadas. Percebi que poderia entender melhor muitos de meus pacientes, por adquirir a consciência de que já teria passado pelo que eles estão passando. Minha confiança em mim mesmo e segurança em lidar com certos problemas aumentaram, pela integração na consciência de importantes conhecimentos que não foram aprendidos nesta vida.

Questionei-me sobre realmente quem sou. Seria eu a soma dessas personalidades ou algo que surge além delas? Distanciei-me devidamente das interferências daquelas *personas* vividas em encarnações passadas, ou

ainda estaria sob a influência direta de alguma delas? Nesse momento passei a pensar em meu próprio mito pessoal e no viés de minha vida. Vi que meu destino também poderia ser modificado, a fim de aprender mais ainda com a experiência de ser psicólogo, depois de ter sido engenheiro. Questionei-me se não estaria repetindo experiências pregressas e se estaria inserindo algo de novo em mim mesmo. Não tive dúvida de que vivo algo novo e cada vez mais emocionante, que é lidar com a mente humana, flexível e mutável por natureza.

Diante de tantas percepções, conclui que meu mito pessoal não poderia se restringir a um único aspecto de minha personalidade, nem tampouco meu destino deveria ser contemplado com ocorrências negativas ou que viessem me trazer sofrimento.

Não tenho certeza se as imagens que vieram à minha mente foram resultantes de vidas passadas, pois isso não se comprova com simples sensações momentâneas. Porém, tenho consciência de que meditar sobre elas, extraindo seus significados e a força de cada personagem, trouxe-me vitalidade e renovação.

Este fato, ocorrido de forma inusitada para mim, em um momento de simples caminhada na volta para casa, entre verdejantes amendoeiras, deixou-me impressões significativas. Fortaleceu minha concepção de que a vida pode nos reservar diferentes surpresas, visando a ampliação cada vez maior da consciência de um Universo estranhamente maravilhoso e suave. O fato me permitiu enxergar um pouco mais além de mim mesmo, identificando propósitos superiores e misteriosamente acessíveis pelos mais diversos métodos.

Vejo, por um lado, a estreiteza da mentalidade materialista, que nega a imortalidade da alma e a vida antes e após a morte. Por outro, vejo os prejuízos do sectarismo religioso, ao tentar enquadrar a vida espiritual dentro de limites puramente humanos, como se tudo pudesse se resumir a uma dualidade entre bem e mal.



Personalidade ótima

*P*arece que dentro de cada ser humano existe um ideal pessoal de apresentar-se ao mundo, buscando mostrar-se exatamente como deseja ser interiormente. Muito embora possa se dizer que isso se deve à educação, que nos faz escolher apresentar-nos segundo critérios do que é maléfico ou benéfico, creio existirem outros fatores mais profundos. Pode-se também afirmar que tudo não passa de recompensa e punição diante de comportamentos havidos, como se a personalidade funcionasse sob o domínio do prazer ou da gratificação. Ambas as hipóteses desprezariam atitudes plenamente contrárias a desejos íntimos ou explícitos, de pessoas que agem, sob absoluta alienação, com propósitos definidos e claros, nos quais não constam benefícios ou recompensas diretas.

Há algo que modela a apresentação do eu, inacessível à lógica dialética, porém compreensível a partir de valores espirituais. Por mais que entendamos que existe uma individualidade que deseja se realizar, não podemos desprezar os aspectos externos que compõem a personalidade. Os fatores ambientais, estímulos externos, confrontados com o mundo interno de cada indivíduo, são vetores que, quando submetidos àquele algo que modela a natureza humana, encaminha-a para a personalidade ótima.

Enquanto o ser humano permanecer querendo ser o que não é ou submetendo-se a escolhas entre apenas dois caminhos, sem enxergar a multiplicidade de possibilidades

à sua volta, estará distante do ideal que pretende alcançar. O ideal imaginário de si mesmo, entre duas polaridades, pode se tornar uma prisão à conquista da personalidade ótima, alicerçada naquilo que simplesmente é possível ser.

Sobre o assunto, tratando de *individuação*, Jung afirmava que: “A *individuação*, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social.”¹² Portanto, alguém realizar o máximo possível em favor de si mesmo, do outro e da sociedade em que vive é querer alcançar a personalidade ótima.

Não é simples alcançar a personalidade que se deseja ter, isto é, não é fácil alcançar a pessoa que se pretende ser. Um longo caminho separa o indivíduo que acredita numa imagem idealizada de si mesmo e aquilo que realmente é. Razão pela qual há um outro longo caminho entre o que se é e o que se deseja ser. Para vencer essa caminhada deverá lutar contra a tendência à preservação de uma *persona* cristalizada e autônoma que interfere nas necessárias mudanças a serem feitas. Dissolver essa *persona* em favor de uma outra mais próxima de si mesmo é fundamental. Nem sempre se consegue abandonar o que se acredita estar sólido e seguro. O preço da instabilidade é alto, porém, ela é o sinal de que algo sólido está a caminho.

Por esse motivo devemos nos tornar a pessoa que desejamos ser, dentro dos limites da própria competência e da sabedoria em admitir as impossibilidades. Aqueles que já alcançaram um mínimo de percepção de seus próprios mecanismos de defesa, os quais impedem de admitir seus equívocos, conseguem trabalhar a personalidade, submetendo-a a mudanças constantes. O bom senso em admitir a insatisfação com aquele que se tem sido,

¹² Obras Completas, Vol. VII, par. 267.

leva a alcançar mais rapidamente a pessoa que se deseja ser. A maioria vive a ilusão de que simples atitudes e um benefício divino farão as mudanças necessárias, sem entender que o esforço de transformação requer sacrifícios pessoais.

Realizar o melhor e mais completo indivíduo, socialmente adaptado à sociedade, sem perder sua individualidade, é construir uma personalidade ótima. Isso requer o exercício da cidadania, com plena consciência de sua responsabilidade social. Esse exercício aplica-se a todas as dimensões sociais, sem a valorização numa específica. Isso significa um ativismo mais do que político partidário, alcançando as graves questões de natureza coletiva.

Uma personalidade ótima é alguém que encontrou a si mesmo em meio aos outros, pois a recusa em participar da sociedade, seja pela fama excessiva ou por retraimento como traço da própria personalidade, aliena o indivíduo de sua dimensão coletiva. Da mesma forma, uma inserção excessiva em causas coletivas, ofusca a individualidade naquilo que constitui sua maior conquista. Uma doação à sociedade deve ter outra correspondente feita à própria personalidade. Quando isso não ocorre há uma cobrança inconsciente na forma de recompensas de reconhecimento pessoal.

Características de uma personalidade ótima:

1. Senso de propósito muito bem definido, principalmente quanto ao objetivo maior da própria existência;
2. Consciência do valor pessoal sem espera de recompensas externas;
3. Bom humor e alegria de quem está de bem com a vida, colocando-se disponível ao contato;
4. Socialmente engajado em causas humanitárias, com reserva de tempo para esse mister;
5. Consciência crítica em relação a si mesmo, com solicitações pertinentes de pedidos de feedback;

6. Competência para transgredir, sem culpas, assumindo as conseqüências advindas de seu livre-arbítrio;
7. Maturidade emocional sem repressões internas ou externas, valorizando sua espiritualidade e sem desprezo aos instintos naturais;
8. Adequado senso de oportunidade, aproveitando as oportunidades que a vida oferece;
9. Investimento crescente na busca do saber, aprimorando-se a cada etapa da vida;
10. Ampliação e consolidação de suas relações afetivas, sem esquecimento da remoção de antigas mágoas e inimizades;
11. Reconhecimento dos próprios esforços em se melhorar, a partir de resultados concretos;
12. Autoconsciência da imortalidade pessoal, sem medo ou idealizações a respeito do que encontrará após a morte física;
13. Consideração adequada sobre as oposições que encontra, não desprezando o que ou quem se lhe opõe, aprendendo sempre que toda radicalização enviesa a vida;
14. Acolhimento e integração do seu lado sombrio, considerando que ninguém tem ciência perfeita a respeito de si mesmo;
15. Dedicção e busca de excelência em tudo que faz, sem vaidade ou superioridade, evitando destaques inadequados;
16. Consciência de quem é, sentindo-se parte integrante do todo no qual se insere, respeitando cada individualidade com quem contracena na vida.

Suavizando o mito pessoal

Quando a existência é sentida e vivida de forma árdua, sacrificial e como um martírio, faz-se necessário adicionar-lhe leveza. Muitas vezes é preciso aliviar e suavizar o mito pessoal, visando uma existência melhor, a partir de experiências com o lado bom da vida. Viver também esse lado bom da vida desmistifica a idéia de que sempre se deve estar sofrendo para mudar o próprio destino.

Suavizar o mito pessoal, quando se atravessa processos difíceis ou que exigem intenso de gasto de energia, é incluir deliberadamente na vida experiências significativas que, agregando valor, minoram os efeitos negativos do destino. Aparentemente, cada uma delas isoladamente, não proporcionaria o que se pretende, porém em seu conjunto, quando levadas a sério, concorrem para uma certa leveza na vida. Mesmo que a pessoa ainda não consiga perceber seu próprio mito, seria salutar a adoção profilática de certas práticas a fim de garantir um melhor desempenho na vida. Considere as propostas adiante como simples sugestões práticas, que se tornam possíveis quando realmente se quer modificar o próprio destino. Não são conselhos especiais nem sugestões que requerem esforços profundos, mas experiências práticas que visam alimentar a alma de alegria e paz interior.

1. Ouvir música enquanto se realiza alguma atividade cotidiana, mesmo que seja exigida alguma concentração. Naquele momento, o cérebro receberá a vibração

musical e, por automatismo, estimulará a produção de neurotransmissores responsáveis pela sensação de bem estar geral. Por extensão, a mente, interligada com o cérebro, assimilará a linguagem musical como um estímulo à conexão com a criatividade e sensibilidade superiores da alma, resultando em sentimentos de paz e felicidade.

2. Gostar de trabalhar, aprimorando a qualidade do que se executa, reduz tensões, promovendo o sentimento de utilidade na vida. Um trabalho bem executado, mesmo que não suficientemente remunerado, credita no indivíduo a sensação de dever cumprido e de reconhecimento do próprio valor pessoal, independentemente de recompensas externas. O gosto pelo ofício cotidiano, por mais entediante ou enfadonho que possa parecer, é um poderoso fator de renovação interior e de dinamização da *energia psíquica*.

3. Namorar é estabelecer uma conexão íntima com alguém, sem cobranças ou disputas, com muita alegria e satisfação emocional. Esse estado proporciona leveza e motivação para o enfrentamento das contingências da vida. Namorar atualiza a afetividade e contribui para a atualização de emoções adormecidas que estavam à espera de experiências significativas. A troca energética que ocorre no namoro dinamiza os potenciais do espírito, catalisando a *energia psíquica* para a realização do significado e sentido da vida.

4. Conversar amistosamente com os pais, resgatando experiências agradáveis de fatos vividos com eles, pois essa lembrança favorece o resgate da infância feliz. São conversas com o intuito de favorecer a proximidade e de proporcionar momentos de felicidade mútua. Não devem promover situações que gerem cobranças, tristezas ou desgaste na relação. São instantes de troca de afetividade e de profundo significado transcendente, pois ocorre uma das mais elevadas relações fraternais.

5. Ter um bom amigo com quem permutar confidências e trocar experiências significativas reduz a dureza

que, muitas vezes, está presente na vida. Culpas e mágoas podem ser aliviadas, e até resolvidas, a partir de desabafos que podem ocorrer com um amigo. A amizade sincera proporciona a atualização de conhecimentos e consolidação de opiniões a respeito dos mais diversos temas da vida. Um amigo, no qual projetamos o melhor de nós, é a representação do nosso *ego*, tornando-se um poderoso auxiliar com quem compartilhamos dores, ansiedades e alegrias.

6. Andar próximo ao mar, a um lago ou rio, absorvendo os fluidos que emanam de suas águas profundas e revigorantes. Na água nascemos e com ela estruturamos nosso corpo físico para as mais amplas realizações da vida. Ao admirarmos uma paisagem onde haja água, pelo seu simbolismo, acessamos o inconsciente, que se projeta à consciência, para a devida atualização. Visualizando a água, acessamos conteúdos inconscientes que necessitam de representação e concretização pela consciência. Isso diminui a influência de conteúdos inconscientes sem a consciência do eu.

7. Respirar e contemplar um campo verde próximo a uma mata promove bem-estar e nos conecta às forças vivas da Natureza. Somos parte da Natureza e possuímos interiormente vetores telúricos na *psiquê*, responsáveis pela determinação e vontade de viver. Ao absorvermos o ar campestre no contato com a Natureza viva, abrimos as comportas da alma para a disposição de enfrentar os mais complexos desafios. Nesse contato assimilamos energias curativas e tonificantes ao corpo e ao espírito.

8. Beber água mineral com satisfação e com a consciência de que está absorvendo fluidos benéficos e salutareos ao organismo. A qualidade de mineral atribuída à água nos faz creditar uma procedência intra-terrestre, com propriedades vitalizadoras e energéticas. O hábito de beber água mineral, em substituição a outros líquidos que contêm substâncias nocivas ao corpo, promove saúde

e purificação orgânica. A vibração molecular na intimidade da água é condutora de múltiplas qualidades que podem se tornar veículo de cura de diversos males. Ao associarmos a oração no momento da ingestão de água, estaremos veiculando propriedades divinas àquele líquido.

9. Ter consciência da própria imortalidade é fundamental para se eliminar os medos e associar tranquilidade à vida. A certeza da imortalidade promove o sentimento de pertencimento divino ao Universo. É como se tornar co-autor da vida, sentindo-se responsável pelo destino pessoal. É preciso pensar na morte da personalidade da encarnação atual como preparativo para a consciência da imortalidade, sem idealizações futuras. Esta consciência nem sempre é adquirida pela crença, pois necessita ser atualizada por experiências transcendentais e *numinosas* de contato com o espiritual.

10. Brincar com uma criança com o propósito de alegrá-la e de trocar energias afetivas. O contato com a criança permite a conexão com a ingenuidade e com a inocência, abrindo um canal para a amorosidade. O sorriso proporcionado a uma criança mobiliza sutis forças internas de quem o faz, gerando novas disposições criativas. A emanção fluídica do estado de felicidade de uma criança elicia, em quem com ela interage, uma consciência disponível ao novo. Essa relação libera o indivíduo de suas graves preocupações, conectando-o ao seu próprio início, quando tudo era possível e alcançável.

11. Consolar e dar esperança a alguém é sentir-se um emissário da Vida que é oferecida por Deus. Tal atitude promove a sensação de cumplicidade com o outro e de pertencimento a uma única família. Dar esperança é despertar ou estimular no outro o desejo de viver e de atuar como agente do próprio destino, favorecendo a ambos. O sentimento é de utilidade e de competência pessoal para enfrentar os próprios desafios. Quem consegue estimular o outro para a vida, desperta em si mesmo o curador

interno, que alivia as próprias dores. O sentimento de culpa pessoal por ter feito algo inadequado contra a Vida é dissolvido com a atitude de dar esperança a alguém.

12. Reconhecer sinceramente os méritos de alguém é atender à necessidade interna de adotar a humildade na vida. Quem vê as qualidades positivas do outro, consegue enxergar sinceramente as próprias. Aquele reconhecimento proporciona admiração e reconhecimento de valor por aqueles que assistem tal demonstração de humildade, angariando simpatia e desejo de contato social. A atitude de reconhecer os méritos de alguém desperta, em quem o faz, a vontade de obtê-los, pelo valor atribuído e importância considerada. O reconhecimento dos méritos de alguém promove a percepção do sistema de valores de uma pessoa, pois qualifica o outro por determinadas habilidades então valorizadas.

13. Olhar as estrelas e enxergar nelas o próprio futuro é contemplar o incognoscível, acessando uma inesgotável fonte *numinosa* interna. É se permitir subjetivar e deixar a materialidade terrestre por um instante, abastecendo a alma de sutis energias renovadoras. Num céu estrelado, o ser humano projeta seu próprio inconsciente na forma de anseios de conexão com o Criador da vida. A distância das estrelas, a noite escura e o brilho característico formam uma tríade que permite ao seu observador o contato com a esperança que jaz internamente de que um futuro promissor nos aguarda. Parece que somos feitos da mesma substância das estrelas e isso nos irmana ao próprio Universo.

14. Saber usar a própria raiva é não acumular energia de ação, que foi represada pelo medo e pela incapacidade em administrá-la. É fundamental a consciência de que a raiva é natural e que deve ser transformada em energia criativa. Toda emoção é gerada por forças instintivas e que obedecem a estímulos considerados aversivos, que merecem consideração. Transformá-los em estímulos

positivos fará com que deixem de promover o medo e, conseqüentemente, a raiva. Sempre que a raiva acontecer, deve-se refletir quanto à melhor maneira de usá-la em proveito próprio e da conexão positiva com o objeto da raiva.

15. Educar o medo elimina a ignorância responsável pela sua ocorrência. Ter medo é da natureza humana, cuja consciência tenta evitar tudo o que pode ser danoso ao *ego*. Temos medo por não conhecermos totalmente como funciona o Universo e a Vida. Quando nos conscientizamos da imortalidade pessoal, perdemos o medo da morte e do sofrimento. Quando admitimos que perdas fazem parte da vida e que são experiências pertinentes que devem ser vividas para o aprendizado do espírito, deixamos de ter medo e de nos apegar às coisas e pessoas. Todos os medos podem ser educados, na medida que aprendamos a enfrentá-los sem receios de derrota ou fracasso. Para educar o medo é preciso enfrentar o objeto que o causa.

16. Amar alguém é alcançar o objetivo de Deus. Ama-se das mais diversas formas, pois o amor é um sentimento de múltiplas faces. A palavra amor resume distintas emoções que promovem diferentes aprendizados. Ama-se um filho, o pai, a mãe, o avô, um amigo, um homem, uma mulher, a Deus, um animal, dentre outros, sentindo-se diferentes emoções. Não amar ninguém ou ser algum é estar só e desconectado da Vida. É, portanto, fundamental construir alguma relação na qual se possa sentir o amor. Obrigatoriamente, tal relação não precisa ser com um parceiro com o qual se tenha intimidade sexual, pois existem muitas formas de se amar e todas elas valem a pena.

17. Ser cada vez mais afetivo nas relações sexuais significa proporcionar-se um prazer que transcende o ato e conecta a pessoa com forças criativas da Natureza. A relação sexual é um momento de máxima intimidade com alguém com quem se permuta energias de vida, para a construção de uma maior capacidade afetiva. Ampliar o

momento de uma relação sexual, conversando com o parceiro, principalmente após o orgasmo, proporciona o sentimento de paz e harmonia de espírito. Quando tal ocorre, as pessoas se renovam e se dispõem à realização de projetos em suas vidas. A afetividade nas relações sexuais dignifica mais ainda o ato, atualizando sua prática a serviço da evolução do espírito.

18. Viajar em férias promove a aquisição de energias renovadas para novos cometimentos na vida. Quando em família, proporciona a unidade do grupo e o fortalecimento do senso de pertencimento. A despreocupação com o trabalho e com obrigações rotineiras reduz significativamente o estresse, aliviando o indivíduo de tensões que o paralisavam. Conhecer novos lugares, estar com diferentes pessoas, escolher atividades prazerosas, dentre outras opções, devolve à pessoa seu senso de propriedade sobre a própria vida. Em viagens para distrações, é comum ver-se a alegria espontânea e a disponibilidade para estar em grupo, visando o bem comum. É salutar, de tempos em tempos, retirar-se do espaço cotidiano a fim de se viver experiências geradoras de grandes alegrias e de prazer.

19. Ter uma experiência *numinosa* representa conectar-se ao Criador da vida, sentindo-se integrado intimamente ao Universo. As experiências *numinosas* ocorrem sem a possibilidade de a consciência lhe determinar quando e de que forma serão. Elas causam a sensação de que Deus se revela naquele instante, pois promove um estado de êxtase transcendente. Ocorre como se a pessoa fosse transportada para fora de si mesmo, do tempo e do espaço, permanecendo por algum tempo numa intensa alegria e felicidade indescritíveis. Em geral, tais experiências ocorrem quando a pessoa está de bem com a Vida ou numa intensa busca por algo que se relacione com o divino.

20. Estabelecer conexões espirituais mediúnicas proporciona a ampliação dos horizontes materiais e uma

melhor compreensão do conceito de vida. Experiências de contato com os espíritos não devem ser apenas uma prática religiosa, pois significam a participação do indivíduo numa sociedade maior, da qual sempre fez parte. Quando é cessado o medo, a ansiedade e a sensibilidade dos iniciantes, a experiência mediúnica se torna gratificante e reconfortante. Leva a pessoa a um estado para além de si mesma, retirando-a das preocupações nitidamente materiais e menores.

Viver essas e outras experiências semelhantes, permite ao indivíduo desligar-se de tendências a que está inconscientemente submetido e que nem sempre tem a capacidade ou competência para mudar. Seu mito pessoal poderá ser melhor percebido enquanto vive cada uma dessas experiências e isso lhe trará condições de alterá-lo, caso o deseje. São vivências comuns, que podem ser buscadas por qualquer pessoa, sem dispêndios maiores de energias.

Fênix

Conta a Mitologia Grega, através de Heródoto, que uma fabulosa ave originária da Etiópia, visitava o Egito, terra dos faraós, a cada quinhentos anos. A ave, poucas vezes vista, era descrita como tendo asas da cor do ouro, com matizes avermelhadas. Era bela, de porte imponente, e em todos despertava sentimentos de grandeza e de altivez. Era única de sua espécie, pois não se reproduzia como as demais, mas morrendo e renascendo de si mesma, como dito, a cada quinhentos anos.

Seu processo de renascimento se dava quando sentia que a morte estava se aproximando. Naquele momento, reunia em seu ninho plantas aromáticas e incenso, ateando fogo com seu calor. Antes que seu fim se consumasse, deitava o próprio sêmen nas cinzas que iam surgindo. Sua morte ocorria simultaneamente à germinação de seu sêmen nas cinzas produzidas dos restos de seu corpo misturados às plantas perfumadas. Em instantes surgia uma nova *Fênix*, majestosa e bela, cujo primeiro ato era visitar o Egito, fazendo seu vôo real. A cada renascimento ocorria sua entrada triunfal na cidade, escoltada por um bando de lindas aves a lhe render homenagens. Ao final do ritual retornava à Etiópia.

Fênix é o mito da consciência humana, em seu processo de eterna existência. Sua aparente morte e renascimento das cinzas simbolizam as fases de sua jornada evolutiva, nas quais enfrentará ciclos de ir e vir. *Fênix*

nunca morre, pois está sempre ativa e altaneira. Ela é um dos símbolos do espírito imortal, cuja trajetória inexorável conduz ao encontro consigo mesmo, em Deus. Suas cinzas são restos de seu corpo e de elementos sobre os quais constrói sua própria vida. Tece seu próprio destino e com ele refaz seu começo.

Dentro de cada um de nós há uma *Fênix*, à espera do renascimento, que ocorrerá quando a vida já tiver preenchido cada etapa com suas experiências enriquecedoras de aprendizado. Nunca deixará de existir a possibilidade de se recomeçar a viver. Mesmo que as provas sejam duras e que o fim pareça apontar para a destruição, eis que surge *Fênix* a anunciar que o recomeço se inicia.

Fênix representa a esperança, que nunca é morta, dando a todos a certeza de que só existe a vida para ser vivida, em qualquer dimensão. Sua capacidade de fazer surgir, de si mesma, um outro ser, com a plena potência de viver, denuncia que no interior de cada ser humano, existe uma nova dimensão dele mesmo, divina e majestosa, que vence todos os obstáculos.

À semelhança do mito de *Prometeu*, *Fênix* é um dos mitos que simbolizam a saga humana quanto à sua capacidade de superação de si mesmo, renascendo após cada conflito. Ser imortal, *Fênix* representa o renascer a cada momento como algo novo que não perde sua essência nem se deixa vencer pela destruição.

Deixar-se arder num braseiro alimentado pelas próprias forças, para, em seguida, renascer ativa e forte, representa o suor e o sacrifício humanos, em seu processo de crescimento e desenvolvimento espiritual. Só há evolução com esforço, sacrifício e queima de energias, numa permuta constante nas experiências da vida.

Ela representa o triunfo da vida sobre a morte. É o eterno existir, no qual a vida sempre se apresenta com a marca do Criador. A inatividade, como *Fênix* bem o representa, não existe no Universo, pois tudo é movimento e ação, a serviço da vida que não cessa nunca.

Fênix é o símbolo da resiliência humana, cuja capacidade de recobrar forças e de se adaptar após uma mudança é infinita. O ser humano, como certos corpos materiais, possui a propriedade de retornar à forma original após uma deformação, sempre que a isso é impulsionado. *Fênix* demonstra simbolicamente a resiliência humana ao renascer das próprias cinzas.

Quando somos submetidos às provas da vida, quer no formato de expiação ou não, precisamos evocar a potência de *Fênix* dentro de nós, a fim de que enfrentemos o desafio com a mesma força e coragem que temos quando em estado natural. A disposição de vencer na vida deve ser a mesma antes e depois de alguma derrota ou perda. *Fênix* é a coragem para recomeçar. Alquebrar-se e sucumbir, sem voltar à mesma disposição e coragem iniciais, é iniciar o recomeço com postura de perdedor.

Assim deve ser o pensamento e a disposição de quem se encontra em grave crise existencial ou enfrentando problemas aparentemente insolúveis. Esse momento de angústia, perda ou sofrimento é um convite da Vida para um estado melhor, mais adiante. O ser humano, após derrotas e perdas, deve sempre recomeçar mais maduro e mais confiante, pois, com mais experiência, possui mais chances de realização.

A tendência de quem sofre, qualquer que seja o motivo, é reduzir sua confiança no sucesso. O fracasso abate a pessoa, minando sua chance de sucesso, quando não se tem resiliência. Os fracos e desiludidos, que se entregam ao pessimismo e à acomodação, não construíram em si mesmos a consciência de que, em que pese pensarem o contrário, são verdadeiros *Fênix*. Não sabem como recomeçar, pois esquecem que é de si mesmo que renasce uma nova pessoa. É de seu próprio ser que brota a vida, em meio às cinzas existentes.

Fênix é o *arquétipo* do renascimento e da certeza da continuidade da vida. Intimamente o ser humano possui,

em seu inconsciente, uma “luz” eternamente acesa, que representa seu constante estado de atenção, pois o Espírito está sempre desperto. *Fênix* simboliza aquela luz, que brilha no interior do ser humano, como farol divino a orientá-lo no viver.

O mito pessoal, considerando a existência do *arquetipo* de *Fênix* no íntimo de cada ser humano, pode sempre ser revisto, dando início a um novo ser, mais belo e mais preparado a seguir seu próprio destino. A consciência da existência de um *Fênix* interno permite que vislumbremos possibilidades de mudanças em nossa vida. Isso quer dizer que, a cada percepção de que o mito pessoal contraria o que desejamos para nosso destino, poderemos modificá-lo a ponto de recomeçarmos desde seu início. Na vida, nem tudo está perdido e nada há que não possa ser recomeçado de forma diferente.

O sentido da vida e a Psicologia do Espírito

A Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano. Seu objeto de estudo é exaustivamente analisado na tentativa de compreender e explicar suas causas, avaliar conseqüências e prever suas ocorrências. A explicação da vida e de seu sentido parece pertencer mais aos campos da Filosofia e da Religião, do que ao da Psicologia. Contudo, não é a Psicologia também conhecimento da subjetividade e, portanto, de tudo que é psíquico? Não há nada de mais subjetivo do que o comportamento humano, cujos vetores que o proporcionam não são de todo conhecidos. Bem insano seria, com certeza, quem quisesse precisá-los com exatidão em algumas ou poucas palavras e conceitos. A vida acontece dentro da *psiqué* humana, cuja natureza íntima é de pura subjetividade. Falar de Psicologia é abordar a subjetividade, portanto a própria vida, não apenas como esta se apresenta, mas como ocorre de fato.

O comportamento humano se dá dentro de certos limites, cujo campo se polariza de um lado como transcendente e do outro como instintivo. Esses dois extremos se aproximam, pois o instintivo também transcende à consciência do eu, isto é, ocorre de forma inconsciente. Na medida que a Psicologia apresenta o inconsciente como um campo no qual se inserem experiências e toda uma

gama de fatores intervenientes do comportamento, ela estará subjetivando a vida e o próprio ser humano. Não é possível uma Psicologia sem subjetividade, pois até o instinto está fora dos limites da consciência do eu.

Uma Psicologia baseada em princípios exclusivamente metafísicos ou, ao contrário, fundamentada estritamente nos processos orgânicos, será sempre tomada em sentido parcial, isto é, apenas como um argumento de um tema específico. Talvez esse tenha sido um dos motivos pelos quais a Filosofia e a Religião foram deixadas de lado, por não apresentarem um sentido à vida. Trouxeram muita metafísica. Da mesma forma, o racionalismo e o empirismo contemporâneos foram insuficientes para o mesmo fim. Apresentaram respostas muito superficiais e baseadas em fatos exclusivamente concretos.

A Psicologia pode contribuir para clarear esta questão, na medida que considerar a totalidade do ser humano: corpo, em seu ambiente, *psiquê*, com seus processos, e Espírito, como senhor da evolução.

Mas de que psicologia estaria eu falando? Evidentemente não é da Psicologia clássica, nem daquela que se limita ao academicismo exclusivamente experimental. Estou falando de uma Psicologia do Espírito¹³, na qual cabem alguns fatos já do domínio científico, dentre os quais incluo a reencarnação e a mediunidade. A Psicologia, enquanto estudo do comportamento humano, não poderá mais ignorar a reencarnação nem os fenômenos que envolvem a comunicabilidade dos espíritos. Se o fizer, será apenas a psicologia do comportamento corporal.

A Psicologia do Espírito apresenta um sentido à existência, já que amplia o conceito de vida como algo que acontece além da sociedade material. Dentro desse conceito, a vida de uma pessoa se realiza simultaneamente

¹³ Desenvolvo idéias a respeito deste tema no livro *Psicologia do Espírito*.

de forma externa e, com profundas sensações e transformações, também internamente.

É uma psicologia transexistencial, pois envolve não só as dimensões da vida, no corpo físico e fora dele, como também as modificações de papéis sociais. Compreende a vivência em diferentes sociedades, com distintos papéis e representações sociais. A possibilidade de se considerar que os papéis de pais, filhos, mães, netos, marido, mulher, dentre outros, não são mais exercidos por espíritos que já adquiriram a consciência de si, leva-nos a imaginar diferentes formas de convivência. Creio que a relação é de pessoa a pessoa, sem a assunção de *personas* vividas no passado. Creio prevalecer nas relações um sentimento próximo àquele que chamamos de fraternidade.

Viver distintos papéis a cada encarnação, visando ser feliz ao lado de alguém e de um grupo de espíritos, sabendo que um dia os papéis vivenciados deixarão de existir, nos faz pensar num sentido diferente para a existência. Vivemos experiências ao lado de alguém, com quem partilhamos emoções, mas, futuramente, teremos outro tipo de sentimento. O sentido da vida não é, portanto, ser feliz ao lado de alguém. Tal experiência passa a ser um meio ou estratégia para o desenvolvimento do sentimento de fraternidade.

A Psicologia do Espírito, considerando as relações trans-existenciais, considera que os atuais papéis sociais são componentes de experiências transitórias para o espírito. Os sentimentos pertinentes a esses papéis são emoções que capacitam o espírito, ao longo de suas existências, a experimentar a verdadeira fraternidade.

A Filosofia e a Religião deverão inserir em seus paradigmas a consideração da imortalidade da alma e da ocorrência de uma sociedade espiritual com sistemas próprios de relações inter-pessoais. Se não o fizerem, serão filosofia e religião para o alguém, limitadas ao saber parcial da ciência material.

O sentido da vida, considerando a Psicologia do Espírito, inclui aspectos psíquicos importantes que dizem respeito ao funcionamento da mente e do que nela se estrutura. O ser humano necessita saber o que se passa em seu mundo íntimo e só então poderá ajuizar a respeito do significado e sentido da vida.

O Espiritismo é uma religião que se propõe a apresentar a realidade existencial do Espírito, inclusive como é a vida após a morte do corpo físico. Seus princípios não se constituem em dogmas, mas em paradigmas que levam à compreensão da natureza humana, da vida e do Universo.

A Psicologia do Espírito anda de mãos dadas com o Espiritismo, pois ambos possuem zonas de fronteira nas quais os objetos de estudo se confundem. Ambos os conhecimentos estabelecem a diferença entre a mente e o Espírito e como este se utiliza daquela para sua evolução. O fenômeno mediúnico se torna mais compreensível quando os processos psíquicos se tornam conhecidos e delineados.

A Psicologia do Espírito vem gradativamente sendo construída nas Instituições Espíritas, através de estudos pertinentes e na forma de práticas que envolvem o aparelho psíquico. A Psicologia acadêmica acabará incorporando alguns paradigmas espíritas, aproximando-se da Psicologia do Espírito.

Com a Psicologia do Espírito, o sentido da vida se torna algo mais próximo do mundo íntimo de cada um do que da busca por um lugar ou por algo externo ao ser humano.

O sentido da vida na Psicologia Analítica

O ponto central da Psicologia Analítica, Teoria criada por Carl Gustav Jung é a *Individuação*. Muito embora tenha valorizado o processo pessoal de desenvolvimento da personalidade, Jung considera que é necessário atender primeiro àquilo que nos constitui a vida comum. Ele coloca¹⁴ que “*é preciso que tenha sido alcançada a finalidade educativa de adaptação ao mínimo necessário de normas coletivas*”, antes de colocar a *individuação* como objetivo principal. A *individuação* é a síntese do *Si-Mesmo* ou a realização do que se é, tornando-se aquilo para o qual se existe e foi criado. Individuar-se é tornar-se um ser único, plenamente em paz consigo mesmo e com a realidade que o cerca.

Jung afirma¹⁵ que “*O processo de individuação tem dois aspectos fundamentais: por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, é um processo objetivo de relação com o outro, tão indispensável quanto o primeiro. Um não pode existir sem o outro, muito embora seja ora um, ora o outro desses aspectos que prevaleça. Há dois perigos típicos inerentes a esse duplo aspecto: um, é que o sujeito se sirva das possibilidades de desenvolvimento*

¹⁴ Obras Completas, Vol. VI, par. 855.

¹⁵ Obras Completas, Vol. XVI, par. 448.

espiritual oferecidas pelo confronto com o inconsciente, para esquivar-se de certos compromissos humanos mais profundos e afetar uma “espiritualidade” que não resiste à crítica moral; o outro, consiste na preponderância excessiva das tendências atávicas, rebaixando a relação a um nível primitivo.” Isso nos leva a entender que o sentido da vida passa pela realização de dois distintos processos: um interno e outro externo. Razão pela qual, o sentido da vida, não é apenas uma idéia ou conceito filosófico sobre a existência, mas algo que se constrói enquanto se vive a vida comum. No processo, o indivíduo se percebe além do que parece ser para si mesmo e para os outros. Este trecho de Jung também nos leva à reflexão sobre o processo de iniciação religiosa, no qual alguns indivíduos, por se tornarem tarefeiros num ambiente sagrado, acreditam possuir o que desejam alcançar: uma personalidade espiritualizada. Conectam-se à subjetividade, porém sem ligação real com o *numinoso*. Tornam-se conhecedores de princípios religiosos, adotando alguns em sua conduta externa e evitam experiências que os levem a vivenciar aqueles que não conseguem seguir. Viver num ambiente religioso não significa adquirir espiritualidade. Esta exige muito mais do que seguir práticas ritualísticas.

A reforma íntima proposta pelo Espiritismo se aproxima do conceito de *individuação* em Jung, porquanto é considerada uma transformação ampla e não apenas moral. A reforma, ou transformação, deve ser interna e externa, levando o indivíduo, como afirmei antes, à construção da personalidade ótima. Aquela reforma pressupõe a admissão de uma crise na qual o *ego* queira mudar, viabilizando algumas atitudes conscientes. Tais atitudes podem ser resumidas em: percepção e integração da *sombra*, conscientização e dissolução dos *complexos*, confronto com a *ânima/ânimus*, administração das *personas* e, por último, a realização do *Self*.

Tal transformação não se dá apenas nos níveis intelectual e moral, mas também emocional. Jung coloca¹⁶ que *“ninguém que haja passado pelo processo de assimilação do inconsciente poderá negar o fato de ter-se emocionado profundamente e de ter-se transformado.”* O processo de assimilação do inconsciente é parte integrante da *individuação* de todo ser humano, na qual o envolvimento e a educação emocional são fundamentais. A consideração da emoção como componente importante dos processos psíquicos está presente em muitos textos de Jung. Ele chega a afirmar¹⁷ que *“não há transformação de escuridão em luz, nem de inércia em movimento sem emoção”*, numa clara valorização do mundo emocional sobre o racional.

Bleuler, contemporâneo de Jung, citado¹⁸ por este, afirmava que *“A afetividade, portanto, mais do que uma reflexão, é o elemento que pulsa em todas as nossas ações e omissões. Provavelmente, apenas agimos sob a influência de sensações de prazer e desprazer; as reflexões lógicas adquirem força apenas pelos afetos a ela relacionados... A afetividade é o conceito mais geral, em que o querer e a ambição significam apenas um aspecto”*. Desse conceito de Bleuler, Jung afirma¹⁹ que *“A base essencial de nossa personalidade é a afetividade. Pensar e agir são, por assim dizer, meros sintomas da afetividade. Pode-se perceber que, para ambos, a afetividade tem importância direta nas construções das idéias e dos conceitos, como também nas atitudes humanas. Pode-se dizer, baseando-se nessas idéias, que todo comportamento humano é precedido de alguma emoção inconsciente.*

Sobre o máximo sentimento humano, o amor, Jung colocava²⁰ que *“onde impera o amor, não existe vontade de*

¹⁶ Obras Completas, Vol. VII, par. 361.

¹⁷ Obras Completas, Vol. IX/I, par. 179.

¹⁸ Obras Completas, Vol. III, par. 78.

¹⁹ Idem, idem.

²⁰ Obras Completas, Vol. VII, par. 78.

poder; e onde o poder tem precedência, aí falta o amor. Um é a sombra do outro.” Quando todos afirmam o ódio como contrário do amor, ele coloca o poder, em sua face mais aviltante que é a indiferença humana. É, portanto, importante não esquecermos a função central da afetividade e, em particular, do amor, no processo de *individuação* e na reforma íntima. O sentido da vida também passa pela construção de relações afetivas e pelo desenvolvimento do amor como sentimento máximo. Para a construção de uma vida afetiva sadia e o desenvolvimento da capacidade de amar, ele afirmava²¹ que “*As pessoas, quando educadas para enxergar claramente o lado sombrio de sua própria natureza, aprendem ao mesmo tempo a compreender e amar seus semelhantes.*” Isso significa que a percepção das próprias inferioridades e a compreensão de que os males cometidos pelos outros poderiam ter sido feitos também por nós, nos torna capazes de amar. Na Psicologia Analítica, o sentido da vida passa pela transformação completa do indivíduo, em todos os aspectos que envolvem suas relações humanas, nas quais a afetividade e o amor são componentes essenciais.

Ele dizia²² que “*Queria entender o que realmente ocorre na alma das pessoas*”, pois só assim seria possível desenvolver uma psicologia da essência humana. Seria uma psicologia realmente da alma, como entidade viva e atuante no mundo. Ao se entender, a alma encontraria o sentido da vida. Nesse sentido, todo ser humano deve ser compreendido como uma singularidade indecifrável. Estar disponível a compreender o outro é considerar-se tão ignorante como ele, a seu respeito.

Ele afirmava²³ que “*O excesso de animalidade deforma o homem cultural; o excesso de cultura cria animais doentes.*”

²¹ Obras Completas, Vol. VII, par. 28.

²² Obras Completas, Vol. IV, par. 582.

²³ Obras Completas, Vol. VII, par. 32.

Este dilema mostra toda a insegurança que o erotismo traz ao homem. No fundo, é algo muito poderoso que, como a natureza, pode ser dominado e usado como se fosse impotente. Mas o triunfo sobre a natureza se paga muito caro. Em Jung, o sexo não é o problema, nem o ponto central de sua psicologia, mas sim a própria alma que o usa, sem inseri-lo no sentido da vida. Na vida cotidiana geralmente nos deparamos com o dilema existente entre o uso da razão e do instinto. Os excessos instintivos, tanto quanto a repressão deles, atrofiam a *psiquê*. Da mesma forma, a excessiva racionalidade, bem como sua desconsideração, alienam o indivíduo. O equilíbrio dessas polaridades, bem como sua educação, se encontra no respeito à natureza.

O sentido da vida tem sido muito frequentemente apresentado pelas religiões. Cada uma afirmando para seus adeptos que tem algo a lhes oferecer que os levaria a alcançar a tão sonhada felicidade após a morte. As religiões “pintaram” um quadro dantesco e paradisíaco para o Além, de acordo com a época e a conveniência de suas hegemonias. Com isto, contribuíram para enviesar o sentido da vida para seus adeptos. Atualizaram o arquétipo religioso, sem a devida percepção de que a alma evolui e não se cristaliza em opiniões ou crenças.

Sobre religião, Jung dizia²⁴: “*com o termo “religião”, não me refiro a uma determinada profissão de fé religiosa. A verdade, porém, é que toda confissão religiosa, por um lado, se funda originalmente na experiência do numinoso, e, por outro, na pistis, na fidelidade (lealdade), na fé e na confiança em relação a uma determinada experiência de caráter numinoso e na mudança de consciência que daí resulta. Um dos exemplos mais frisantes, neste sentido, é a conversão de Paulo. Poderíamos, portanto, dizer que o termo “religião” designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso.*” Para ele,

²⁴ Obras Completas, Vol. XI, par. 9.

portanto, religião implica em transformação da consciência, sem o que a vida não tem sentido e seu significado é, equivocadamente, postergado para o Além. Ele considerava que a finalidade da religião é preservar o equilíbrio psíquico em face das perturbações advindas à consciência por fatores incontroláveis. A consciência sempre quis e precisou de confirmações da religião para se asserenar nos momentos de crise. O Espiritismo, como religião de autotransformação, tem um relevante papel para aqueles que se adentram em sua doutrina: levá-los a alcançar aquele propósito.

Ainda segundo Jung, a segurança apresentada pelo Estado, com seu racionalismo e poderio militar, não é suficiente para trazer a cura contra os males internos, tratados como “demônios”. A religião tem sido utilizada com esse fim, porém sem grande sucesso, em face ao desprezo dado ao inconsciente. Valorizam um temor a Deus que não liberta, mas oprime e sufoca a consciência que deseja se libertar de tudo que leva à ignorância. As religiões só apresentarão uma proposta consistente a respeito do sentido e significado da vida quando se libertarem do dogmatismo e quando não mais desprezarem a vida como ela se apresenta ao indivíduo, em qualquer dimensão que esteja.

Sobre Deus, Jung afirmava que, em lugar de acreditar Nele preferia dizer que sabia de sua existência. Ele dizia²⁵: *“Deus, na realidade, formou uma imagem sua, ao mesmo tempo incrivelmente esplêndida e sinistramente contraditória, sem a ajuda do homem, e a implantou no inconsciente do homem como um arquétipo, não para que os teólogos de todos os tempos e de todas as religiões se digladiassem por causa dela, mas sim para que o homem despretenso pudesse olhar, no silêncio de sua alma, para dentro desta imagem que lhe é aparentada, construída com*

²⁵ Obras Completas, Vol. XVIII/2, par. 1508.

a substância de sua própria psique, encerrando tudo quanto ele viesse, um dia, a imaginar a respeito de seus deuses e das raízes de sua própria psique.” Tal afirmação coloca o problema de Deus como algo interno, isto é, gravado na própria *psiquê* humana. Razão pela qual ele defendia a necessidade de se buscar a realização do *Si-Mesmo* como imagem de Deus internamente por Ele constituída. Sua análise a respeito de Deus se restringia ao seu aspecto psicológico e não teológico.

Criticando uma concepção a respeito de Deus como super-absoluto, em face de um homem ínfimo e submisso, ele afirmava²⁶: “A doutrina que ensina que o indivíduo depende de Deus representa uma exigência tão grande sobre ele quanto a do mundo. Pode até acontecer que o homem acate essa exigência de maneira tão absoluta a ponto de se alienar do mundo da mesma forma que o indivíduo se aliena de si mesmo quanto sucumbe à mentalidade coletiva. Tanto num caso quanto no outro, o indivíduo pode perder sua capacidade de julgar e decidir-se livremente.” Vê-se que Jung se colocava ao lado do humano, tal qual *Prometeu*. Valorizava a questão humana em detrimento de uma visão teológica da vida. O ser humano é por ele colocado como legítimo representante de Deus, que dele se utiliza para apresentar-se.

Pelas afirmações de Jung pode-se observar que o processo de *individuação*, portanto, de realização de si mesmo, deve levar o indivíduo ao encontro do sentido e significado da vida. A realização da *individuação* torna o mito pessoal próximo à construção da personalidade ótima.

Com a visão simbólica trazida pela Psicologia Analítica, torna-se possível uma melhor percepção do mito pessoal. Os princípios estabelecidos para a compreensão da influência do inconsciente na vida consciente é possível

²⁶ Obras Completas, Vol. X, par. 507.



adenáuer novaes

perceber-se melhor os meandros da vida e de seu percurso.
O simbolismo dos processos que se vive, ao longo da vida,
pode nos levar a um melhor entendimento do mito pessoal.



Depressão e o sentido da vida

Estranhamente, a depressão²⁷ é um convite da Vida ao contato do indivíduo com seu inconsciente para que algo internamente se transforme. Nela, forças internas se digladiam na tentativa de alterar a ordem vigente, a serviço da Vida que precisa acontecer. A luz característica do mundo externo, com seus objetos, processos e pessoas, os quais traziam motivação ao indivíduo, perde seu brilho, pois este é ofuscado por algo interno que exige atenção.

A depressão é um conjunto de desistências que enfraquecem o sentido e o objetivo que se tinha com a própria vida. É uma perda consciente da energia de viver. Tais desistências são como protestos provocados por algo inconsciente que estava sendo esquecido. É a vida interna querendo ser vivida, infelizmente em prejuízo da vida externa, por falta de percepção adequada da pessoa.

Na depressão, o *ego* penetra perigosamente no inconsciente, fincando pequenas raízes que o retêm por tempo demasiado, sugando-lhe a energia de viver a vida externa. O receio de encarar seus próprios desafios o faz permanecer um tempo mais do que o suficiente vinculado a um *complexo* inconsciente.

Uma alquimia interna se realiza na depressão, na qual se fundem desejos, emoções e idéias que se tornam maiores do que o próprio indivíduo, tornando sua perso-

²⁷ Especificamente sobre este tema, ver livro *Alquimia do amor*, do autor.

nalidade inábil para a vida externa. O indivíduo sucumbe a si mesmo, numa morbidez típica, que lhe suga as energias fomentadoras de experiências relacionais. A vida toma direção contrária ao processo de conexão com experiências externas, geralmente transformadoras e eliciadoras de novas atitudes.

No entanto, o que parece ser doentio tem sua face saudável. O que jaz no inconsciente não morreu. Ali está, à espera de transformação. Não se deve condenar a doença por ela existir, pois se trata de um mecanismo de equilíbrio da Vida, para que a vida se realize. O contato com o inconsciente visando a fuga da consciência é prejudicial. Quando o contato é feito objetivando a ampliação da consciência e seu necessário amadurecimento para o enfrentamento da vida e de seus desafios, ele proporciona evolução da personalidade.

Na depressão, o sentido da vida se polariza na direção oposta à extroversão da libido, pois esta é usada pelo *complexo* inconsciente não dissolvido. O conteúdo desse *complexo* está diretamente relacionado ao sentido da vida. Alcançar esse *complexo* será fundamental, não só para o restabelecimento da saúde psíquica do indivíduo, como também para uma melhor percepção do sentido da vida. É sempre desejável que o indivíduo que sai de uma depressão, sinta-se muito melhor e mais maduro do que antes de entrar. Quando tal acontece, a depressão cumpriu seu objetivo.

A depressão é um desafio à personalidade que se recusa a viver, permanecendo paralisada por medo de sofrer ou de perder o que conquistou. Quando a pessoa permanece na doença, sofre e perde do mesmo jeito. Não há saída melhor do que enfrentar o que parece ser aversivo.

A personalidade que permanece na depressão nem sempre sabe quando entrou, porém deseja logo dela sair. Infelizmente, não percebe que seu desejo muitas vezes situa-se num campo mágico de soluções imediatistas, sem

o necessário contato com o inconsciente. O sentido da vida está à espera de ser desvendado para o alívio e crescimento do depressivo. Sua inércia o impede de subir um degrau além da ignorância sobre si mesmo.

As noites mal dormidas, a tristeza persistente, a falta de desejo, bem como o sentimento de desesperança, são companheiros tenazes do depressivo. Tudo isso porque não pretende entrar em contato consigo mesmo e dar um grande salto evolutivo. Romper com o egocentrismo, saindo da acomodação, é fundamental.

Um dos destinos do depressivo, que se demora no contato inconseqüente com seu inconsciente e que evita a vida, é o atraso em relação aos seus entes mais queridos. Todos se vão, realizando suas vidas e ele fica à espera de que se voltem para ele.

A depressão deve levar o indivíduo para além de onde ele esteve. Só ele sabe que prejuízo psíquico ela lhe trouxe. Razão pela qual deve tirar proveito de ter ido ao “fundo do poço”. A causa considerada pelo próprio depressivo como o motivo principal de seu estado deve ser o ponto para o qual sua atenção deve se voltar. É nela que está a saída. Sobre ela devem ser feitas reflexões. Deve ele se perguntar até esgotar todas as respostas: O que a Vida quer me ensinar com isso? Enquanto não houver uma resposta que modifique o estado de espírito do indivíduo, a reflexão deve continuar.

A saída da depressão pode se dar através de diferentes maneiras e tratamentos. O melhor deles é quando o próprio indivíduo compartilha seu problema com alguém; quando divide o que lhe pesa, saindo do casulo para um entendimento com outra pessoa. Tal compartilhamento é o início do processo de cura. Dividir um conflito com alguém é multiplicar as chances de solução.

No fundo, o depressivo quer uma solução, mesmo que tenha a consciência de que está fugindo. Não sabe ele que sua pretensão maior só se dará quando decidir

abandonar seu egocentrismo. Seu “fundo do poço” é seu isolamento total com respectivo sentimento de inutilidade. Esse sentimento deve ser combatido com a humildade, pois se trata de uma exigência muito grande para consigo mesmo. Seu alto nível de exigência o impede de enfrentar a derrota ou a perda consciente, que são processos coletivos pelos quais todos passam.

O mito pessoal do depressivo se aproxima do tema do “patinho feio”, cujo desfecho é descobrir a beleza de ser um cisne. Até lá, passará por muitas provas e dificuldades, cujo término coincidirá com a descoberta de si mesmo.

Não é fácil aproveitar a depressão para crescer, mas é perfeitamente pertinente, estando em seu início, lembrar-se de que há, em curso, um convite da Vida para a renovação interior.

Querendo fugir do destino

Uma certa vez, fui visitar uma menina, portadora de nanismo, de pouco menos de um ano de idade, hospitalizada com suspeita de doença infecto-contagiosa. Os pais da criança são pessoas queridas e a mãe me pedira para lhe fazer uma visita. Ela tinha receio de que algo grave acontecesse a sua filha. Depois dos procedimentos de praxe, entrei na Unidade de Tratamento Intensivo para crianças, num Hospital da cidade de Salvador. Sentei-me numa cadeira junto ao leito, pois a criança tinha sido medicada e dormia. Ela tinha o corpo monitorado por aparelhos diversos e recebia medicação misturada ao soro, através de uma de suas pequeninas veias do dorso de uma de suas mãozinhas. Uma das enfermeiras, quando ofereceu-me a cadeira, colocou-a ao lado do leito, de tal forma que eu via o rosto da criança. Só havia mais outra criança na Unidade. Enquanto a olhava, fiquei pensando como a Vida é fantástica, ao dar ao espírito um corpo tão frágil, mas ao mesmo tempo tão resistente e capaz de abrigar um ser humano. Comecei a orar pelo restabelecimento da saúde da criança, sem saber a doença que tinha.

Em dado momento, para grande surpresa minha, pensei ter ouvido um lamento vindo da criança. Olhei em sua direção e ela continuava dormindo. Admirado e espantado, ao mirar o rosto da criança, ouvi claramente sua voz, sem que seus lábios fizessem qualquer movimento. A criança continuava dormindo, mas eu ouvia sua voz dentro

de mim. Entre nós dois iniciou-se o diálogo mental, que a seguir relato.

Ela: *Não quero este corpo.*

Eu: *Você o pediu e certamente há um propósito para ele ser assim.*

Ela: *Mas eu não quero. É muito pequeno. Quero desistir.*

Eu: *Você pediu para nascer e recebeu pais muito atenciosos que cuidam e cuidarão de você. Confie, pois a Vida reserva surpresas a você.*

Ela: *Vai ser muito difícil viver assim.*

Eu: *Não se preocupe, pois você se preparou para enfrentar sua condição diferente. Você é valente e corajosa, saberá enfrentar as dificuldades que vierem. Persista.*

Não houve continuidade do diálogo, pois não mais ouvi sua voz. Era uma voz de adulto-jovem, pois não era de criança nem de pessoa idosa.

Fiquei mais alguns minutos ao lado da criança, tentando entender o que ali se passara. Pude perceber que, por algum motivo, houve um contato entre nós dois. À medida que compreendia a comunicação, sentia que ela não desistiria.

A outra criança internada devia ter uns quatro anos. Ela estava acordada e sua mãe velava ao lado do leito. Na saída da Unidade, a mãe se dirigiu a mim, pedindo que rezasse pelo seu filho. Disse-lhe que o faria. Uma voz interior me dizia que aquela criança não resistiria, muito embora aparentasse sinais de vitalidade. Por motivos alheios ao meu entendimento, o espírito encerrado naquele corpo retornaria ao Mundo Espiritual, pois já completara seu período de aprendizado nessa encarnação. Não disse nada à mãe e saí da Unidade. Do lado de fora, comuniquei à mãe da criança que fora visitar, que ela sairia bem do hospital. Dias depois, realmente, a que fui visitar saiu sem problemas e a outra faleceu.

Sempre acho que é possível fazer um esforço maior para enfrentar qualquer desafio, mesmo quando tudo

parece contrariar. Ninguém pode determinar o destino de outra pessoa, tampouco o futuro está completamente determinado. Persistindo, poderemos vencer obstáculos inimagináveis e alcançar o que almejamos.

Tempos depois, inspirado naquela criança, escrevi uma página, resumida adiante, para aqueles que pensam em desistir quando a vida apenas está começando a apresentar as experiências necessárias ao aprimoramento da alma. Ninguém sabe quando os desafios vão começar ou quando terminam. Quando se iniciarem, deve-se enfrentá-los com determinação, coragem e com a certeza de que terão um fim, cujo resultado será benéfico ao espírito.

Àquele que pensa em desistir

Continue. Persista. Falta muito pouco para você se sentir melhor. Não desista. Mesmo que muito tempo tenha se passado desde que você começou essa jornada e os sinais de cansaço já tenham aparecido. A demora em finalizar a experiência difícil está na proporção de sua ansiedade. Enquanto você atravessa a experiência, tente colocar seus pensamentos em sintonia com Deus, para que você alcance a razão pela qual você está vivendo isso.

Não se sinta só. Nada lhe garante que Deus não está em você. Sente-se em depressão? Lembre-se de que no fundo do vale escuro se encontra a límpida água. Aprenda a bebê-la enquanto enfrenta seu desafio pessoal. Há companhias espirituais com você que desejam seu bem. Tente entrar em sintonia com elas. Não pense que só existem aquelas que lhe querem mal.

Evite se colocar como vítima de si mesmo, de alguém ou do destino. Todos somos construtores do que se passa conosco mesmos. Participamos do Universo como cocriadores dele. Há processos que atravessamos que não dependeram de nosso livre-arbítrio, pois são propostas de Deus para nosso aprendizado.



Talvez você queira algo melhor para sua vida e isso não é um problema. Ao contrário, é o que o mantém vivo. Persiga seus objetivos, mudando de estratégias. O que lhe parece difícil apresenta algo que você desconhece.

As circunstâncias adversas, que porventura façam parte de seu destino desde o nascimento ou adquiridas involuntariamente, são estigmas que denunciam sua capacidade de superação, pois não há provas ou expiações além das forças do espírito em vencê-las.

Não despreze as pessoas à sua volta. A vida enriquece-se quando estabelecemos conexões afetivas. Muita gente ao seu redor deseja o que você mesmo quer.

Alimente a esperança pessoal e a dos outros. Ela é a energia que nos faz viver o presente, mesmo desejando o futuro. Esperança não é a certeza de que tudo vai dar certo, mas de que, independente dos resultados, há um sentido pelo qual se vive.



O sentido da vida e o tempo

Tudo na Natureza está submetido ao tempo, que torna a vida relativa e condiciona o Espírito a ciclos diversos. Para sua necessária evolução, o Espírito vive experiências, nas quais o fator tempo as enquadra para a devida assimilação como unidades de compreensão dos paradigmas das leis de Deus. Tal enquadre gera determinadas disposições mentais facilitadoras da assimilação de certos princípios divinos. A divisão do tempo (segundos, minutos, horas, dias, etc.) permite o enquadre das experiências em limites que facilitarão a percepção da totalidade cósmica.

A efemeridade das coisas e de cada momento da vida permite que se possa sentir a leveza e fugacidade do presente. A consciência dessa impermanência leva o Espírito à apreensão de um saber cada vez mais distante do primitivismo de onde veio. Por outro lado, o pragmatismo de se sentir inserido no tempo lhe oferece outras formas de aprendizado.

A visão limitada de uma encarnação inibe a percepção do sentido da vida. Considerar que ela vai além do corpo físico é fundamental para a consciência do sentido da existência. Pode-se, no entanto, projetar horizontes para a vida material considerando os desejos de realização de determinados ideais. Isso poderá conter um sentido para a vida, porém considerar sua imortalidade e continuidade após a morte, ampliará os horizontes e limites da existência. Aqueles ideais serão incluídos em outros muito maiores.

Mas, e se a relatividade do tempo for inserida, considerando então a eternidade? Certamente que existirão outros horizontes a ser alcançados, exigindo ideais cada vez mais ampliados. O Espírito terá de conceber etapas mais complexas. Terá de planejar melhor seu presente, visando um futuro mais amplo de possibilidades.

Muitos acreditam que o tempo é o senhor da razão e que tudo se resolve segundo o seu curso. Porém, esquecem que o tempo é apenas uma dimensão dentre muitas. O que resolve os conflitos não é o tempo, mas o que se faz em sua dimensão. É a experiência de confronto com o que é complexo e difícil de ser resolvido que representa a solução, pois é o que gera aprendizado. A espera de que o tempo resolva, significa acomodação e procrastinação.

Podemos, para um estudo preliminar da questão do tempo e do planejamento do futuro pessoal, dividir as pessoas em quatro tipos, mesmo considerando que possam existir outros, de acordo com suas crenças e correspondentes práticas:

1. Os indivíduos que não crêm na reencarnação nem na imortalidade e individualidade do Espírito. Estes vivem a vida para alcançar objetivos pertinentes ao campo da matéria. Em suas mentes, basta o que pretendem para o corpo físico, para a satisfação da vida social e para os limites de suas satisfações íntimas. Podem viver uma vida dentro da normalidade, sem grandes realizações para si próprios. Podem até serem benfeitores da humanidade, pois a ambição humana também é aproveitada por Deus; o sentido da vida é limitado à existência material.

2. Os indivíduos que crêm na imortalidade e individualidade do espírito, mas não na reencarnação. Os horizontes destes são mais espirituais do que materiais. Vivem uma vida para o Além, deixando o aquém de lado. São alienados em relação à vida material. Usam a vida material como apoio para a vida espiritual. Não acreditam que vão

voltar à carne e, por isso, não se preocupam com a sociedade a que um dia deverão retornar. O sentido da vida é transportado para o Além.

3. Os indivíduos que crêm na reencarnação, mas não na imortalidade e individualidade do espírito. Estes são indecisos. A individualidade após a morte não é para eles um fato. Serão, segundo acreditam, dissolvidos no Todo. Para eles, alguns retornam a um corpo de carne para expiar dívidas, para, quando livres, serem também dissolvidos no Todo. A vida material é desprezada, por causa da crença na dissolução no todo e supervalorização da espiritualização superficial na matéria. O sentido da vida é vago e pouco consistente.

4. Os indivíduos que crêm na reencarnação e na imortalidade do Espírito. Estes valorizam a vida material e a espiritual, pois as vêem como processos contínuos, separados por dimensões vibracionais distintas. Sabem que vão retornar a um novo corpo e por isso cuidam da vida material, pessoal e social. Valorizam a vida espiritual, sem esquecimento da responsabilidade da vida material. O sentido da vida é mais amplo e se modifica a cada fase da evolução pessoal e coletiva.

Como se pode perceber nesta simples divisão, o sentido da vida varia com a crença, portanto com a consciência da duração da vida, ou melhor, do conceito que se tenha de vida. A perspectiva de um tempo curto ou longo para a existência alterará o sentido que a ela se aplica. Da mesma forma, a consideração do tempo como um ente absoluto, reduz as perspectivas de vida e os horizontes de uma pessoa.

Será difícil avaliar a vida sem o tempo, mas é possível se pensar num tempo infinito para a realização das coisas. Assim ela acontecerá com a consciência e compreensão dos processos complexos nos quais o ser humano se envolve. Mesmo que se pense na distância em que a humanidade se encontra de um estágio no qual o tempo inexistia,

é possível imaginar a eternidade de um momento, diante da urgência de se tomar alguma decisão muito importante. É também possível se perceber o quanto rápido passa uma existência, cujo tempo para se realizar o que se deseja é considerado curto, principalmente para quem envelheceu.

É fundamental que o espírito encarnado, ou alma, como bem caracterizou Allan Kardec, sob orientação dos espíritos que lhe transmitiram a Doutrina Espírita, amplie seus horizontes materiais e espirituais. Não pense que a encarnação se presta apenas para a vida após a morte do corpo, pois também tem sua utilidade em cada momento presente.



Como encontrar um sentido para a vida

O sentido da vida não é algo coletivo, muito embora receba contribuições do pensamento da sociedade na qual se vive ou viveu. Basicamente, o sentido da vida é o viver de forma a esgotar os desejos internos, realizando a personalidade que quer se manifestar em cada ser humano. Dentro desse propósito, o indivíduo descobrirá as leis de Deus, cuja utilidade se torna importante a cada fase da evolução.

Os caminhos para se encontrar o sentido da vida são múltiplos, variando de pessoa a pessoa e de época a época, razão pela qual as formas padronizadas de buscas do sentido da vida são limitadoras. Cada caminho contém seu próprio aprendizado. Nenhum caminho deve ser sumariamente negado, muito embora se possa alcançar idênticos propósitos por outros. O Espírito sopra aonde quer, pois nasceu livre e para uma liberdade maior caminha. Neste sentido, as religiões são guias para que se encontre um sentido para a vida.

A seguir, relaciono alguns conselhos para quem deseje encontrar um sentido para a própria vida. São considerações simples, mas que podem auxiliar quem esteja perdido e que necessite estabelecer um sentido maior pelo qual se queira viver.

1. Trace objetivos a curto, médio e longo prazo. Considere um ano para o curto prazo, cinco anos para

médio prazo e o resto da vida para longo prazo. No longo prazo admita inicialmente que viverá até os noventa anos. São objetivos tudo aquilo que pode ser alcançado a partir de seu próprio esforço pessoal;

2. Relacione metas sociais a serem alcançadas. Considere as seguintes metas sociais: dar gratuitamente algumas horas na semana em um trabalho caritativo, auxiliar financeiramente uma instituição de caridade, participar de uma organização não governamental, auxiliar alguma família em risco social, ou seja, qualquer ação que tenha como alvo interferir para a melhoria do contexto social;

3. Relacione metas pessoais mínimas, como cidadão, a serem alcançadas. Considere as seguintes metas pessoais mínimas: ter um relacionamento amoroso estável, ter um plano exequível de pagamento de dívidas financeiras, estar em dia com obrigações de cidadão (imposto de renda, eleições, etc.), ter um meio lícito de obtenção de recursos financeiros e estabelecer uma boa relação com a família;

4. Relembre seus sonhos juvenis. Quais deles são importantes e que poderiam ainda ser realizados. Caso haja algum, faça planos para executá-lo. Verifique se, a partir de um remanejamento de atividades ou planejamento do uso do próprio tempo, seria possível atender à execução daqueles sonhos juvenis;

5. Verifique se existem processos mal resolvidos em sua vida, no que diz respeito a assuntos familiares, cuja solução possa ser atingida com sua iniciativa. Geralmente envolvem mágoas e mal-entendidos. Não postergue decisões a esse respeito, pois tais pendências costumam suprimir energias e reduzir disposições de viver;

6. Utilize de forma produtiva seus dias sabáticos. Neles você poderá meditar e planejar mudanças de atitudes na vida. São dias em que você possa se dedicar ao lazer e à contemplação da natureza. Neles você recuperará energias e ganhará disposição para novos propósitos. Evite usar seu tempo disponível, sem trabalho, para atividades

que lhe deixem extenuado ou sem real acréscimo de qualidade de vida;

7. Procure o máximo possível ser sincero consigo mesmo e transparente com as pessoas. Nada queira delas nem lhes atribua responsabilidades que não possam assumir. Cuide para que não lhes sobrecarregue com culpas ou responsabilidades demasiadas. Seja para os outros aquilo que gostaria que fossem para consigo;

8. Procure ler mais e anotar com freqüência suas próprias idéias, a fim de fixá-las melhor. Sua memória nem sempre estará totalmente disponível a você. Quanto mais você estudar e conhecer o pensamento de outras pessoas, mais estará preparado para novos desafios. A leitura de hoje será a preparação para a lição de amanhã;

9. Conscientize-se de sua imortalidade pessoal. Isso é um grande e importante motor para a vida. É fator de equilíbrio e discernimento a respeito das coisas. Não basta informar-se a respeito da imortalidade ou considerar uma crença religiosa, pois é preciso incorporar à própria essência a consciência da morte da atual personalidade e sobrevivência da individualidade;

10. Acostume-se a dialogar consigo mesmo, de forma madura, considerando que junto a você estão, vez por outra, espíritos que o ajudarão a entender-se e à vida. Perceba a participação sutil de outras inteligências invisíveis aos seus olhos nas experiências de sua vida, pois ninguém está só no Universo;

11. Desenvolva hábitos sadios que contribuam para uma personalidade feliz. Aprenda a falar sem demonstrar superioridade, considerando que todos têm algo a ensinar e a aprender. Relacione-se com os outros, ampliando cada vez mais seu círculo de relacionamentos. Desenvolva uma personalidade extrovertida sem perder sua capacidade introvertida, utilizando ambas de forma harmônica e a serviço da própria evolução;

12. Adote uma ética provisória e a aprimore gradativamente na relação com seu semelhante. Seja o melhor possível para si mesmo.

Esses conselhos não são absolutos. Devem ser adaptados para cada indivíduo. Nem sempre podem ser seguidos em sua totalidade, mas quando seriamente realizados, aproximam o indivíduo de um sentido pessoal à sua vida. Tais conselhos, quando praticados, são geradores de experiências significativas na vida, permitindo a construção de um sentido, para que ela se realize visando o encontro com o *Si-Mesmo*. Cada uma dessas experiências pode levar o indivíduo a conectar-se com sua essência mais íntima, por causa da proximidade com a espiritualidade pertinente a elas.



Impedimentos à percepção do sentido da vida

Os impedimentos se encontram no mundo íntimo de cada ser humano. Seus processos psíquicos, sua forma de enxergar o mundo, seus *complexos* inconscientes e o foco de atenção que dá à própria vida, são impedimentos a uma melhor percepção do sentido da vida. Todo indivíduo tem um sentido para a própria vida, porém estará limitado quando não entender a totalidade do viver pessoal e coletivo. Quando permanece focado exclusivamente em interesses pessoais ou em problemas inerentes ao ser humano, estará também limitando sua visão a respeito da Vida, não alcançando seu sentido.

Um certo pragmatismo, característico da civilização tecnológica, também contribui para a cegueira em relação à percepção do sentido da vida. O mito do ser humano, nesta fase da humanidade, é deslocado para o fazer e o aproveitar os modismos que aparecem a cada momento. Os grupos de pessoas que surgem fazendo retiros espirituais e viagens a locais de recolhimento espiritual, demonstram o enclausuramento da civilização moderna. O racionalismo, que vem dominando o pensamento filosófico, desde o Século XVII, tem abafado o desabrochar de uma espiritualidade sadia. A humanidade, com certa razão, ainda olha para a Idade Média sentindo os malefícios de um espiritualismo dogmático e até sanguinário. Com isso, o espiritualismo moderno é olhado com desconfiança.

Esses poucos, que se interessam pela própria espiritualização e pela do planeta, continuarão colocando no lugar mais alto de suas consciências um sentido para a existência humana, que vem servindo de bússola para os demais. São faróis na escuridão do pragmatismo, e apontam seus holofotes para a matéria, mantendo por detrás deles a ignorância a respeito da mente e do Espírito que ilumina a vida. Em paralelo, uma grande massa de descrentes, ignorantes e alienados teima em não enxergar o óbvio: a realidade do espírito imortal.

Tais pessoas, embevecidas pela vida em seu imediatismo inebriante, apresentam certas particularidades em suas personalidades, a seguir descritas.

1. São pessoas que exacerbam seus próprios valores, privilegiando seus interesses, quando deveriam, por justiça, respeitar os de outrem. Não percebem a relevância da coletividade na qual estão inseridas e nem conseguem enxergar a existência de uma ordem supra-humana.

2. São pessoas que se tomam como referência de tudo, interpretando a realidade a partir de seu exclusivo ponto de vista, excedendo-se em vaidade e exaltando-se continuamente. Vivem *Narciso* no culto a um ideal de pessoa, sem bases na experiência vivida. Pensam que são o que desejam ser.

3. São pessoas que não costumam ter gestos altruístas, sendo incapazes de agir em causas coletivas. Seu egocentrismo contaminou a personalidade, impossibilitando a manifestação de simples gestos anônimos de caridade. Não entendem de solidariedade nem de desenvolvimento social. Vivem à procura de satisfazer a própria ambição desmedida.

4. São pessoas que amealham muito, sem distribuir prosperidade à sua volta. Disputam a ferro e fogo prestígio, poder e patrimônio, vitimadas pelo desejo de ter, a qualquer custo. Iludidas pelo desejo descontrolado de se tornarem externamente o que não são internamente,

amealham para si o que não podem desfrutar no além túmulo. Geralmente arrependem-se depois da morte, retornando a novo corpo com a esperança de não mais se deixarem iludir pelo ouro reluzente.

5. São pessoas que sempre alegam não ter tempo para auxiliar o próximo ou para atividades que visem o bem estar coletivo. Vivem o tempo da matéria, que tudo acelera e promove ansiedade desmedida. O tempo do Espírito que eternamente corre não é considerado. Para estas pessoas, a eternidade é uma quimera de alguns poucos, inebriados pelo canto das religiões que enganam. Geralmente conhecem a palavra caridade quando dão alguma esmola a um pobre mendigo, aliviando a frágil consciência religiosa.

6. São pessoas que não poetizam a vida quando é imprescindível senti-la. São muito lógicas e agem matematicamente, bloqueando os próprios sentimentos. Costumam não enxergar as razões do coração, alienando-se das emoções geradoras de vínculos afetivos. Empobrecem a vida, retirando dela a magia, o sentimento e o amor que a tudo permeia. Tornam-se pesadas, rastejando no chão, sem conseguir alçar vôo na direção da felicidade.

7. São pessoas que usam excessivamente a razão, sem dar lugar ao sentimento no trato com seu semelhante. São frias e calculistas em suas relações inter-pessoais, não permitindo a aproximação de ninguém. Estão sempre competindo na relação com o outro, desejando sutilmente superá-lo. Demonstram agressividade ao menor sinal de invasão de seus direitos, os quais são constantemente lembrados. Evitam o contato com os próprios sentimentos para não serem traídos pela entrega amorosa.

8. São pessoas que adotam fanaticamente uma religião como forma de proteção do mal, sem se permitirem viver a liberdade inerente ao espírito humano. Fogem do mal como se algo externo fosse e não percebem a projeção que realizam. Não conseguem enxergar a relatividade

do mal, nem têm a consciência de que o julgamento que fazem das experiências da vida, classifica estas experiências em bem ou mal. Não vêem o mal dentro de si mesmas, abrigado em cada julgamento moral que fazem.

A tais características são acrescentados aspectos que inferiorizam a personalidade, pelo pouco valor atribuído às experiências emocionais e pelo julgamento ético a respeito delas. Não basta a pessoa viver a vida passivamente, pois o Universo exige reflexão, ação e escolhas, visando a própria evolução.

Uma vida voltada excessivamente para o externo, com preponderância pela busca em acumular bens materiais, além de sobrepor-se aos outros, certamente impede a percepção de seu profundo significado.

Um investimento no desenvolvimento da própria personalidade e no autoconhecimento, além de cuidar da própria transformação é fundamental para a compreensão do sentido da vida.

Os tipos psicológicos e o mito pessoal

Carl Gustav Jung considerava que todos os fenômenos psicológicos são expressões ou manifestações da *energia psíquica*. A disposição (direção) da *energia psíquica* na consciência orienta-a para que a atenção seja dirigida inicialmente para objetos externos e, em seguida, para objetos internos. Isso determina um certo valor maior aos objetos externos ou às percepções subjetivas a respeito deles. A *energia psíquica* dirigida e centrada nos objetos externos, como a cooptá-los, determina um predomínio da extroversão. Por outro lado, a *energia psíquica* dirigida e centrada nas percepções subjetivas dos objetos determina um predomínio da introversão. O direcionamento da *energia psíquica* e o modo como o indivíduo se relaciona com os objetos modulam o grau de assimilação psíquica das imagens e fatos percebidos. A percepção da realidade se dá de forma automática e nem sempre é feita de forma consciente.

Com isso, podemos considerar duas atitudes típicas no ser humano: a extroversão e a introversão. A primeira orienta a consciência para fora e a segunda para dentro, determinando a existência de pessoas predominantemente extrovertidas ou introvertidas, respectivamente. A pessoa mais extrovertida tem as seguintes características:

1. Orienta-se por circunstâncias objetivas;
2. Afirma a importância do objeto que, muito embora possa não ter tanto valor, tem sua importância aumentada. Geralmente se perde nos objetos;
3. Frequentemente interfere em tudo, querendo opinar e contribuir de alguma forma;
4. Tem relacionamentos massificados e, muitas vezes, faz aquilo que os outros esperam, reprimindo sua natureza íntima;
5. Costuma opinar a partir de fatos, não valorizando a subjetividade e necessidades transcendentais;
6. Procura orientar-se pelas regras sociais legais e profissionalmente pelo que dita a época e as condições favoráveis;
7. Evita inovações que estejam além das expectativas do meio e aproveita as chances que aparecem;
8. Busca constantemente se tornar importante perante os outros, é dado a crises explosivas e tem tendência egocêntrica inconsciente.

Ao contrário, a pessoa introvertida tem as seguintes características:

1. Orienta-se por circunstâncias subjetivas;
2. Previne-se contra o excessivo poder do objeto, reduzindo-o, muitas vezes se perdendo em seus próprios conteúdos internos;
3. Tem caráter reservado, pouco participativo, geralmente se defendendo contra as solicitações externas. Caracteriza-se pela repressão às manifestações exteriores;
4. Seus relacionamentos são monopolizados e faz aquilo que considera adequado para si;
5. Costuma opinar a partir de impressões, dando alto valor ao subjetivo e transcendente que ocorre em seu íntimo;
6. Sua orientação geral se dá pelas interpretações das leis sociais e, profissionalmente, orienta-se pelo que considera internamente realizador;

7. Geralmente adere a inovações criativas, ao mesmo tempo em que cria oportunidades de crescimento;

8. Dá pouca importância e valorização ao ambiente e ao convívio social. É dada a crises depressivas pela sua tendência egocêntrica consciente.

É evidente que, uma maior ou menor permanência numa das atitudes psíquicas, em determinadas fases da vida, promoverá significativas alterações no destino pessoal e no mito que se vive.

As atitudes psíquicas são, em geral, inconscientes, mas podem vir a se tornar conscientes. Uma pessoa poderá modificar, com certa disciplina mental, sua atitude psíquica predominante, adotando comportamentos típicos da oposta. Tal mudança poderá favorecer certas experiências que se deseje viver para aprender novos conhecimentos, vivendo diferentes emoções.

Em seus estudos sobre a mente humana, Jung identificou funções psíquicas da consciência, para a apreensão da realidade. Ele estabeleceu, a partir de estudos a respeito da alma humana, quatro funções pertencentes à consciência, que direcionam a apreensão do conhecimento da realidade. Denominou tais funções de: pensamento, sentimento, sensação e intuição. São funções, cuja utilização é inconsciente ao *ego*, portanto, automáticas; prestam-se à apreensão da realidade, segundo princípios específicos que destacam determinados aspectos particulares.

A função pensamento é aquela que permite o conhecimento intelectual e lógico a respeito das coisas. Em oposição à função pensamento, a função sentimento é aquela que permite um julgamento subjetivo a respeito das coisas. A função sensação é a percepção de que as coisas existem pela competência dos sentidos físicos. Oposta à função sensação, a função intuição é aquela que permite a percepção das coisas por via inconsciente. Não sendo sensação, ela permite uma visão de totalidade das coisas sem o uso dos sentidos físicos.

As quatro funções, quando aliadas às duas atitudes, geram características na personalidade que podem ser agrupadas de forma sintética, como se o ser humano pudesse ser enquadrado em tipos. Não são tipos rígidos ou com seus limites plenamente estabelecidos. A diversidade de seres humanos não pode ser reduzida a pequenos traços observados em seu comportamento, pois cada indivíduo é único, muito embora também seja coletivo.

As quatro funções psíquicas, aliadas às atitudes, promovem algumas características à personalidade, a seguir descritas. As primeiras se referem aos indivíduos marcadamente extrovertidos e as segundas aos indivíduos marcadamente introvertidos.

O indivíduo extrovertido, quando no predomínio da função pensamento, apresenta as seguintes características em sua personalidade:

1. Julgamento orientado a partir de percepções externas e de idéias captadas objetivamente;
2. Mantém seu pensar ligado ao objeto e a fatos concretos;
3. Rege sua atividade por conclusões intelectuais orientadas por dados objetivos;
4. Rege sua vida por fórmulas práticas, não tolerando exceções;
5. Justiça e verdade são expressões superlativas;
6. Reprime atividades estéticas, artísticas e religiosas;
7. Costuma agir impessoalmente, inconscientemente, reprimindo os próprios sentimentos;
8. Possui um pensamento sintético e criativo.

O indivíduo extrovertido, quando no predomínio da função sentimento, apresenta as seguintes características em sua personalidade:

1. Emite adjetivos que não são sentidos, fazendo-o por adequação ou conveniência;

2. Seus sentimentos são orientados por determinantes objetivos;
3. Só consegue pensar adequadamente sobre aquilo que sente;
4. Sua vida é pautada em escolhas amorosas;
5. Seus sentimentos estão em sintonia com situações objetivas;
6. Geralmente estabelece relações amorosas com relativa facilidade;
7. O pensar que não se ajusta aos sentimentos é infantil, arcaico e negativo, sendo reprimido;
8. O pensamento inconsciente, quando chega à superfície, surge em forma de idéias obsessivas.

O indivíduo extrovertido, quando no predomínio da função sensação, apresenta as seguintes características em sua personalidade:

1. A sensação é determinada pelo objeto;
2. O indivíduo é orientado pela realidade diretamente percebida pelos sentidos;
3. Possui um realismo e um senso objetivo dos fatos bem desenvolvidos;
4. Busca a sensação, desprezando o que vem de dentro de si mesmo;
5. Aceita considerações quando baseadas nas sensações;
6. Seu gostar se baseia na excitação sensual do objeto.
7. Despreza a subjetividade e tudo que pareça psicógeno;
8. Costuma se vestir bem e geralmente tem gosto refinado.

O indivíduo extrovertido, quando no predomínio da função intuição, apresenta as seguintes características em sua personalidade:

1. Atitude de expectativa e contemplação diante dos objetos externos;
2. Está sempre em busca de algo mais além do que as sensações podem oferecer;
3. Abre possibilidades e encontra saídas não perceptíveis pelas outras funções;
4. Abre novos ciclos e oportunidades com relativa facilidade, porém, fragmenta sua vida e não se utiliza da persistência para alcançar o que deseja;
5. Enxerga potencialidades e se orienta pelo futuro, sendo dado a fantasias desprovidas de realidade;
6. Dificilmente está em situação estável ou duradoura.
7. Gosta da aventura e costuma correr riscos, saciando-se com facilidade do que gosta;
8. Costuma não aproveitar o que conquista.

O indivíduo introvertido, quando no predomínio da função pensamento, apresenta as seguintes características em sua personalidade:

1. Julgamento orientado a partir de percepções internas e de idéias construídas subjetivamente;
2. Em contato com objetos e fatos, abstrai-se em seus pensamentos, voltando-se para si;
3. Aprofunda idéias sem ampliá-las. Suas idéias se aproximam da universalidade das imagens primitivas;
4. O sujeito é sempre superior ao objeto;
5. É persistente e irredutível na perseguição de suas idéias. Tem um certo receio do feminino;
6. Transita do real à fantasia com facilidade, por vezes sem saber distinguir um do outro;
7. Costuma ser desajeitado e anti-social, fugindo da exposição pública, tendo tendências à solidão;
8. Possui convicções rígidas e inflexíveis, geralmente não aceitando críticas por mais justas que sejam.

O indivíduo introvertido, quando no predomínio da função sentimento, apresenta as seguintes características em sua personalidade:

1. Seu sentimento não valoriza o objeto.
2. Procura dominar seu objeto de amor.
3. Tem dificuldade em expressar com clareza seus sentimentos.
4. Seus sentimentos são orientados por subjetividades pouco compreensíveis. Os fatos não predominam sobre a subjetividade inferida.
5. Afasta-se dos sentimentos dos objetos por lhe parecerem ameaçadores, permanecendo indiferente a eles.
6. É dado a sentimentos platônicos e secretos. Por vezes tenta adaptar os fatos às suas imagens internas.
7. Tem tendência egocêntrica e egoísta. Suas idéias são comprovadas pelos fatos.
8. O introvertido costuma confundir o eu com o *Si-Mesmo*.

O indivíduo introvertido, quando no predomínio da função sensação, apresenta as seguintes características em sua personalidade:

1. Subjetividade na percepção do estímulo objetivo.
2. Componentes internos se misturam à percepção do objeto.
3. Substituição do objeto por uma reação subjetiva.
4. Conteúdos inconscientes distorcem as impressões sobre os objetos.
5. Há uma quase rejeição ao objeto.
6. A influência do objeto sobre o sujeito é colocada dentro de limites.
7. Tem dificuldade em compreender a si próprio.
8. Vive um mundo irreal, considerando o real banal.

O indivíduo introvertido, quando no predomínio da função intuição, apresenta as seguintes características em sua personalidade:

1. Analisa as coisas por detrás dos fatos.
2. Busca o fim último das coisas.
3. Adquire um conhecimento insuficiente a respeito das coisas.
4. Tem dificuldade em conectar a si próprio, imagens geradas pela percepção dos objetos.
5. Tem tendências a sonhador, a visionário místico e a artista.
6. Muitas vezes se sente incompreendido pelos outros.
7. Geralmente apresenta uma linguagem inacessível.
8. Tem tendências hipocondríacas e compulsivas.

Estes tipos não são estáticos, muito menos se pode resumir a totalidade dos indivíduos a eles. Uma mesma pessoa pode transitar de um tipo a outro em certas fases da vida, ou mesmo durante a vivência de processos decisórios da vida. Enquanto um desses tipos prevalecer, a vida terá seu significado polarizado e o mito pessoal enrijecido pelo viés específico.

Egrégora pessoal

*E*grégora significa espaço sagrado. Ambiente no qual as ocorrências estão relacionadas com o *Self*. Inclui pessoas, objetos, pensamentos, sentimentos e lugares. A *Egrégora* pessoal é o entorno psíquico de cada pessoa. Uma imagem que se assemelha ao conceito de *Egrégora* é o espaço alcançado pela exalação de um perfume, cujo frasco foi aberto. Falar de *Egrégora* pessoal é o mesmo que dizer a respeito do que o indivíduo construiu em torno de si, desde pessoas que atraiu, sentimentos que elicia nos outros, carisma pessoal, etc. A *Egrégora* de uma pessoa contém sua imagem externa, bem como a forma como os outros a vêem.

Cuidar da própria imagem é um dever de todas as pessoas. Não se trata de forjar uma aparência de si mesmo que não seja real, nem tampouco criar um mito em torno de sua personalidade. Trata-se de apresentar-se como a própria personalidade, que está crescendo com o que tem aprendido na adaptação à vida. Construir uma personalidade agradável, madura e segura é algo difícil e requer sacrifícios.

Inclui, não só a forma como a pessoa se relaciona com outras, mas também como se conecta consigo mesmo. Pensamentos, idéias, emoções e sentimentos devem ser educados para um estado de espírito em harmonia com o que se deseja ser. Esse estado de espírito consigo mesmo promove a emissão de freqüência psíquica facilmente

alcançável por outras mentes no mesmo nível, o que determinará boa parte dos eventos que costumeiramente acometem o ser humano. Somos o mundo psíquico que carregamos em nós.

Construir essa *Egrégora* significa formar um ambiente em torno de si, tão agradável como o que se pretende obter para a própria personalidade.

Avaliar a própria *Egrégora* requer uma observação e análise do que orbita em torno de si mesmo. Uma personalidade disponível, segura, amorosa, leve, sábia, certamente terá uma *Egrégora* maravilhosa. O difícil é conseguir ser essa personalidade. Talvez se a pessoa conseguisse se perceber dona de seu destino, imortal enquanto espírito, humilde em seu íntimo e compreensiva ao próximo, alcançasse mais facilmente tal personalidade.

O termo *psicosfera*, comumente utilizado no meio espírita, aproxima-se de *Egrégora*, pois pressupõe emissão de bons pensamentos e de um estado psíquico agradável e harmônico. *Egrégora* transcende a *psicosfera* por incluir o ambiente externo à pessoa, moldado a partir do que ela própria atrai.

A força interior

Há uma força que vem de dentro da alma humana que se confunde com ela mesma. Um poder que a faz realizar a própria existência, lançando o ser no tempo e no espaço, em busca de algo ainda incognoscível. Nada se compara a essa energia que impulsiona seu destino e a lança em direção ao desconhecido. A saga humana se constitui na materialização dessa grande força interior que a impulsiona em direção àquilo que a criou. Essa força, além de inesgotável é comum a todos os seres humanos, sendo fonte constante de poder e criatividade.

Nada é mais poderoso do que essa energia que a impulsiona à criatividade e a manifestar sua essência na natureza à sua volta. O ser humano é um ser criativo e exclusivamente transformador. Suas ações atestam sua necessidade de criar e desenvolver-se através de construções materiais e de experiências em processos subjetivos. Sua natureza espiritual é ansiosamente buscada como se fora seu último destino, sua íntima essência. É essa força que o leva ao encontro do *Si-Mesmo* e à conexão última com Deus.

Essa força interior é algo colocado no íntimo do ser humano pelo seu Criador. Algo que só pode ser visto pelas suas conseqüências e que obriga o ser humano a viver em busca de experiências transformadoras. Essa força é uma espécie de imagem de Deus (*Imago Dei*), que é representada pelos rituais e expressões religiosas de todos os tipos e em todas as culturas, ao longo da evolução humana. A

marca de Deus no ser humano o impulsiona à realização de sua própria essência, graças a essa força interior.

Há uma *Imago Dei* (Imagem de Deus) no fundo obscuro do inconsciente de cada ser humano, independente da consciência de sua existência. Parte constituinte de sua estrutura psíquica, ali foi instituída pela própria geração divina, a fim de que servisse de modelo nas buscas da alma pela sua essência. O ser humano incessantemente, por força dessa *Imago Dei*, vem exteriorizando, ao longo de sua história, através dos rituais, das religiões e manifestações do sagrado, pálidas representações simbólicas, no intuito de entender-se. Seu desejo de entender-se é maior do que sua curiosidade a respeito do mundo externo.

Essa energia impulsionadora encaminha o Espírito na direção de Deus, num encantamento sublime. O ser espiritual anseia por esse divino encontro, enamorado pelos convites a ele dirigidos. Parece que a divindade, propositadamente, torna esse encontro um mistério ansiosamente desejado.

Indo além dos limites racionais impostos pelas experiências da vida, conectando-se à amorosidade que permeia a Natureza, em suas várias expressões, consegue-se sentir a presença divina em tudo que nos cerca. É pelos fios invisíveis do amor à vida e pela consciência de pertencimento à obra de Deus que se alcança o *Si-Mesmo*. É necessário transcender as polaridades da razão e da emoção, para alcançar-se a conectividade com o Criador da vida.

Sua *Imago Dei* o leva a projetar no mundo, fora de seu íntimo, o que entende ser Deus. Ela o leva para fora a fim de se encontrar consigo mesmo. As coisas e experiências com as quais se conecta são elementos simbólicos, representativos de seu mundo interno e da *Imago Dei*.

O ser humano precisa “levantar-se”. Perceber a força que integra a intimidade de seu ser, como sendo sua verdadeira alma. Dar-se conta de si mesmo, assumindo a

construção do destino que a si mesmo pertence. Olhar à sua volta e sentir-se componente de um grande concerto cósmico, junto àqueles que renteiam consigo no dia-a-dia. Deve suavizar sua expressão em comunhão e sincronicidade com a marca divina que pulsa interiormente em seu ser. É fundamental descarregar o fardo do sofrimento constituído ao longo do caminho da vida, pois a leveza e a determinação são estados íntimos necessários durante a jornada.

É importante que o ser humano perceba o quanto a Terra é generosa e abundante quando semeamos pacientemente. A semente a ser plantada para a futura colheita é a da própria individualidade, que florescerá como uma grande árvore com o melhor de si mesmo. Preocupar-se demasiadamente com os revezes da vida, valorizando sobremaneira os fracassos e derrotas, sem extrair lições das experiências vividas é o mesmo que acreditar num paraíso beatífico. A caminhada humana é como uma árvore cheia de galhos nos quais as folhas e frutos que se prendem, simbolizam cada experiência vivida.

A Terra, vista à distância, é apenas uma morada, circunscrita pela dimensão espiritual à sua volta. Não perceber esta dimensão torna-a uma prisão àqueles que não vêem além da vida material. Estes se digladiam por conta da materialidade em que vivem e sem entender os convites de Deus para participar da Vida.

O ser humano não deve se preocupar com o mal, que não é senão um outro nome para aquilo que lhe é obscuro e desconhecido. Deve sentir a vida como uma sinfonia, cuja harmonia é de sua autoria. Sua força interior é Deus que se realiza, cabendo-lhe utilizá-la em cada ato, seja interno ou externo, de seu viver. Cada ser humano deve revelar-se à semelhança de Deus, que o constituiu.

Cada um deve sempre tornar-se o que é em essência, realizando conscientemente seu ser, compreendendo que seu mito é uma representação de seu momento evolutivo.



Glossário

Ânima²⁸. É o aspecto feminino interior do homem. Representa o somatório das experiências do homem com mulheres (mãe, irmã, amiga, esposa, amante, etc.). É a imagem feminina “perseguida” pelo homem. Sua projeção inicial estabelece-se primeiramente na mãe e depois sobre outras mulheres. É uma espécie de *imago* materna que acompanha e influencia o homem por toda sua vida. O homem tende a, inconscientemente, comparar toda mulher, que se apresente a ele, com sua *ânima*. Jung considerava importante o confronto com a *ânima* para o desenvolvimento do homem.

Ânimus. É o aspecto masculino interior de toda mulher. Representa o somatório das experiências da mulher com homens (pai, irmão, esposo, amigo, amante, etc.). É a imagem masculina “perseguida” pela mulher. Jung dizia que “*Como a anima corresponde ao Eros materno, o animus corresponde ao Logos paterno.*”²⁹ “*O animus é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem, e mais ainda, é um ser criativo e engendrador, não na forma da criação masculina.*”³⁰ Tanto quanto da *ânima*, é desejável a

²⁸ Optei por acentuar as palavras *ânima*, *ânimus* e *psiquê* em função da pronúncia que normalmente se utiliza. Conservei a grafia original nas transcrições.

²⁹ C. G. Jung, Obras Completas Vol. IX/2, par. 29.

³⁰ Estudos sobre Psicologia Analítica, Obras Completas Vol. VII, par. 336.

integração parcial do ânimus a fim de auxiliar o indivíduo a lidar com a complexidade das relações com as outras pessoas, assim como consigo mesmo.

Arquétipo. São estruturas virtuais, primordiais da *psiquê*, responsáveis por padrões e tendências de comportamentos comuns. São anteriores à vida consciente. Não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Para Jung, são hereditários e representam o aspecto psíquico do cérebro. São universais, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que produzem. Pode-se percebê-los pelos *complexos* que todos temos, pelas imagens arquetípicas que geram, assim como pelas tendências culturais coletivas.

Complexo. São conteúdos psíquicos carregados de afetividade, agrupados pelo tom emocional comum. São, segundo Nise da Silveira³¹, '*temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes*', e que '*reagem mais rapidamente aos estímulos externos*'. '*São manifestações vitais da psique, feixes de forças contendo potencialidades evolutivas que, todavia, ainda não alcançaram o limiar da consciência e, irrealizadas, exercem pressão para vir à tona.*' São unidades vivas dentro da *psiquê* inconsciente e que gozam de relativa autonomia. Eles se formam no inconsciente, de forma involuntária e a partir das várias experiências da vida. Por vezes somos dirigidos pelos *complexos*. Eles não são elementos patológicos, salvo quando atraem para si excessiva quantidade de *energia psíquica*, manifestando-se como conflito perturbador da personalidade. Os *complexos* têm a facilidade de alterar nosso estado de espírito, sem que nos apercebamos de sua presença constelada na consciência.

³¹ Jung Vida e Obra, Ed. Paz e Terra, 14ª Edição, Rio de Janeiro, 1994.

À semelhança de um campo magnético, não são passíveis de ser observados diretamente, mas por meio da aglutinação de conteúdos que lhes constituem. No âmago de um *complexo* sempre encontramos um núcleo arquetípico. Nossos *complexos* são elementos presentes nas obsessões espirituais.

Ego. É o sujeito da ação consciente. Num certo sentido é o primeiro *complexo* a se formar na consciência, sendo seu centro. Estrutura-se a partir do inconsciente e é, muitas vezes, confundido com o centro organizador e diretor do aparelho psíquico. Conhecer a si mesmo não é conhecer o eu ou *ego*, que só conhece seus próprios conteúdos, mas, também, aquele centro organizador. O processo de desenvolvimento da personalidade, a *individuação*, consiste em diferenciar o *ego* de suas estruturas arquetípicas auxiliares. O *ego*, o *Self* (centro organizador da *psiquê*) e o *ego* onírico (o eu dos sonhos) são instâncias psíquicas diferentes. O *ego* se baseia no *arquétipo* do *Si-Mesmo*, sendo, de certa forma, seu agente no mundo da consciência.

Energia psíquica. É a energia vital que impulsiona o ser humano em seu processo de *individuação*. Através dela, existente na *psiquê* de cada ser humano, vive-se as experiências necessárias para o desenvolvimento da personalidade. É a energia que promove a vida e faz com que ela aconteça. Palavras como desejo, impulso, vontade e instinto, estão diretamente relacionadas ao conceito de *energia psíquica*.

Extroversão. É o movimento promovido pela *energia psíquica* na direção do objeto externo. O sujeito é mobilizado pelo objeto externo, atribuindo-lhe um valor maior do que o que ele tem. Na extroversão, o indivíduo está alienado de si em função do objeto e de toda a subjetividade

que o compõe. Na extroversão, o indivíduo se volta para fora, em direção a seu desejo, subordinando-se às solicitações oriundas do objeto.

Função transcendente. É a função psíquica que permite a geração de um símbolo entre conteúdos inconscientes e conscientes, pela confrontação de opostos. É essa função que permite que os conteúdos do inconsciente possam vir à consciência na forma de símbolos e fantasias.

Imago Dei. É o engrama psíquico, que é representado pelas imagens sagradas de Deus. Tudo que, para o ser humano, representa Deus, é gerado pela *Imago Dei* presente em seu psiquismo. Todos os adjetivos, figuras, representações simbólicas, sentimentos e concepções lógicas ou subjetivas a respeito de Deus são originários da marca impressa no psiquismo humano, denominada *Imago Dei*.

Individuação. É um dos conceitos centrais da Psicologia Analítica de Jung. É o processo de desenvolvimento da personalidade pela diferenciação psicológica do eu. É um processo no qual o *ego* visa tornar-se diferenciado da coletividade, embora nela vivendo, ampliando suas relações. Para se alcançar a *individuação* é necessário se evitar as tendências coletivas inconscientes. A *individuação* respeita as normas coletivas e o individualismo as combate. O contrário à *individuação* é ceder às tendências egocêntricas e narcisistas ou à identificação com papéis coletivos. A *individuação* leva à realização do *Self*, e não simplesmente à satisfação do *ego*. É um processo dinâmico, que passa pela compreensão da finitude da existência material, objetiva, face à inevitabilidade da morte física.

Introversão. É o movimento da *energia psíquica* na direção de conteúdos internos da *psiquê*. É uma espécie

de regressão da libido no psiquismo humano. Na introversão, a pessoa dá mais valor ao seu próprio mundo subjetivo, dando pouca atenção à realidade, isto é, o objeto tem pouco valor em relação ao sujeito.

Movimento Espírita. É o conjunto das pessoas e instituições que se dedicam ao estudo, à prática e à divulgação do Espiritismo, codificado por Allan Kardec. Compreende também o conteúdo do conjunto da literatura a respeito do Espiritismo, não produzida por Allan Kardec. Inclui-se no Movimento Espírita a Imprensa, em todas as suas modalidades, e demais órgãos dedicados à união das instituições espíritas.

Persona. É um *complexo funcional* que permite ao *ego* apresentar-se e adaptar-se a situações externas ligadas à convivência. O termo *persona* deriva das máscaras que os atores gregos usavam para os diversos papéis ou personalidades que interpretavam. É o aspecto ideal do eu que se apresenta ao mundo e que se forma pela necessidade de adaptação e convivência pessoal. É o que se pensa que é. Muitas vezes a *persona* é influenciada pela *psiquê* coletiva, confundindo nossas ações como se fossem individuais. Ela representa um pacto entre o indivíduo e a sociedade, sendo um conjunto de personalidades ou uma multiplicidade de pessoas numa só. A identificação do *ego* com a *persona* provoca o afastamento de nossa identidade pessoal, isto é, corremos o risco de não sabermos quem realmente somos. Somos, ao mesmo tempo, seres individuais e coletivos, pois temos uma natureza singular como também temos atitudes que nos confundem com a coletividade.

Personalidade. É a atitude externa de uma pessoa, em determinado ambiente, que envolve seu caráter, princípios, valores, sentimentos e demais aspectos acessórios,

característicos da individualidade. Na personalidade de um indivíduo, estão incluídos seus processos conscientes e os inconscientes, bem como tudo que envolve sua vida de relações. A personalidade de uma pessoa inclui sua individualidade, isto é, o Espírito que ela é. A personalidade não é a individualidade. Enquanto esta evolui, desenvolvendo-se ao encontro do *Si-Mesmo*, aquela é mutável a cada nova encarnação.

Psiquê. O mesmo que aparelho psíquico. Representa a totalidade das funções psíquicas e todos os processos que envolvem o deslocamento de energia a serviço do processo de *individuação*. Engloba não só os processos conscientes e inconscientes como também aqueles que fogem ao domínio imediato da realidade. Nele se encontram os opostos que anseiam em se completar. Jung dizia que a *psiquê* é o princípio e o fim de todo o conhecimento, é o objeto e o sujeito da ciência. São quatro os níveis da *psiquê*: consciência pessoal, inconsciente pessoal, consciência coletiva e inconsciente coletivo.

Self. É o *arquétipo* da totalidade, isto é, tendência existente no inconsciente de todo ser humano à busca do máximo de si mesmo e ao encontro com Deus. É o centro organizador da *psiquê*. É o centro do aparelho psíquico, englobando o consciente e o inconsciente. Como *arquétipo*, se apresenta nos sonhos, mitos e contos de fadas como uma personalidade superior, como um rei, um salvador ou um redentor. É uma dimensão da qual o *ego* evolui e se constitui. O *Self* é o *arquétipo* central da ordem, da organização. São numerosos os símbolos oníricos do *Self*, a maioria deles aparecendo como figura central no sonho.

Si-Mesmo. É a individualidade humana, completamente desvestida dos aspectos coletivos inerentes à personalidade. É o Espírito, enquanto essência, princípio

inteligente individualizado. O *Si-Mesmo* se realiza através do *ego*, isto é, na consciência, atualizando o *arquétipo* do *Self*. O *Si-Mesmo* é a essência do ser humano, princípio divino que se manifesta através da personalidade.

Sincronicidade. É o conceito usado por Jung para designar dois ou mais eventos que parecem ter uma correlação, sem que se encontre um nexos causal entre eles. É um princípio de conexões *acausais*. Na ocorrência de fenômenos sincronísticos, o tempo e o espaço são reduzidos a vetores secundários, não quantificáveis. Tais eventos são chamados de fenômenos da *coincidência significativa*. Jung dizia que os fenômenos da *sincronicidade* “mostram que o não-psíquico pode se comportar como o psíquico, e vice-versa, sem a presença de um nexos causal entre eles”. Os eventos ligados aos fenômenos da percepção extra-sensorial são considerados por Jung como sendo da *sincronicidade*.

Sombra. Representa o que não sabemos ou negamos a respeito de nós mesmos. A *sombra* é o *arquétipo* que representa os aspectos obscuros da personalidade e desconhecidos da consciência e que estão mais acessíveis ao *ego*. Normalmente temos resistência em reconhecer e integrar a nossa *sombra*, o que nos leva inconscientemente às projeções. Essa integração é geralmente feita com relativo esforço moral. A *sombra* representa o que consideramos mal e não nos damos conta de que nos pertence, fazendo parte de nós tanto quanto o bem. A *sombra* contém o bem e o mal desconhecidos ou negados em nós, ou que não foram conscientizados. Portanto, é acertado dizer-se que a *sombra* contém também qualidades boas. Ela dá lugar à *persona* por uma necessidade de adaptação social. Sua exposição torna o indivíduo inadequado e inviabiliza sua convivência harmônica. Nos sonhos, a *sombra* costuma aparecer como personagens do mesmo sexo do

sonhador, muitas vezes em atitudes aversivas ou como alguém conhecido e antipatizado por ele. Temos uma tendência a projetar as características pessoais da *sombra* nos outros, considerando-os moralmente inferiores. Reconhecer a própria *sombra* é um grande passo no processo de *individuação*. A *sombra* se opõe à *persona* e ambas se relacionam num regime mútuo de compensação.

Supra-arquetípico. São tendências divinas a que todo ser humano está sujeito, além daquelas internas, direcionadas pelos *arquetipos*. É aquilo que obedece a leis universais, por enquanto, sem qualquer possibilidade de manipulação pelo humano. O *supra-arquetípico* é aquilo que limita o ser humano, impossibilitando-o de fazer ou ser diferente. O *supra-arquetípico* é o Divino que a tudo permeia.